

SOMNIUM

Revista do Clube de Leitores de Ficção Científica — Mar/Jun 92 — nº 56



SOMNIUM®

ANO 7 - Nº 56
MAR - JUN 92

EDITOR
R. C. NASCIMENTO

CONSELHO EDITORIAL
LUIZ MARCOS DA FONSECA
HUMBERTO FIMIANI
RUBENILDO PITHON DE BARROS
RUBY F. MEDEIROS

TIRAGEM
200 EXEMPLARES

CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

São Paulo

Caixa Postal 2209 - Ag. Central
São Paulo SP, 01060-970

Rio de Janeiro

Al. dos Instrutores / Bl. A / 401, Urca
Rio de Janeiro RJ, 22291-140

Porto Alegre

Rua Duque de Caxias 1531/91
Porto Alegre RS, 90010-000

CLFC

SFWA

INSTITUTIONAL MEMBER

1991

ÍNDICE

Somnium e é o clubzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC.

Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria ou da Diretoria do CLFC. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC foi fundado em São Paulo (SP) aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob Nº 79.416/86.

Sua Diretoria para o biênio 92/93 está composta pelos sócios:

Luiz Marcos da Fonseca (Araraquara, SP)
Presidente

R. C. Nascimento (São Paulo, SP)
Secretário Executivo

Humberto Fimiani (São Paulo, SP)
Tesoureiro

Toda correspondência para esta publicação deverá ser encaminhada para:

Caixa Postal 2209 - Ag. Central
São Paulo, SP
01060 - 970

3 EDITORIAL

4 CARTAS

JORNAL DA FC

7 NOTICIÁRIO NACIONAL

16 NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

23 PONTO DE VISTA

RESENHA

23 QUEM TEM MEDO DE P. K. DICK ?

ARTIGOS

27 FANZINES - PARENTES POBRES DAS REVISTAS ?

30 ISAAC ASIMOV

39 TRIBUTO A UM MITO

40 DINOSSAUROS I

48 NÊMESIS - FATO E FICÇÃO

CONTOS

52 INSTANTE DE RUPTURA

56 ARREPENDIMENTO

57 QUE TAL FERVER UM POUCO DE ÁGUA PARA FAZER UM CHÁ GELADO ?

60 PEQUENO NOVELO DE HISTÓRIAS

65 MENSAGEM AO FANDOM BRASILEIRO

CRÔNICAS DO ANDRÉ

68 FC, LITERATURA DE ENTRETENIMENTO ?

70 TREKKER'S CORNER

74 ROBOZÉ

ILUSTRAÇÕES: vide página 72.

Lamentavelmente existem no fandom aqueles que defendem a idéia de que voluntários não devem ser cobrados por resultados com relação às responsabilidades que assumiram por sua própria escolha; mais lamentavelmente ainda, existem aqueles que assumem determinados compromissos mas não os cumprem, achando que pelo fato de serem voluntários não precisam cumprir prazos, nem atingir determinados níveis de qualidade, nem fazer sacrifícios.

Temos ouvido coisas como "eu faço o que posso, quando posso", como se isto justificasse tudo. Não justifica. Fazer-se o que se pode e quando se pode não pressupõe mérito; isto qualquer um faz. O mérito está justamente no fazer bem feito e cumprir prazos superando limitações, ultrapassando barreiras, fazendo sacrifícios.

Ao assumirem a editoria do Somnium sem terem condições para isto, os dois últimos editores meteram-se numa aventura que atirou este boletim num brutal processo de desgaste, jogando por terra anos de trabalho e esforço na construção de uma reputação que ultrapassou nossas fronteiras e o colocou no mesmo patamar das melhores publicações do gênero em todo mundo.

O resultado desta atuação foi a perda de assinantes, a publicação de apenas três números em 1992 -- quando deveríamos ter tido seis números publicados, o prejuízo financeiro acarretado -- os custos de publicação e remessa postal aumentaram muito mais do que o parco rendimento financeiro obtido pela aplicação das assinaturas recebidas e, o que é mais grave, a perda de prestígio e de confiança.

Mesmo tendo sido refeito o cronograma de publicações para 1992 (vide Informativo Mensal nº 15, de agosto de 1992) -- dando ao editor prazo mais que suficiente para apresentar resultados, e comprometendo a Diretoria junto ao corpo Social -- não só o editor não cumpriu o compromisso assumido como reteve todo material da editoria, durante dois meses, apesar das insistentes tentativas de se ter de volta este material para que pudessemos resolver o problema.

Quando finalmente conseguimos o material, este estava totalmente desorganizado, com vários arquivos em disquete literalmente inaproveitáveis, com vários trabalhos sem identificação de autoria e com a falta de várias das seções regulares do boletim, demonstrando que o editor não teve a menor preocupação técnica e administrativa com o Somnium.

Bem, agora é arregañar as mangas e começar tudo de novo. Aos assinantes, nossa garantia de que receberão todos os números pagos; aos colaboradores, nosso pedido de que retomem o envio de trabalhos para avaliação; a todos, nossas desculpas por todo este transtorno e que tenham um pouco de paciência até que possamos regularizar definitivamente nosso cronograma.

Finalmente, nossa insistência de que não há nada mais falso do que a tese de que um voluntário não deve ser cobrado por resultados. Ao se apresentar, um voluntário recebe a tarefa que pediu ou aceita a que lhe foi oferecida, e deve cumpri-la a todo custo e da melhor forma, pois assumiu responsabilidade por ela e todos estão contando que será feita e bem feita. Voluntariado não é incompatível com responsabilidade, dedicação e sacrifício; ao contrário, é sinônimo.

É preciso acabar definitivamente com a idéia de que um voluntário não tem compromissos com prazos ou qualidade do trabalho. Tem sim, pois ofereceu-se e todos estão contando com ele e com o resultado de sua atuação.

Sr. Editor

Está sendo criado mais um Círculo de Interesse, desta vez em RPG. Para melhor esclarecer os leitores do Somnium, permito-me fazer alguns esclarecimentos básicos a respeito.

Os Roleplaying games (RPG) surgiram nos EUA, na década de 70, como uma evolução natural dos jogos de estratégia (dos quais o "War" é um exemplo razoável). São jogos em que um personagem age dentro de uma trama maior, desenvolvida por um "Mestre do Jogo" (Game Master). É o Mestre que oferece opções aos jogadores, descreve os cenários, dilemas e perigos que seus personagens enfrentam. Os jogadores, por sua vez, devem tomar decisões baseadas nas informações oferecidas pelo Mestre, e reagir de acordo com a personalidade dos personagens que interpretam. Assim, um jogador que interprete um ladrão dificilmente poderá se permitir um comportamento honesto durante o jogo; um "Cavaleiro Jedi", por sua vez, jamais poderá praticar o mal, sob pena de ceder ao "Lado Negro".

Não falei em "Cavaleiro Jedi" à toa; como os RPGs são, basicamente, aventuras que se desenrolam em cenários definidos pelo Mestre, é bastante possível que um desses cenários acabe sendo o "Império de Star Wars", ou a "Federação de Planetas Unidos", ou o universo de animais elevados à racionalidade, de David Brin. Na verdade, existem muitas publicações definindo regras específicas de jogos para determinados cenários de FC. A maioria dos RPGs se passa exatamente em reinos de fantasia como o de Tolkien, ou em arrojadíssimos cenários de FC.

É por isso que Adriana e eu estamos dando início ao Círculo de Interesse em Roleplaying Games (CI-RPG). Pretendemos lançar brevemente um fanzine específico sobre o tema. Aos sócios que se sentirem interessados ou curiosos pelo assunto, pedimos que escrevam ou liguem para um de nós -- ou para o CLFC, que encaminhará as cartas aos organizadores: Adriana Simon (Rua Peixoto Gomide 1772/31, São Paulo SP, 01409-002 - Tel. (011) 64-4150) ou Carlos Orsi Martinho, Rua Joaquim P. de Oliveira 330, Jundiá SP, 13200-470 - Tel (011) 814-5697).

Carlos Orsi Martinho

Esperamos que esta iniciativa tenha sucesso. Asseguramos desde já todo apoio e espaço em nossas publicações para divulgação das atividades do novo CI. Aproveitamos a oportunidade para convocar os responsáveis pelos demais CIs para entrarem em contato com a Secretaria Executiva para definirem suas atividades para 1993.

Caro Lúcio Manfredi

Em primeiro lugar, gostaria de parabenizá-lo pela ótima resenha "Sobra Rigor e Faltam Idéias em Crítica de Jesus Assis". Ela me fez refletir sobre o preconceito que existe à FC por leigos. O conceito de FC vem sofrendo distorções, principalmente em um país como o nosso, onde a informação costuma ser usada para controle de massa, e não para informar. Sinto-me profundamente chateado quando, em uma videolocadora por exemplo, alguém vê um cartaz de um cyborg em decomposição ligado por tubos luminosos a um computador (caixa de luzinhas coloridas) de alguma produção z qualquer, e diz que por coisas assim, não gosta de FC. Tento dizer que aquilo não é FC de qualidade, mas sim uma caça-níquel de máscara. "Mas Guerra nas Estrelas é meio bobinho..." "É mais fantasia do que FC propriamente dita, mas mesmo assim um belo filme", argumento.

Por isso, pessoas que nunca ouviram falar em Asimov, Clarke, Lem, Heinlein, Card ou Dick, tendem a achar toda a FC uma idiotice. Mas parece haver unanimidade quanto a "E.T.", o extraterrestre de Spielberg. "Ah, mas E.T. é diferente! É legal!" É uma boa FC, temperada com fantasia.

Apesar da vasta cultura de Jesus de Paula Assis, esta não o impediu de ser afetado pelo que poderíamos chamar de vírus HFC (Hostilidade à Ficção Científica). Algo similar aos vírus de computador, apesar de grandes memórias com vastos acervos de conhecimento, tais máquinas, que nem sempre são meras caixinhas de luzes coloridas, não são imunes a tais vírus, que podem levá-las até mesmo a auto-destruição.

Por isso, dou todo o meu apoio às palavras de sua resenha. Gostaria apenas de fazer uma pequena ressalva quanto ao final de "Total Recall" (recuso-me a usar o seu título nacional). Assistindo recentemente ao "ensaio" cinematográfico "Dark Star", de John Carpenter e roteiro deste mais Dan O'Bannon, pude perceber que este último, além de um grande gozador, é um conhecedor verdadeiro de FC. É certo que a nave faz barulho no espaço, é mais veloz que a luz, ... mas a Enterprise também ! O que mais chamou minha atenção foi a conversa com aquele corpo em estado criogênico. Instantaneamente fui remetido ao conto "O que os mortos têm a nos dizer", de Dick.

Com o tempo, "Dark Star" virou "Alien". Este proporcionou a parceria de O'Bannon com Moebius para a HQ "The Long Tomorrow", que mais tarde se transformaria nos cenários de "Blade Runner", ou seja, uma feliz e indireta ligação Dick-O'Bannon. Isso vem a provar que O'Bannon conhece a obra de Dick, como você mesmo comentou. Está claro que há muito mais em "Total Recall" do que "Recordações por Atacado". O personagem central de "Síndrome de Fuga" por exemplo, tal como o de "Total Recall", se questiona o tempo todo se o que está vivendo é uma realidade ou alucinação terapêutica.

Até aí, tudo bem. A ressalva se aplica ao final hollywoodiano citado. É verdade que infelizmente Hollywood vem impondo seu padrão ao mundo inteiro. Muita gente detesta filme europeu (ou brasileiro mesmo), porque vários destes ainda não foram contaminados por Hollywood. Mas é lógico que nos EUA o padrão irá se impor por boas décadas à frente. Aquelas memórias por atacado do filme, são uma espécie de cinema do futuro. Altíssima tecnologia aplicada à mente, mas a estrutura fílmica de Hollywood ainda presente. A aventura que Quaid escolheu para viver em Marte parece mistura de James Bond com Flash Gordon. Com final apoteótico, beijo na mocinha e tudo mais. "Total Recall" não poderia ser diferente. Tinha que seguir o que Quaid escolheu na "REKALL" para causar a dúvida. Não achei a conclusão do filme tão otimista assim. Quando Quaid beija Melina, num recém criado paraíso, surge a pergunta: "E se tudo isto não for um sonho?" Você mesmo não disse que o ponto final das histórias de Dick é sempre um ponto de interrogação ? Esse detalhe me fez repensar todo o filme e considerá-lo excelente, apesar das falhas como comunicação instantânea Terra-Marte, cúpulas não blindadas, vácuo na superfície marciana, etc, etc e mais etc. Tudo que acontece após a ida de Quaid à "REKALL" pode ser um sonho, sua aventura no planeta vermelho. Ele não escolheu ser um agente secreto ? Não escolheu o tipo físico de Melina por um computador ? Não escolheu encontrar artefatos extraterrestres pré-históricos ? Não escolheu ser um libertador de oprimidos ao final ? E o que aconteceu então ? Exatamente isso ! Sonho ou realidade ?

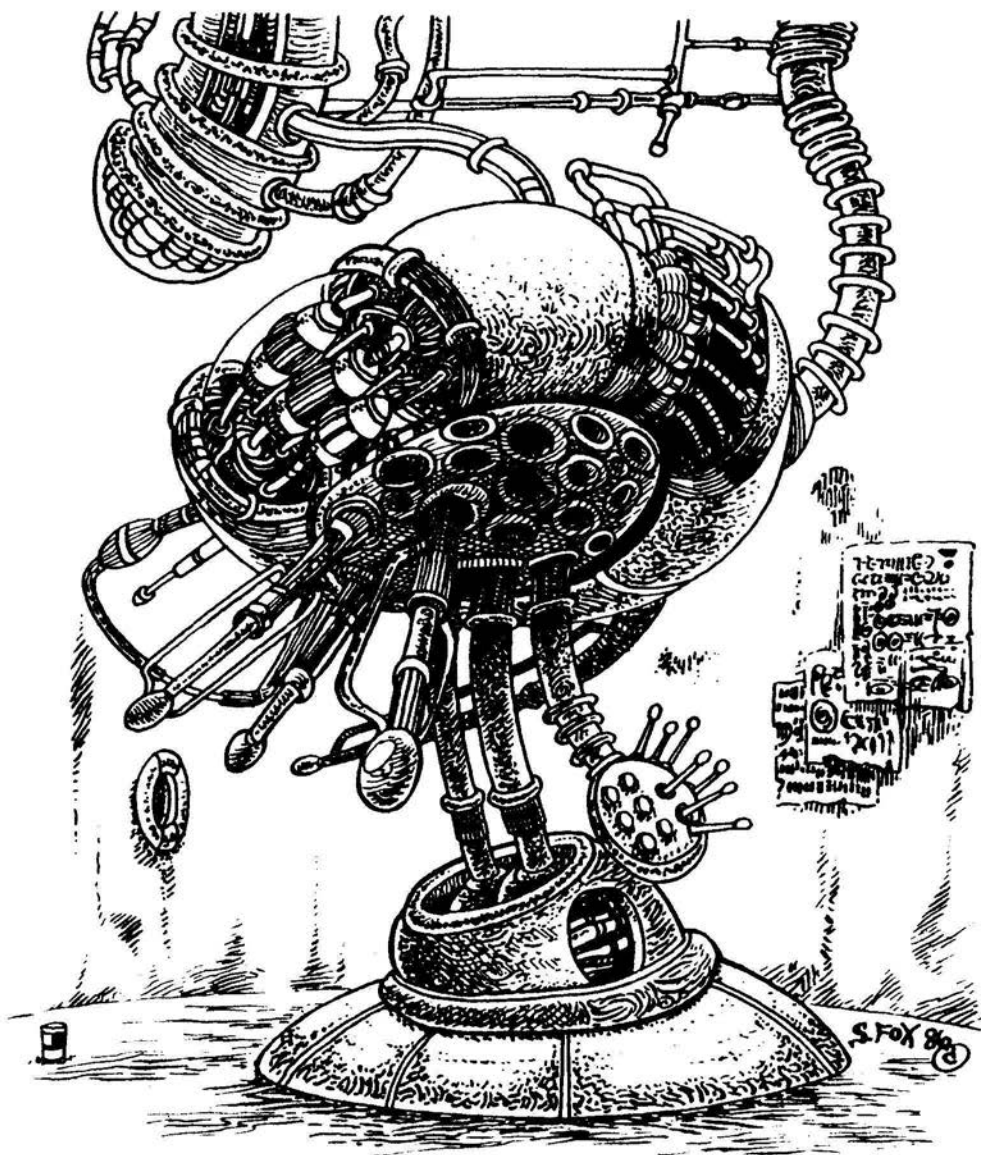
Para fãs de Schwarzenegger que foram ao cinema para verem apenas os seus músculos, certamente consideraram o filme confuso. Mas acreditaram que a aventura do herói era verdadeira. Para os mais atentos, fica a dúvida. O ponto de interrogação característico dos finais de Philip K. Dick. O'Bannon, mesmo sobre pressão de produtores, não descaracterizou a obra do autor. Dá até para fazer uma comparação entre "Total Recall" e "Era Uma Vez na América", de Sérgio Leone. O que acontece realmente quando o personagem de Robert De Niro vai fumar ópio ? Viagem ou realidade ?

Com a cópia original de "Blade Runner" chegando, haverá uma interrogação mais interessante do que a de quanto tempo Rachel viveria com Deckard : "Será Deckard também um replicante ?"

Acredito que filmes como "Blade Runner" e "Total Recall" renderão muitas interpretações ainda. Mas o que seria de um filme que fosse esquecido tão logo as luzes do cinema se acendam (ou a da TV ligada ao vídeo se apague) ?

Edilson Rodrigues Palhares

O Lúcio não enviou sua resposta juntamente com esta carta; de qualquer modo, sempre poderá fazê-lo a qualquer tempo.



NOTICIÁRIO NACIONAL

O QUE VAI POR AÍ

* Roberto Francisco Fideli Causo, filho de Finisia Fideli e Roberto Causo, nasceu às 23:23 horas do dia 27/04, na Maternidade Pró-Matre, em São Paulo (SP). Seu nome é uma homenagem aos avós Roberto Causo e Francisco Fideli. Parabéns, Finisia e Roberto, e que este garoto tenha uma vida longa e próspera.

* As 57ª e 58ª reuniões mensais do "Clube de Ficção e Divulgação Científica Frota Estelar Brasileira" foram realizadas no Sesc-Carmo em 14/03 e 11/04, respectivamente, com uma diversificada programação que incluiu, entre outras, além de apresentação de vídeos, palestras e sorteios, a lacração de uma "cápsula do tempo" contendo material diverso e a ser aberta em 2002. O comparecimento de fãs tem sido muito grande nestas reuniões da Frota, por sinal muito bem organizadas.

A 59ª reunião mensal foi realizada em 09/05, no Sesc-Carmo, com programação variada na qual se incluíam apresentação de episódio de ST, palestra, debates e lançamento de livro.

Já no período de 01 a 06/06 foi realizada uma "Semana da Frota Estelar", também chamada de 60ª Convenção Estelar, comemorando o terceiro aniversário do grupo. Lançamento de livro, apresentação de episódios de ST, debates, palestras, mostra de arte, fundação da biblioteca da Frota, e festa de confraternização.

No decorrer da 12ª Bienal Internacional do Livro, a Frota Estelar manteve um balcão junto ao stand da Livraria Forbidden Planet, além de uma intensa programação no dia 29/08.

Parabéns aos dirigentes e membros da Frota Estelar, e votos de muito sucesso em todas as suas iniciativas. Os interessados em conhecer maiores detalhes escrevam para Caixa Postal 14592, São Paulo SP, 03698.

* A Editora Globo trouxe para São Paulo a exposição "A Balada do Tex", que fez muito sucesso durante a 1ª Bienal Internacional de HQ realizada no Rio de Janeiro em novembro de 91. Instalada no Sesc-Pompéia a partir de 14 de março, a exposição fez tanto sucesso quanto se esperava.

Já a "Mostra Paulista da I Bienal Internacional de Quadrinhos", realizada de 25/03 a 05/04 no mesmo local, fez enorme sucesso com suas palestras, encontros com artistas e editores, jogos RPG, lançamentos, seções de vídeos, atividades infantis, feira de trocas, workshop de caricaturas e outras atividades variadas.

* Nelson Nicolai, organizador da conhecida antologia "Labirintos do Amanhã", e que vem prestigiando com sua presença nossas reuniões mensais, garante que aquele foi o primeiro e único volume da "Coleção Mitos", o que acaba de vez com o mito de que certo sócio teria outros números daquela série.

* A obra de André Carneiro, com destaque para sua poesia, está sendo o tema de uma tese de mestrado, em preparação por Osvaldo Duarte, para ser apresentada junto à cadeira de Teoria Literária da UNESP.

- * Resultado do Prêmio Nova de 1991, que nesta edição teve alteradas as regras de votação, ampliando o quadro de eleitores para abranger o fandom de forma geral :

Melhor Livro de Autor Nacional
Linha Terminal, Jorge Luiz Calife, (GRD)

Melhor Livro de Autor Estrangeiro
Orador dos Mortos, Orson Scott Card (Aleph)

Melhor Ficção Curta Nacional
Patrulha Para o Desconhecido, Roberto Causo (IAMP 14)

Melhor Ficção Curta Estrangeira
O Jogo do Exterminador, Orson Scott Card (IAMP 14)

Melhor Ficção Curta Amadora
Tocar os Anjos
Roberto Causo (Somnium 53)

Melhor Ilustrador
Roberto Causo (IAMP)

Melhor Ilustrador Amador
Roberto Schima

Prêmio Especial de Ensaio e Crítica Nacional
Bráulio Tavares

Melhor Fanzine
Somnium (Carlos Morés, editor)

Entre os votantes foi sorteada uma coleção completa com os 19 volumes da primeira coleção GRD, e o ganhador foi Jocélio Tadeu Hoffel Maciel, de Curitiba (PR).

- * Resultado do Prêmio Tapiraf 1992, promovido e organizado pelo fanzine Megalon com o objetivo de incentivar e divulgar a ficção científica, horror e fantasia no país; o prêmio é votado pelos leitores do Megalon, e concorrem trabalhos amadores publicados nos fanzines e publicações independentes no ano anterior :

Melhor Conto : Tocar os Anjos, Roberto Causo
Melhor Ilustrador : Roberto Schima
Melhor Resenhador : Gilberto Schoereder
Melhor Editor : Marcello Simão Branco (Megalon)

- * Aconteceu em 14/06/92, em Santo André (SP), a HiperCon I - Primeira Convenção Hiperespaço de Santo André, organizada por Cesar R. T. Silva (editor do antigo fanzine Hiperespaço). Com uma programação intensa das 09:00 às 19:00 horas, contou com uma pequena mais participativa presença de fãs. Como eventos paralelos, uma mostra de arte e exposição de livros na ante-sala do auditório da PMSA, e uma mostra de vídeo que aconteceu no período de 06 a 28/06. Principais atividades :

- Palestra de Rubens Teixeira Scavone, tendo por tema "A Posição da FC na Literatura"; como de hábito, uma conferência fascinante em que brilhou a erudição do apresentador;

- Debate com a presença de editores nacionais de FC, entre os quais Gumercindo Rocha Dórea e Ronaldo de Biase, do qual participaram ainda André Carneiro, Rubens Teixeira Scavone e Luiz Marcos da Fonseca;

- Palestra do Escritor André Carneiro, tendo por tema "A Importância da FC Face à Presença da Ciência na Vida Moderna"; como sempre, uma conferência permeada pela erudição, bom humor e simplicidade cativantes deste mestre da FC nacional;

- Painel com a presença dos autores premiados no concurso Jerônimo Monteiro de FC, promovido pela IAMP, Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto Causo, quando se teve a oportunidade de conhecer o ponto de vista de cada um sobre seu trabalho e perspectivas no mercado editorial nacional;

- Entrega dos prêmios Nova e Tapiraí.

- * A Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo realizou no dia 30/05, com o apoio da Gibiteca Municipal Henfil, o debate "O Autor Nacional e a Produção de Quadrinhos Para o Exterior". Participaram dos debates autores importantes como Arthur Garcia, Cariello, Hector Gomez, Kipper, Marcelo Campos e Watson Portela.

A AQC também estará publicando um volume especial com trabalhos de associados e quadrinistas em geral, versando sobre as Olimpíadas. É o primeiro volume de uma série intitulada AQC-ESP que pretende reunir trabalhos temáticos.

Ainda dentro das atividades da AQC, foi inaugurada uma "Oficina de Roteiro e Arte de Quadrinhos de Ação", orientada por Klebs Júnior e com apoio da Gibiteca Municipal Henfil, com duração de três meses.

- * A Editora "Ao Livro Técnico" está lançando a coleção "Encontros Especiais", dedicada à Ficção Científica. De acordo com o release emitido pela editora, estão incluídos na coleção :

- Os Semeadores da Via Láctea (Paulo Rangel, prêmio literário da UBE)
- Algum Lugar, Lugar Nenhum (Júlio Emílio Braz)
- A Visita (Ieda de Oliveira)
- Megalópolis (Júlio Emílio Braz)
- Céu Vermelho (Júlio Emílio Braz)

- * O fanzine "... E No Próximo Episódio..." realizou, em conjunto com o Museu da Imagem e do Som, de 13 a 15/05, como parte da mostra "Oldies", a exibição de episódios dos antigos seriados de TV "O Besouro Verde", "Zorro" e "Vigilante Rodoviário".

FÃS & ZINES

- * Jane Terexinha Mondelo de Souza, a incansável guerreira portoalegrense, escreve para me puxar as orelhas e dizer que o nome correto do concurso promovido pelo CFCA é "Prêmio Nacional de Ficção Científica Fausto Cunha", e não como noticiado anteriormente. Fica a correção.

Informa ainda minha amiga Teca que, a partir de uma conversa com "o nosso bom doutor" Ruby, a quem deve ser creditada a idéia original, foi criada a "Escola-Laboratório de Literatura Sulriograndense" - ELLS, cujos objetivos são (1) realizar encontros, palestras e cursos que oportunizem o aperfeiçoamento individual dos participantes; (2) intercambiar publicações em geral, como fanzines, jornais, revistas e livros, com leitores, escritores e entidades, e (3) desenvolver laboratórios de ficção científica, ficção policial, ficção social, literatura épica e poesia, visando o surgimento de novos talentos.

Uma iniciativa a ser prestigiada e à qual desejamos sucesso total. Os interessados em maiores detalhes escrevam para Av. Ipiranga 1865 Apto. 03, Porto Alegre RS, 90060.

* **Cassilda Maria Velloso (CLFC0358)** deseja entrar em contato com outros sócios que se interessem por arqueologia. Os que desejarem manter contato por favor escrevam para Rua Alfredo Luiz Ratton 133, São João del-Rei MG, 36300.

* **Roberto Schima, Cesar R.T. Silva e Marcelo Vieira** são os três ilustradores brasileiros com trabalhos publicados na edição nº 14 do Fandom Directory 1992/93 com, respectivamente, três, duas e uma "spot illos". Parabéns a todos, e que continuem divulgando seu talento com sucesso.

Schima também teve mais duas "spot illos" publicadas no número 6 do fanzine norteamericano "Tand", editado por Mark Manning (Seattle, WA), dando continuidade ao esforço de divulgação de sua arte no exterior.

* **Paulo Rangel**, membro do CLFC-Rio, obteve o 1º lugar, categoria Adulto, do Concurso Nacional de Texto Teatral "Descobrimiento da América - A História Que Não Foi Contada", promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e SESI, com o texto "Colombo no Banco dos Réus". Paulo venceu 29 concorrentes e seu trabalho foi escrito depois que se associou ao CLFC, "prova que a oficina literária está funcionando", como ele mesmo destaca. Parabéns, Paulo, e que este seja o primeiro de muitos prêmios.

* **Bráulio Tavares** mais ativo do que nunca anuncia, juntamente com sua **Emília**, a chegada de **Gabriel** no dia 29 de agosto; garotão saudável e batendo a marca dos quatro quilos, já desorganizou os horários mas deixa os pais orgulhosos e corujas.

Seu romance para a **Rocco** está em câmara lenta devido a outros compromissos como alguns trabalhos para a **Globo**, entre os quais textos para o "Programa Legal" e colaboração no roteiro do especial de fim-de-ano da emissora, um auto-religioso nordestino-medieval intitulado "Auto da Luz" -- foi ao ar num dos capítulos da novela "Pedra Sobre Pedra", com muito sucesso, e agora sendo expandido.

No teatro, **Bráulio** teve um texto em cartaz no Teatro Hilton em São Paulo, chamado "Brincante", escrito em parceria com **Antonio Nóbrega**. Trata-se de um espetáculo nordestino-medieval -- virou idéia fixa, com muita música e humor.

Além de ter sido convidado pela "Editora 34" do Rio de Janeiro para coordenar uma coleção de FC que pretende ter pelo menos dois títulos editados em 1993, **Bráulio** escreveu um verbete sobre a FC brasileira para a nova edição da enciclopédia de FC que está sendo preparada por **Peter Nicholls**.

* **Paulo Elache Ribeiro Duarte**, responsável pela organização do CLFC no Vale do Paraíba, garantiu uma página inteira para a divulgação do clube na Revista Rhodia nº 336 (jul/92). Gratos pela força.

* **Antares** nº 51, ago-set/91, 18 páginas, ofício, xérox. Publicação do CFCA de Porto Alegre, traz contos de **Miguel Carqueija** e **Alice Alves**, ensaio intitulado "Sobre a Estrutura do Texto Literário", texto de **Jane Terezinha Mondelo de Souza** apresentado na aula inaugural do workshop de FC realizado em junho de 91 em Porto Alegre, e ainda resenhas, noticiário e seção de cartas; ilustrações de **Shima** e **Causo**.

Antares nº 52, out-nov/91, 20 páginas, A-5, xérox. Ensaio intitulado "A Narrativa Literária", texto de **Alice S. Alves** apresentado durante aula proferida no decorrer do mesmo workshop referido acima, e ainda dois

contos de Miguel Carqueija, resenhas, noticiário e seção de cartas; ilustrações de Shima, Guilherme T. Alves e Reinaldo Hann.

Antares nº 53, dez/91, edição especial de Natal, 22 páginas, formatinho, xérox. Publicação do CFCA de Porto Alegre, traz contos de Carqueija e Calife, artigo de Alice Sardinha Alves sobre "A Lógica das Narrativas", artigo sobre Poe e trabalhos de pesquisa sobre contos e artigos de FC na revista Planeta, ambos por Ruby F. Medeiros, resenhas e notícias.

Antares nº 54, jan-fev/92, 18 páginas, ofício, xérox. Primeira publicação conjunta do CFCA e CLFC-RS. Contos de Carqueija, Sérgio Henrique Martins e Alyne Leite, artigo também de Carqueija, trabalho de pesquisa de Ruby F. Medeiros, notícias, cartas e a primeira parte de uma novela de fantasia assinada por Zinek. Av. Ipiranga 1865 Apto. 03, Porto Alegre RS, 90060.

* **Vortex nº 4**, mar/92, duplo ofício, 14 páginas, xérox. Fanzine dedicado ao cinema fantástico, editado por Renato Rosatti, trazendo artigos (Calife, Marcello Simão Branco e Renato Rosatti), ensaio sobre "O Exterminador do Futuro" (Causo), conto (Calife) e ilustrações (Schima, José Carlos Neves e Cesar R. T. Silva). Pode ser encomendado à Rua Irmão Ivo Bernardo 40, São Paulo SP, 04773. Uma publicação a se prestigiar.

* **Diário de Bordo nº 9**, A-4, 20 páginas, editoração eletrônica, capa em duas cores, ofsete, grampos na lombada; traz entrevistas com astros da série clássica e curiosidades.

Diário de Bordo nº 10, A-4, 20 páginas, editoração eletrônica, capa em papel couchê e duas cores, ofsete, grampos na lombada; este número é inteiramente dedicado a biografias de Star Trek Vips da nova e velha gerações.

Produção profissional da "N2 Cultural e Editorial" publicada sob permissão da Frota Estelar Brasileira, já alcançou aparência e diagramação impecáveis; agora, é cuidar do conteúdo -- escapando do enfadonho lugar-comum de todas as publicações trekkers que têm aparecido nos últimos anos.

Trekker-Cultura nº 4, publicação da Frota Estelar Brasileira, ofício, uma única página, ofsete. Publicação de divulgação cultural, traz neste número o poema "The Tiger", de William Blake (original e sua tradução por Susana Lopes de Alexandria), cujos dois primeiros versos são declamados por Spock no episódio "Charlie-X".

Trekker-Cultura nº 5, ofício, uma única página, ofsete, traz neste número o poema "The Raven", de Edgar Allan Poe, cujo primeiro verso é declamado por Spock no episódio "Charlie-X". Original, tradução e comentários por Susana Lopes de Alexandria; publicação interessante e que esperamos tenha continuidade.

Trekkerbiografia nºs 1 e 2, ofício, uma só página, ofsete, assinada por Shirley Santos e Luis Carlos. No primeiro número, cuida de dados biográficos de William (Kirk) Shatner ... claro ! e, no segundo, de Patrick (Picard) Stuart. Da mesma forma, uma publicação de interesse para trekkers em geral.

As publicações da Frota Estelar podem ser solicitadas através da Caixa Postal 14592, São Paulo SP, 03698-970.

* **JetCom nºs 6**, mar-abr/92, A-4, 14 páginas ambos, xérox. Zine dedicado a Star Trek, traz material sobre o sexto longa metragem de ST, notícias, charges e o resultado da pesquisa realizada junto aos seus assinantes.

A capa, de Guilherme Briggs, está excelente, como sempre. Um dos únicos zines nacionais voltados especificamente a ST, chega ao seu sexto número sem ter conseguido inovar como se esperava; precisa mudar sua linha editorial ou acaba perdendo assinantes... e desaparece. Caixa Postal 873 - Ag. Central, Rio de Janeiro RJ, 20001.

- * **Recado** nºs 158 a 182, publicação semanal da Devir. Formatinho, 4 páginas, xérox. O nº 161 é um especial em homenagem à "Mostra Paulista da I Bienal Internacional de Quadrinhos"; o nº 162 traz um pequeno mas emocionado obituário dedicado a Isaac Asimov; os nºs 165/166 contêm o update 92/02; o 173 é um especial de 6º aniversário da Devir; o 174 traz um formulário para pedidos de reserva para séries regulares e novidades; o 175 é um número duplo também com pedido de reserva; os nºs 179/180 são especiais dedicados à Bienal. Obrigatório para os fãs de quadrinhos, especialmente os importados. Solicite pela Caixa Postal 15239, São Paulo SP, 01537-970.
- * **Jornal do Fã** nº 4, mar-abr/92, A-4, 16 páginas. Publicação da Francisco Alves editada por Sylvio Gonçalves, com cartas de leitores, notícias, resenhas, artigos e promoções. Se você ainda não recebe, escreva para Rua Sete de Setembro 177, Rio de Janeiro RJ, 20050.
- * **Quadrilista** nº 2, jul/92, formatinho, 4 páginas, xérox. Publicação para divulgação de quadrinhos à venda, muitas séries completas, primeiros números, álbuns e por aí fora. Pode-se achar ofertas interessantes. André Kellner Santarém, Av. Irmãs Cintra 1184, São Manuel SP, 18650-000.
- * **... E No Próximo Episódio ...** nº 6, formatinho, 28 páginas, ofsete, capa cartonada, grampos na lombada. Este número está especialmente dedicado aos seriados "Planeta dos Macacos" e "Jonny Quest", além de trazer material variado de interesse dos fãs de seriados de TV. Uma publicação de interesse, que vem crescendo mas que também enfrenta os tempos difíceis que todos nós atravessamos, o que contribui para sua falta de regularidade. Caixa Postal 15608, São Paulo SP, 03398-970.
- * **Informativo Orcade**, edição sem número ou mês de referência, ofício, ofsete, editoração eletrônica -- que deu uma nova cara a esta publicação. Informativo rápido dedicado aos sócios e admiradores de quadrinhos e desenhos animados, dedica este número a Isaac Asimov e à Bienal. Avisam estar temporariamente incomunicáveis por problemas com sua caixa postal, mas podem ser alcançados através da Gibiteca Municipal Henfil.
- * **Megalon** nºs 20 e 21, ofício, 58 e 60 páginas, xérox. Como sempre, edições cheias de material diverso e de boa qualidade assinado por Schoeeder, Calife, Carqueija, Causo, Cesar R. T. Silva, Card, Finisia Fideli, Carlos Orsi Martinho e outros, além das colunas regulares habituais. Um fanzine premiado e que vale a pena conhecer. Av. Clara Mantelli 110, São Paulo SP, 04771.
- * **Papêra Uirandê** nº 5, 20 páginas, ofício, ofsete. Fanzine dedicado à resenha de FC&F, publicado por Roberto Causo e trazendo material assinado pelo editor e por Card, Fideli, José Carlos Neves, Marcello Branco, Schima, Fernando Quadros Gouvêa, Lodi-Ribeiro e Bráulio Tavares. Este número está especialmente dedicado a Isaac Asimov. Uma publicação de mérito e que vale a pena receber. Rua André Dreifus 109/Bl. 2/163, São Paulo SP, 01252-010.
- * **Informativo Perry Rhodan** nºs 4 (ago/92) e 5 (set/92), 12 páginas cada, reprodução fotostática. Fanzine dedicado à série que lhe dá nome, traz cartas, conto de Alexandre Santos, resumos sobre os ciclos, continuação da compilação de números publicados -- um levantamento realizado por Ruby F. Medeiros, artigos sobre "Melbar Kasom" e "John Marshall",

personagens da série, curiosidades e pranchas com uma HQ assinada por Daniel Santos. Rua Pinheiro Machado 2644, Santa Maria RS, 97050-600.

* Catálogos Diversos

Da Francisco Alves, recebemos a Lista de Preços de Abril/92 (A-5, 20 páginas). Classificada alfabeticamente por título, traz cerca de 60 títulos de FC com preços variando de Cr\$ 9.360 a Cr\$ 21.160.

Da Nobel, o Catálogo Geral da Ediouro S.A. com vigência a partir de 01/04 (A-4, 32 páginas a cores). Além do catálogo, a Lista Geral de Preços Ediouro (código, título e valor) e a Lista de Preços Nobel (código e valor), ambas em vigor a partir de 01/04.

NAS PRATELEIRAS

* Da Europa-América, na coleção FC-Bolso, chegaram finalmente os nºs 177/178 "O Fator de Ascensão" (The Ascension Factor, Frank Herbert e Bill Ranson) que haviam ficado pendentes e que dão continuidade à série iniciada com "O Incidente Jesus" (160/161) e "O Efeito Lázaro" (172/173). Vieram também os nºs 182/3 "Terra" (Earth, David Brin, 361/395 pag); 184 "As Aventuras de Rocketeer" (The Rocketeer, Peter David, 168 Pag) - novelização baseada no argumento do filme homônimo, e 185/6 "Aquele Força Medonha" (That Hideous Strenth, C. S. Lewis, 203/186 pag) - terceiro e último título da trilogia "Perelandra" formada, ainda, por "Para Além do Planeta Silencioso" e "Perelandra, Viagem a Vênus", ambos publicados nesta mesma coleção sob nºs 80 e 179; 187/188 "O Fim do Tempo Suspenso" (Dayworld Breakup, Philip José Farmer), que continuam a série iniciada com "Tempo Suspenso" (139) e "Rebelde do Tempo Suspenso" (159). E ainda 189 "A Guerra dos Mundos" (The War of the Worlds, H. G. Wells) e 191 "A Máquina do Tempo" (The Time Machine, H. G. Wells), ambos clássicos. Como se observa, ficou faltando o nº 190, que não aparece inclusive na listagem geral publicada no nº 191.

A Nobel, como de hábito, nos enviou um exemplar de cada para nossa biblioteca. Uma pena que as demais editoras/distribuidoras não tenham o mesmo gesto de cortesia e iniciativa de divulgação de suas publicações junto ao seu público alvo.

Já da coleção "Nébulas" vieram os nºs 41 "O Barco de Um Milhão de Anos" (The Boat With a Million Years, Poul Anderson), 42 "O Fantasma dos Grandes Bancos" (The Ghost From the Grand Banks, Arthur C. Clarke) -- que traz o ensaio "As Cores do Infinito", mencionado para a edição brasileira da Siciliano, e 43 "Planícies de Passagem" (The Plains of Passage, Jean M. Auel) que dá continuidade à série iniciada com "O Clã do Urso das Cavernas" (11), "O Vale dos Cavalos" (16) e "Os Caçadores de Mamutes" (21/22) e que, como os demais, é imperdível.

Na série "Dragonlance", para os fãs de fantasia, estão disponíveis os dois volumes de "Tempos dos Gêmeos" (Time of the Twins, Margaret Weis e Tracy Hickman, 245/210 pag).

E dando início à nova série dedicada a Star Trek, recebemos o nº 1 "Encontro em Farpoint" (Encounter at Farpoint, David Gerrold).

* Da Editorial Caminho, coleção FC-Bolso, chegaram os números 137 "O Futuro à Janela" (Luis Filipe Silva, 199 pag) - coletânea de 12 contos vencedora do Prêmio Caminho de FC de 1991 e que traz ainda como introdução um interessante trabalho intitulado "A Importância do Conto"; 139 "Fracção de Segundo" (Split Second, Garry Kilworth, 206 pag); 141 "Um Verão Infinito" (An Infinite Summer, Christopher Priest) - coletânea de 5 contos, o primeiro dos quais dá título ao volume, antecipado por introdução do próprio autor, e 143 "As Vozes do Tempo" (The Voices of

Time, J. G. Ballard, 214 pag) - coletânea de 8 contos. Ainda que o título dado como sendo original seja o indicado acima, a única coletânea de Ballard com as histórias que constam no índice do volume publicado é a edição revisada de "The Four-Dimensional Nightmare" (Golancz, 1974), embora três das 8 histórias (escritas entre 1960 e 1962) tenham aparecido na coletânea "The Voices of Time and Other Stories" (Berkley Medallion Books, 1962). Recebemos ainda os nºs 145 "Mort" (Mort, Terry Pratchett), um trabalho hilariante e mordaz, e 147 "Baol" (Baol - Uma Tranquila Noite di Regime, Stefano Beni), da mesma forma hilária e ferozmente crítica.

- * Com o selo da Editora Siciliano, "O Fantasma das Grandes Banquisas" (The Ghost from the Grand Banks, Arthur C. Clarke, 244 pag). Trabalho recente de Clarke, traz ainda um apêndice intitulado "As Cores do Infinito", baseado no material apresentado pelo autor em 1989, em Riad (Arábia Saudita), sob o título "As Cores do Infinito : Como Explorar o Universo das Fractais". Ambientado em 2010, este romance trata do resgate do Titanic explorando a um só tempo várias possibilidades tecnológicas e a exploração submarina, uma das grandes paixões do mestre.
- * Editado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, "O Inventor de Estrelas" (João Batista Melo, 83 pag) é uma coletânea de 8 contos - três deles fazendo referência a textos de Bulychev, Bradbury e Golding - um dos quais, o que dá título ao volume, "caminha pelo lado mais soft do gênero" segundo o próprio autor. Este trabalho foi vencedor na categoria "contos" no "XIV Prêmio Guimarães Rosa" promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. Para conferir.
- * Da Editora Aleph, "A Terra Desconhecida" (Star Trek VI : The Undiscovered Country, J. M. Dillard, 188 pag), nº 4 da Coleção Star Trek. Num inteligente aproveitamento do lançamento do 6º longa metragem de ST, o volume tem a tradicional estrutura dos anteriores. Dando continuidade à série dedicada a Star Trek, chegaram os nºs 5 "O Navio Fantasma" (Ghost Ship, Diane Carey), 6 "A Teia dos Romulanos" (Web of the Romulans, M. S. Murdock) e 7 "Kobayashi Maru" (The Kobayashi Maru, Julia Ecklar). Todos os volumes trazendo a estrutura habitual e já divulgada por esta coluna.

Esperamos que a coleção dê fôlego à editora para retomar a coleção Zenith e nos oferecer pelo menos três títulos de peso por ano.

- * Para os fãs de Tolkien, a Martins Fontes oferece "J.R.R. Tolkien, Uma Biografia" (J.R.R. Tolkien - a Biography, Humphrey Carpenter, 292 pag). Trata-se de trabalho baseado nas cartas, diários e outros escritos do autor, e nas reminiscências de seus familiares e amigos.
- * Da Cia. das Letras, uma edição a conferir é "As Cosmômicas" (Le Cosmicomiche), de Ítalo Calvino. Publicado em brochura com "dust-jacket", o que não é um hábito de nossas editoras, traz 12 contos humorísticos cujo ponto de partida são enunciados científicos sobre a origem do universo e sua evolução. Vale lembrar que Calvino é sempre uma leitura instigante.
- * Depois de muito tempo, voltam a aparecer volumes da Argonauta (Livros do Brasil) : 408/9 "Os Balonautas" (The Ragged Astronauts, Bob Shaw, 176/216 pag); 410 "Essas Estrelas São Nossas" (We Claim These Stars !, Poul Anderson, 170 pag) - mais uma aventura de Dominic Flandry (Technic History Series); 411 "Bugs" (Bugs, John Sladek, 217 pag); 412 "Mundo-Nosso" (Homeworld, Harry Harrison, 215 pag) - primeiro volume da trilogia "To the Stars" (Homeworld, Wheelworld e Starworld), e 413 "Soldado da Terra" (Soldier Ask Not, Gordon R. Dickson, vol. 1, 170 pag) - terceiro título na cronologia interna da série "Dorsai".

Continuando com a coleção, chegou o nº 415 "O Tempo, O Espaço e O Cérebro" (The Big Time, Fritz Leiber), primeiro volume da "Changewar Sequence" -- cujo segundo volume, "The Change War" esperamos ver publicado nesta coleção, uma das mais importantes obras do gênero, dona de uma narrativa intensa que trata do lado psicológico das guerras e, ganhadora do prêmio Hugo em 1958 (melhor novela). Vieram ainda os não menos importantes 416 "Os Negros Anos Luz" (The Dark Light Years, Brian W. Aldiss), 417/418 "Cemitério de Lunáticos" (Graveyard For Lunatics, Ray Bradbury), 419 "Há Mais Coisas no Céu" (More Things in Haven, John Brunner) e 420/421 "Desvio Para o Vermelho" (Redshift Rendezvous, John E. Stith), este último um autor que ainda dará o que falar.

- * Das Edições 70, coleção "Orion", recebemos os nºs 5/6 "O Regresso do Rei" (The Coming of the King, Nikolai Tolstoi), cuja temática percorre os caminhos dos Drúidas e do mago Merlin, 7 "A Hora de 80 Minutos" (The Eighty-Minute Hour, Brian W. Aldiss), e 8 "Os Herdeiros da Terra" (Father to the Man, John Gribbin).
- * Da coleção "Limites", publicada pela portuguesa "Clássica Editora", e depois de muita insistência, chegaram oito dos primeiros onze volumes e, mesmo assim, numa quantidade extremamente limitada : 1 "O Império do Medo" (The Empire of Fear, Brian Stableford), 2 "O Brilho Escorre do Ar" (Brightness Falls from the Air, James Tiptree Jr.), 3 "Os Pescadores de Trevamar" (The Fishers of Darksea), 4 "Pensa em Phlebas" (Consider Phlebas, Iain M. Banks), 5 "Pavana" (Pavane, Keith Roberts), 8 "O Jardim de Infância" (The Child Garden, Geoff Ryman), 9 "Por Outros Mundos" (In Other Worlds, A. A. Atanasio) e 10 "E Tudo o Vento Levou" (Bring the Jubilee, Ward Moore).

A coleção começou com uma tiragem de 3000 exemplares mas agora baixou para 2000. Tem trazido autores nunca antes traduzidos para o português e títulos de peso, como é o caso de "The Child Garden", ganhadora dos prêmios Arthur C. Clarke, John W. Campbell, ambos em 1990, além de ter sido indicado para o British SF Award.

- * Mais um volume da série "Darkover", da Imago, desta vez "Os Herdeiros de Hammerfell" (The Heirs of Hammerfell, Marion Zimmer Bradley).
- * Em mais uma edição, desta vez da Record, "Azazel" (Isaac Asimov).
- * Da Best Seller, o grande sucesso que é "O Parque dos Dinossauros" (Jurassic Park, Michael Crichton) -- sendo atualmente filmado por Spielberg.
- * A Nova Fronteira oferece "Os Melhores Ensaios Científicos de Isaac Asimov - Vol. 1 : 1958-1973" (Asimov on Science : A Thirty Year Retrospective, 210 pag). São 15 ensaios escolhidos pelo próprio autor dentre os 360 escritos até o momento em que comemorava seus 30 anos de jornalismo científico iniciado em novembro de 1958 no "Magazine of Fantasy and Science Fiction".
- * "Os Melhores Ensaios Científicos de Isaac Asimov - Vol. 2 : 1974-1989" (Asimov on Science : A Thirty Year Retrospective, 217 pag). São mais 15 ensaios escolhidos. Ambos os volumes trazem introdução pelo autor, que ainda adiciona pós-escritos em cada um dos trabalhos. Tradução de Júlio Fischer e notas de César Benjamim.

O QUE VAI POR LÁ

- * Estão concorrendo ao 1991 Arthur C. Clarke Award : Raft (S. M. Baxter), Synners (Pat Cadigan), White Queen (Gwyneth Jones), Eternal Light (Paul J. McAuley), Subterranean Gallery (Ricahrd Paul Russo) e The Hyperion Cantos (Dan Simmons). O prêmio de mil libras é concedido anualmente à melhor novela de FC publicada na Inglaterra no ano de referência.
- * A cadeia de lojas Waldenbooks anuncia que deverá adotar uma nova política este ano, cortando itens como vídeos e jogos e se concentrando somente em livros. Para enfrentar a concorrência de livrarias independentes, a rede está abrindo superlojas com estoques entre 75 e 100 MIL títulos ! Nos últimos dois anos já foram abertas 10 lojas, e este ano estão programadas entre 15 e 20 novas lojas. Para vocês terem uma idéia do que são super-livrarias, a Powell's Books, em Portland (OR), considerada a maior dos EUA, tem algo como 550 MIL títulos em estoque. É fácil ?
- * A ABA Newswrite informa que a venda de livros nos EUA em 1991 atingiu a cifra de US\$ 16.1 bilhões ! Isto representa um aumento de cerca de "apenas" 4.6 % sobre as vendas de 1990, o que foi considerado ruim.
- * Orson Scott Card vendeu os direitos da série "Alvin Maker" para a Steve Jackson Games, que produzirá os jogos - mas Card é quem escreverá os livros de regras (Gurps) específicos.
- * Falando em jogos, o "Committee for the Advancement of Role-Playing Games" (CAR-PGa) está muito interessado em manter contato com jogadores brasileiros. O CAR-PGa dedica-se à pesquisa dos RPGs a nível acadêmico, e produz material do maior interesse para os fãs deste segmento. A inscrição é gratuita. Os que quiserem manter contato escrevam para Paul Cardwell Jr., 111 E 5th, Bonham TX 75418, USA.
- * A vencedora do primeiro James Tiptree Jr. Memorial Award foi Gwyneth Jones por seu "White Queen". O prêmio foi proposto por Karen Joy Fowler e Pat Murphy durante o discurso de Murphy como Convidada de Honra da 1991 WisCon e entregue no decorrer da 1992 WisCon (março 6-8, Madison WI). As WisCon sempre foram consideradas como convenções "feministas", palco para as mais importantes escritoras das décadas de 70 e 80.
- * Foi aberta no National Air and Space Museum, em Washington DC, a "Star Trek : The Exhibition", mostrando mais de 80 modelos, peças de cenários e guarda-roupa da série original para a TV. A exposição aborda a série num contexto histórico-filosófico, e está estruturada por temas, tais como a influência da guerra do Vietnam, direitos civis, sexualidade, etc. A mostra vai até 7 de setembro.
- * A controversa Igreja da Cientologia, fundada por L. Ron Hubbard, construiu um abrigo subterrâneo próximo a Petrolia, uma pequena cidade californiana, para abrigar toda sua documentação. Resistente até mesmo a ataques nucleares, o abrigo custou até agora US\$ 7 milhões e é maior que um campo de futebol.
- * A Locus de abril/92 traz material sobre FC internacional e, dentre outros, artigo de Roberto Causo com uma retrospectiva do gênero no Brasil em 1991.
- * Na edição número 14 do Fandom Directory, referente a 1992/93, o Brasil ocupa o quarto lugar em número de entradas (317), após os EUA (16223), Canadá (563) e Inglaterra (361). Provavelmente manteria sua 5ª colocação, não fosse o desmembramento da antiga União Soviética --

agora, cada país está listado separadamente. Voltamos à campanha de novas participações que, este ano, foi feita com muito sucesso durante a 12ª Bienal Internacional do Livro, esperando crescer para o segundo lugar (por que não? se juntarmos o CLFC, o CFCA e o CFDCFEB, chegamos lá, fácil). Colabore, divulgue, participe.

- * David Clark assumiu a direção do comitê organizador da ConFrancisco, a 51ª WorldCon, a se realizar em San Francisco (CA) em 1993, substituindo Terry Biffel recentemente falecido.

Biffel estava trabalhando em conjunto com Frederick Pohl e Elizabeth Anne Hull numa nova idéia: a de obter fundos para levar à convenção profissionais (escritores e ilustradores) de fora dos EUA ligados a FC&F, com o objetivo de dar ao evento um caráter efetivamente internacional. Seriam realizados leilões durante a convenção deste ano, em Orlando, com este objetivo específico.

Falando nisso, estamos mais uma vez tentando viabilizar um esquema para levar um grupo de sócios para participar da ConFrancisco. Orlando "furou" por desinteresse total da agência contactada, mas vamos ver se desta vez, com novos parceiros, conseguimos concretizar este sonho.

- * Falando em WorldCon, Roberto Causo e H. V. Flory estiveram participando da MagiCon, a 50ª Convenção Mundial em Orlando (FL). Causo viajou a convite de Orson Scott Card, que arcou com todas as despesas, enquanto que Flory viajou por conta própria. Ambos trouxeram um grande volume de material, que está sendo separado e comporá a "Coleção Causo-Flory" na biblioteca do CLFC e, assim, ficará à disposição para consulta.

Durante a InteriorCon III ambos falaram a respeito desta experiência, e desde já fica o convite para que publiquem nestas páginas um trabalho a respeito, de modo a permitir aos nossos leitores o mesmo nível de informação.

- * Mark Manning, editor do fanzine "Tand" e já nosso conhecido, escreveu-nos dia 01/08 pp. dando a seguinte sugestão:

"Moises Hasson (Chile) is very interested in helping start a fund to send a South American fan to North America each year for the WorldCon. I've been writing to a few fans up here about this idea, too. Do you think that Brazilian fandom would be interested in helping launch a North American/South American Fan Fund? I really think that could be a great way for North American fandom to become acquainted with the fans in your half of the hemisphere".

Esta idéia de se criar um fundo para enviar fãs brasileiros para participar de convenções no exterior e vice-versa não é nova -- Orson Scott Card já o havia sugerido durante a InteriorCon I; agora, com mais esta manifestação de interesse, talvez seja hora de se pensar mais seriamente no assunto.

O CLFC se dispõe a colaborar no que for possível, mas entende que o fundo deve ter personalidade jurídica própria, de modo a assegurar uma administração transparente e absolutamente independente de quaisquer grupos. Tão logo possamos oferecer maiores detalhes, colocaremos o assunto para a mais ampla discussão. Ajuda e sugestões serão muito bem-vindas, como sempre.

Em tempo: o CLFC não deseja monopolizar o assunto; que fique bem claro que estamos tentando ajudar, contando com nossa organização, experiência administrativa e contatos no exterior. Se alguém desejar assumir o trabalho de organizar o NASAFF, por favor sintase à vontade, boa sorte e conte com nossa ajuda.

* Harlan Ellison foi operado de uma obstrução em sua coronária direita, mas está plenamente recuperado. Vale lembrar que Ellison sofrera um ataque cardíaco em 1989.

* Maurício-José Schwartz edita no México uma revista de FC&F intitulada "Esta Cosa", bastante semelhante ao nosso Somnium, e tem publicado um livro de contos chamado "Encenas de la Realidad Virtual". Schwartz está interessado em manter intercâmbio com autores brasileiros, além de estar envolvido com a publicação de uma antologia de trabalhos do gênero; eis o seu recado :

"Sou editor de uma nova antologia de FC a ser publicada no México, e procuro por trabalhos entre 20 e 75 mil palavras. Se você conhece autores brasileiros interessados, por favor dê-lhes o meu endereço. Estamos comprando direitos para o México e América Central com adiantamento de mil dólares e royalties de 6%". O endereço para correspondência é Zamora 186, Col. Condesa, 06140 Mexico D. F., Mexico. Fone/Fax : 211-7875.

* Ganhadores do 1992 Hugo Awards, entregues durante a MagiCon :

Best Novel : Barrayar (Lois McMaster Bujold)
Best Novella : Beggars in Spain (Nancy Kress)
Best Novelette : Gold (Isaac Asimov)
Best Short Story : A Walk in the Sun (Geoffrey A. Landis)

Non-Fiction Book : The World of Charles Addams (Charles Addams)
Original Artwork : Michael Whelan (capa para The Summer Queen)
Dramatic Presentation : Terminator 2 (Carolco)
Professional Editor : Gardner Dozois
Professional Artist : Michael Whelan
Semiprozine : Locus

Best Fanzine : Mimosa (editado por Dick e Nicki Lynch)
Best Fan Writer : Dave Langford
Best Fan Artist : Brad W. Foster

Ainda durante a MagiCon foram entregues :

John W. Campbell Award : Ted Chiang.

1991 Chesley Awards, promovido pela Association of Science Fiction and Fantasy Artists, e que premiamam :

Best Cover Illustration (Hardback Book) : Michael Whelan (The Summer Queen, Joan D. Vinge)

Best Cover Illustration (Paperback Book) : David Cherry (Sword and Sorceress III, Andre Norton ed.)

Best Cover Illustration (Magazine) : David Mattingly (Amazing, set/91)

Best Interior Illustration : Bob Walters (It Grows on You, publicada no Weird Tales -- Summer/91)

Best Color Work (Unpublished) : David Cherry (Filia Mea)

Best Monochrome (Unpublished) : Michael Whelan (estudo para All the Weys of Fern)

Best Three Dimensional Art : Clayburn Moore (Celestial Jade)

Award for Artistic Achievement : James Gurney (pelo conjunto de sua obra até o momento)

Award for Contribution to ASFA : Jan Sherrell Gephardt e Richard Kelly

Best Art Director : Betsy Wollheim e Sheila Gilbert (DAW Books).

* **Receberam os 1992 Nebula Awards :**

Novel : Stations of the Tide (Michael Swanwick)

Novella : Beggars in Spain (Nancy Kress)

Novellette : Guide Dog (Mike Conner)

Short Story : Ma Qui (Alan Brennert)

* **Foram vencedores nas diversas categorias do 1992 Locus Award :**

Best SF Novel : Barrayar (Lois McMaster Bujold)

Best Fantasy Novel : Beauty (Sheri S. Tepper)

Best Horror Novel : Summer of Night (Dan Simmons)

Best First Novel : The Cypher (Kathe Koja)

Best Novella : The Gallery of his Dreams (Kristine Kathryn Rusch)

Best Novellette : All Dracula's Children (Dan Simmons)

Best Short Story : Buffalo (John Kessel)

Best Collection : Night of the Cooters (Howard Waldrop)

Best Anthology : Full Spectrum 3 (Lou Aronica, Amy Stout Betsy)

Best Magazine : Isaac Asimov's Science Fiction Magazine

Best Editor : Gardner Dozois.

* **Premiados com o 1992 Bram Stoker Award, dedicado ao gênero de terror :**

Best Novel : Boy's Life (Robert McCammon)

Best First Novel : The Cypher (Kathe Koja) e Prodigal (Melanie Term)

Best Novellette : The Beautiful Uncut Hair of Graves (David Morrell)

Best Short Story : Lady Madonna (Nancy Holder).

* **Os 29 vencedores das etapas intermediárias dos L. Ron Hubbard's Writers e Illustrators of the Future Contests foram agraciados numa cerimônia acontecida dia 24/08/92 no National Archives (Washington, DC). Os 17 escritores e 12 ilustradores vieram de várias partes dos EUA e ainda da Ucrânia, Austrália e Canadá. Os grandes vencedores do prêmio anual a receberem o Hubbard Gold Award foram, respectivamente :**

Writers of the Future History of the Year

"The Last Indian War", de Brian Burt (Kalamazoo, MI)

Grand Prize for the Illustrator of the Year

Evan T. Thomas (Glencoe, IL), pela ilustração da história vencedora

Curiosamente, ambos são profissionais de processamento de dados. Após a cerimônia, foi lançada a antologia "L. Ron Hubbard Presents Writers of the Future Volume VIII" (Bridge Publications), contendo as histórias e ilustrações premiadas no decorrer das diversas etapas do ano, além de artigos versando sobre como escrever e ilustrar.

FINES & PUBLICAÇÕES

* **Boletim CACyF nº 49 do Circulo Argentino de Ciencia Ficción y Fantasia, formatinho, 24 páginas, ofsete. Material variado voltado aos associados do CACyF, que mantém uma programação bastante ativa e variada.**

Boletim CACyF nº 50, formatinho, 28 páginas, ofsete. Artigo sobre cinema e vídeo, noticiário variado, relação dos vencedores do Premio Mas Alla

1991, obituário e divulgação de concursos promovidos pela entidade. A quarta capa traz um poema de André Carneiro.

Boletim CACyF nº 51, formatinho, 28 páginas, ofsete. Resenha de cinema e vídeo, assuntos sociais internos, classificados, noticiário variado, trazendo inclusive o resultado do prêmio Nova. Este número traz ainda um encarte especial de 12 páginas com a transcrição da mesa redonda sobre P. K. Dick, coordenada por Horacio Moreno e da qual participaram Pablo Capanna, Elvio Gandolfo, Rafael Bini e Marcelo Pombo. Casilla de Correo 4102, (01000) Buenos Aires, Argentina.

* **Probe nºs 85 (nov.91) e 86 (dez.91)**, 72 e 64 páginas, formatinho, capas cartonadas, grampos na lombada, ofsete. Clubzine do Science Fiction South Africa, editado por Neil Van Niekerk. Trazem cartas, artigos, noticiário local e internacional, contos, resenhas e variedades.

Probe nº 87, fev.92, formatinho, 77 páginas, capa cartonada. Seção de cartas, resenha de fanzines internacionais, livros e vídeo, contos, noticiário e assuntos internos. P.O.Box 2538, Primrose 1416, South Africa.

* **Ita nºs 8 (mai.92) e 9 (jun.92)**, A5, 11 e 8 páginas, mimeografados. Apazine publicado por Mark Manning, o mesmo editor de Tand. Uma publicação difícil, seja pelos assuntos tratados (é preciso estar por dentro), seja pela linguagem (muita gíria). O nº 9 tem capa cartonada, com ilustração de Roberto Schima bastante valorizada pelo fundo amarelo.

* **Shards of Babel nº 35 (mar.92, 20 páginas)**, (36, jun.92, 12 páginas) e (37, jul.92, 16 páginas), A-4, ofsete. Trata-se de uma publicação holandesa reputada de ótima qualidade, uma espécie de Locus europeia. Traz noticiário variado cobrindo material que normalmente não se encontra nas publicações mais conhecidas. Vale a pena dar uma olhada; a assinatura anual para 8 números custa US\$ 15. Escreva para Roelof Goudriaan : Babel Publications, Caan van Necklaan 63, 2281 BB Rijswijk ZH, The Netherlands.

* **CAR-PGA Newsletter, nº 6**, abr.92, A-4, 8 páginas, ofsete. Boletim mensal do CAR-PGA, trazendo artigos, questionário de pesquisa, informações sobre lançamentos, noticiário, calendário de atividades.

CAR-PGA Newsletter, nº 8, jun.92, A-4, 8 páginas, ofsete, trazendo artigos, informações sobre lançamentos, noticiário, calendário de atividades. Este número traz informações sobre o CLFC, e gostariam de contactar nossos sócios interessados em RPG. Assinatura anual por US\$ 7.50, número avulso por US\$ 0.75. Pedidos de assinatura : 111 E 5th, Bonham TX 75418, USA.

* **The SFWA Bulletin, vol.25/nº 4**, winter/92, A-4, 32 páginas, ofsete, capa colorida, grampos na lombada. Artigos, depoimentos, análise de artigos de contratos, relatórios sobre mercados.

The SFWA Bulletin, vol.26/nº 1, spring/92, A-4, 64 páginas, ofsete, grampos na lombada. Lista dos concorrentes aos 27ºs Prêmios Nébula, com resumos biobibliográficos de cada um; relação de todos os ganhadores, em todas as categorias, desde 1965; artigo sobre comercialização de romances; resenhas de livros; comentários sobre artigos de contratos; relatório sobre o perfil do quadro social em 1991; avaliação de mercados, e os estatutos da entidade. Assinatura anual por US\$ 18.50 (4 números). Pulphouse Publishing Inc., Box 1227, Eugene OR 97440, USA.

* **Nebula Awards Report**, mai.92 e jul.92, A-4, 12 páginas, ofsete. Publicação da SFWA, traz as novidades referentes aos prêmios Nébula, como lista de obras indicadas nas diversas categorias, orientação sobre

o prêmio e suas regras, lista de obras recusadas para concorrer, e assuntos internos.

* **Fandom nº 8/9**, formatinho, 64 páginas, título e ilustrações nas 1ª e 4ª capas a quatro cores, papel de ótima qualidade, reprodução gráfica e grampos na lombada. Publicação espanhola dedicada a informação bibliográfica internacional em ficção científica, fantasia e terror, traz reprodução das capas, dados bibliográficos e resenhas de fanzines, revistas e livros publicados em sua área de interesse. Vale a pena conhecer. Miguel A. Martínez, Apdo. 53019, 28080 Madrid, Espanha.

* **BEM nº 17**, fev.92, A-4, 20 páginas. Revista mensal de fantasia e ficção científica, é uma publicação independente do grupo espanhol Interface. Artigos, entrevistas (a mais importante delas com nosso sócio português Alvaro de Sousa Holstein Ferreira), cartas, ensaios e noticiário internacional.

BEM nºs 22 e 24, jul.92 e out.92, ofício, 20 páginas, capa em duas cores, reprodução gráfica em papel de primeira, grampos na lombada; fragmentos de "O Xenocida" (Orson Scott Card) e artigos sobre o autor e sua obra, contos, seção de cartas, noticiário internacional, resenhas e material diverso. A assinatura custa US\$ 40 para seis números, via aérea. P. O. Box 2061, Principado de Andorra.

* **Czerwony Karzel (Red Dwarf) nº 3**, formatinho, 132 páginas, capa cartonada a quatro cores. Revista de FC&F publicada em polonês pelo Gdanskiego Klubu Fantastyki de Gdansk, Polónia. Artigos, contos, quadrinhos, noticiário geral. Quem desejar conhecer escreva para Skrytka Pocztowna 76, 80-325 Gdansk 37, Polónia.

* **The Contact 1990/91**, A-5, 16 páginas, ofsete, duas cores, grampo na lombada. Publicação do SF Club "Dorado", da Lituânia; editada em inglês, traz editorial, material sobre convenções em países do leste europeu, informações variadas, notícias e charges. Os interessados em enviar livros, posters, ilustrações, revistas e demais materiais relacionados com a FC, para integrar o acervo do museu em instalação, escrevam para SF Club "Dorado", Planetarium, Ukmergés 12a, 232005 Vilnius, Lithuania.

* **Tand nº 6**, dez/91, 58 páginas, A-4, papel jornal, capa cartonada, grampos laterais, ofsete. Editado por Mark Manning, vale a pena conhecer para se ter uma visão do que seja um típico fanzine norte-americano. 1709 South Holgate, Seattle WA 98144, USA.

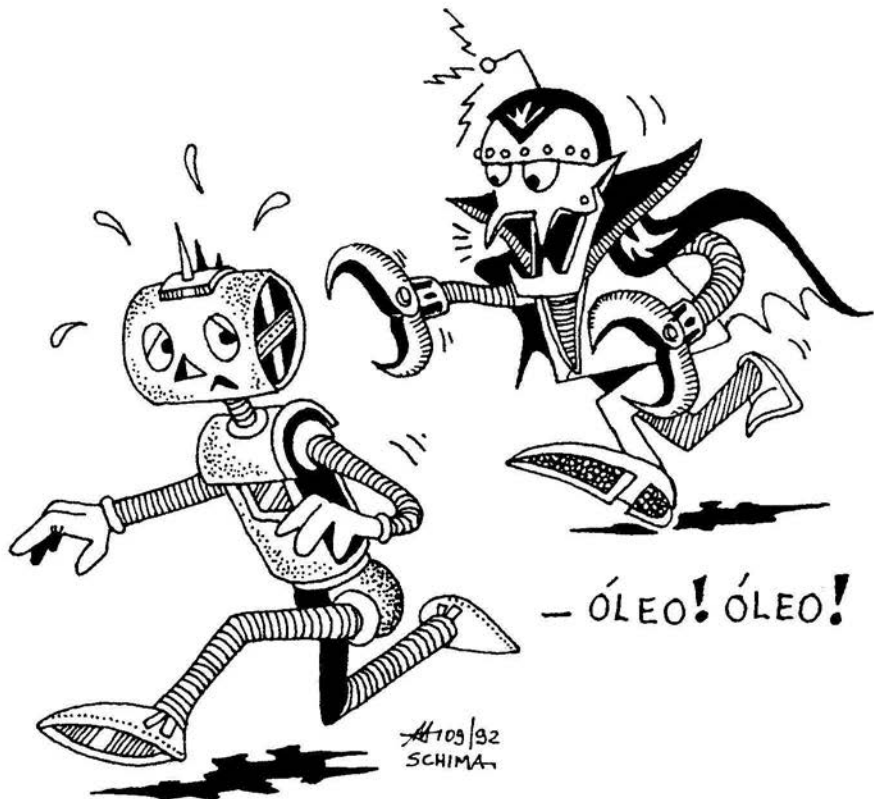
* **Stet nºs 3 (nov.91) e 4 (dez.91)**, 36 e 20 páginas, A-4, papel jornal, capas cartonadas, impressão em duas cores, grampos laterais, ofsete. Editado por Leah Zeldes Smith, é outro bom exemplo de fanzine norte-americano, num estilo completamente diferente de Tand mas da mesma forma interessante. 17 Kerry Lane, Wheeling IL 60090-6415, USA.

Seria interessante que editores brasileiros de fanzines tivessem contato com publicações do gênero no exterior, como as que mencionamos regularmente nesta coluna, para alargar seus horizontes e enriquecer seu conhecimento sobre este tão particular e variado gênero de publicação alternativa.

* **Trash Barrel**, 6 páginas, A-4, xérox. Reviewzine editado por Donald Franson e dedicado à resenha de fanzines, norte-americanos ou não. O número recebido, publicado em fevereiro passado, traz comentários sobre fanzines editados nos EUA (46), Inglaterra (4), Austrália (3), Canadá, Rússia e Holanda. Interessante, caso você esteja pensando em conhecer fanzines estrangeiros.

DICAS

- * Para os estudiosos, "Strategies of Fantasy" (Brian Attebery, Indiana University Press, 0-253-31070-9, US\$22.50, 152 pp, hc) é um interessante ensaio crítico sobre o lugar da fantasia na literatura pós-moderna. 601 N. Morton St., Bloomington IN 47404, USA.
- * Vale conhecer "Yestermorrow : Obvious Answers to Impossible Futures" (Ray Bradbury, Capra Press 1-877741-03-3, US\$19.95, 240 pp, hc), coletânea de 24 ensaios sobre vários assuntos de alguma forma relacionados com a FC. 1209 De La Vina St., Santa Barbara CA 93120, USA.
- * "Futures Past : A Visual Guidebook to Science Fiction History" (Jim Emerson) é um novo magazine bimestral que pretende cobrir a história do gênero de 1926 a 2000, mostrando biografias de autores e material sobre livros, filmes, arte e publicações em geral, ano a ano, servindo como um anuário colecionável. Assinatura de 6 números a US\$20, número avulso a US\$5. P. O. Box 610, Convoy OH 45832, USA.
- * A Cold Tonnage Books faz parte de um conjunto de livrarias londrinas que inclui ainda a Murder One Bookstore e a New Worlds, especializadas em ficção científica, fantasia e horror. Trabalhando com edições novas e usadas, tanto norteamericanas quanto inglesas, oferece um serviço de atendimento internacional com pagamento via cartão de crédito. Para receber os catálogos periódicos, sempre com boas ofertas, escreva para Andy Richards, Cold Tonnage Books, 136 New Road, Bedfont, Feltham, Middlesex TW14 8HT, London, England.



Poesia

Apocalipse I e Sarcástica Canção - Maria Helena Bandeira

Dizia uma professora minha que um poema só é poesia quando o leitor se identifica com ele. É certo que sobram definições do que vem a ser uma poesia, mas no fundo, no fundo, todos sabemos que essa questão de estética resume-se simplesmente no "eu gosto" ou no "eu não gosto". No caso de Maria Helena C. S. Bandeira, prefiro agir como um elétron: gosto e não gosto. Gosto porque ambos os poemas tratam de pós-holocausto, um dos meus temas favoritos, e também porque são ricos de imagens e descrições; não gosto porque em alguns trechos ela escorrega nas famosas, populares e tremendamente batidas inversões substantivo-adjetivo, como em "silenciosas brumas", "sincera união", e "sarcástica canção", que a meu ver reduzem a força poética de um trabalho que a princípio parece dirigido para chocar e resulta dividido entre o choque e a melancolia.

Contos

Amor, Que Seja Eterno Enquanto Dure - Ivan Carlos Regina

A produção de Ivan Regina se divide em duas, e somente duas, tendências básicas: o nacionalismo verde-amarelo ferrenho e a crítica mordaz à crescente desumanização do ser humano. "Amor ..." é a mais recente produção de Ivan nesta segunda vertente, mas recente nem sempre quer dizer nova. A temática já foi explorada de forma exaustiva nas décadas de 60 e 70, e na de 80 pelo próprio Ivan, com trabalhos como "Pela Valorização da Vida", vencedor de um Prêmio Nova. Ivan não nos diz nada de novo, e o que nos salva da chateação é a correção do estilo, limpo e sem muitos floreios. As críticas normalmente dispensadas nesta seção não valem para Ivan Regina: que ele sabe escrever é mais do que patente; mas talvez ele precise se reciclar. Pois, ao contrário da piada de "1/6 de Alberto", esse tipo de conto é velho e nem sempre -- ou quase nunca -- funciona.

Zuumpxt - Norton Coll

A estranheza começa pelo título, mas isso talvez seja um problema do resenhista. O fato é que poucos autores de contos publicados no Somnium demonstram ter domínio adequado do gigantesco repositório de nomes, sílabas e sons articuláveis da fonética humana. Li o conto várias vezes e tentei me colocar no lugar do gato que não atravessa paredes, mas conta histórias, e não sei se daria ao alienígena um nome tão sem sal. A única explicação é que o gato poderia tê-lo ouvido assim devido a uma possível interferência no rádio, mas deve existir uma onomatopéia melhor em algum lugar. Mas em compensação, considerar o dono muito "purr" é de bom tom. Como é de bom tom a narrativa do Coll, que desta vez está melhor que nos últimos contos. Só chamo a atenção para o tom do gato, que está muito filosófico, principalmente nos primeiros parágrafos. A atitude do pessoal do governo também me pareceu muito artificial, entre outras coisas pelo fato de se apresentarem formalmente demais, com o nome completo, coisa que não é costume no Brasil, mesmo entre gente de alto escalão, salvo em recepções formais, o que não era o caso.

O conto começa muito bem, com destaque para a frase de abertura : Paulo Roberto prende a atenção do leitor na primeira linha com a alusão ao dandê, jogando nossa consciência de imediato para o fato de que a história se passa no futuro, provavelmente não muito distante. O problema começa já na segunda coluna da página 40. A partir daí o conto torna-se vítima de um dos mais velhos problemas da FC : a "nota de rodapé", ou seja, os interlocutores não conversam entre si, mas desfilam definições com requintes de adjetivação. Isso torna a história artificial demais, inverossímil. O tema também não ajuda; é a velha história do paradoxo do avô revisitando (sim, porque revisitada ela já foi um trilhão de vezes). E o final para esse humilde resenhista ficou quase incompreensível devido a uma enrolação final do autor. Quem deixa quem desacordado ? Dos três, o que acontece com o terceiro ? E a pergunta que todos estavam querendo ouvir : por que diabos o rapaz seqüestra o próprio avô ? não tem sentido algum. O conto ficou gratuito.

Meia Palavra Basta - A. B. Maciel

A. B. Maciel talvez seja a única escritora nestas páginas que consegue tratar de Brasil em suas histórias e convencer. Este conto transporta com a maior facilidade o leitor ao Parque Nacional da Bocaina. A descrição dos caminhos que o patrulheiro Guilherme e seu fiel Patavele (alguém aí se lembra do Vigilante Rodoviário ?) percorrem, as ruínas da estalagem, as matas fechadas, o incêndio, tudo isso só poderia ter sido escrito por alguém que viveu a situação ou pelo menos pesquisou muito a respeito. Eu, de minha parte, sei que um dos lazeres preferidos de A. B. Maciel é a prática do off-road; mas isso é irrelevante para o leitor em geral : importa é que essa vivência fez desse conto o que ele é; um forte catalisador emocional. A se ressaltar alguns deslizes na adjetivação e em substantivos facilmente descartáveis (como maculassem, na página 46, e atos insanos, idem). Mas um conto muito bem escrito, no conjunto, e cativante. Soube recentemente pelo Zé Fernandes que esse conto foi escrito em 1990, e desde então ela já escreveu muita coisa. Estou esperando ansioso.



-AÍ VEM VINDO MAIS UM...
-DEIXA COMIGO !

HAR
SCHIMA

Quem Tem Medo de Philip Dick?
 Roberto de Souza Causo

Oito contos selecionados de um volume maior de histórias de Philip K. Dick, a quem se reputam mais de cem trabalhos em ficção curta publicados numa carreira prolífica e de rara intensidade.

O fracionamento de uma obra não é expediente dos mais louváveis e, havendo uma seleção, é preciso saber quem responde por ela, um crédito que a edição não revela. A proposta é bem menos ambiciosa que a reunião dos melhores contos e noveletas de um autor que dia a dia vem sendo mais reverenciado. O livro vem na cola do sucesso do filme homônimo, estrelado por Arnold Schwarzenegger e dirigido por Paul Verhoeven (resenha na IAM nº 6), e se não agrada ao leitor já sedento de Dick, talvez desperte a sede de um novato movido pela curiosidade em torno da badalada superprodução.

Fato indiscutível é que Dick vale sempre a pena, mesmo em se tratando de contos de início de carreira, visivelmente desatualizados quanto a conhecimentos astronômicos ou às datas das extrapolações, etc.

"O Vingador do Futuro (Recordamos para Você por Atacado)" é um dos famosos jogos de realidade que notabilizaram a FC de Dick e que, neste conto particularmente, fascinaram o roteirista Ronald Shusett, resultando na expansão de suas situações sob a forma de roteiro. O que aparece no filme é, pois, uma expansão -- não espere que o conto seja compatível. A tríplice confusão de realidade, fantasia e memória no conto, contudo, é tão efetiva quanto a realizada por Shusett e o outro roteirista do filme, Dan O'Bannon (Trovão Azul, Alien). (Alguns observadores ainda apontam Videodrome, de David Cronenberg, como a melhor transposição para as telas do "tom" dickiano, ainda que não baseado em uma de suas obras.)

"A Mente Alienígena" é uma anedota contada com precisão, onde a arbitrariedade de um astronauta para com o seu gato companheiro de bordo recebe esquisita resposta por parte dos ETs com quem está tratando. Não se surpreenda se se pegar simpatizando com a mente alienígena.

"Revanche" é um exercício de paranóia próprio de Dick, onde o protagonista se defronta com uma máquina de fliperama deixada como armadilha por alienígenas que conduzem o jogo ilegal numa área metropolitana. O artefato é inteligente e combate -- numa metáfora ao apelo da disputa nessa espécie de jogo -- os policiais com uma resposta mortal. Como em "A Formiga Elétrica" e "A Pequena Caixa Preta" (que dá o título da coletânea original), a relação do homem com a máquina lança luz sobre certos pontos da condição humana -- e, outra vez e sempre, a mente alienígena (possivelmente a nossa própria, em dimensões que não ousamos supor).

Essa intenção de inquietar e intrigar é básica em Dick. "A Pequena Caixa Preta", por exemplo, termina quando as possibilidades mais provocantes estão todas abertas e pululantes de suspense. Esta noveleta também nos apresenta o mercerismo, visto de maneira mais globalizada em "O Caçador de Andróides" (Francisco Alves, Rio de Janeiro), igualmente adaptado no filme "Blade Runner". Há um senso de confusão e transformação social, um sentido ambíguo de desordem amparado pela impressão de que surgirá uma nova ordem, até então subjacente. Algo que, segundo a teoria do pós-modernismo seria a recorrência própria da década de 80, e que Dick antecipou brilhantemente (não é à toa que ele é uma das influências dos cyberpunks).

A idéia do mercerismo parece conter uma outra preocupação constante do autor: a investigação do impacto do coletivo social sobre os indivíduos, na medida em que a seita de Mercer baseia-se na comunhão empática de seus devotos através da caixa preta, que é também um símbolo de distinção social.

Já o francamente humorístico "Não Julgue pela Capa" não despertará grandes conexões, mesmo para o leitor já habituado a Dick, caso ele não conheça o conto "Beyond Lies the Wub", visto no Brasil apenas como uma tradução pirata que circulou há alguns anos pelo fanzine "Alucinação Coletiva". O wub é uma espécie marciana, em nada diferente de um porco

grande. Mas é um filósofo contemplativo, de uma erudição irrepreensível, e um crente na vida após a morte, o que o torna um iconoclasta insuperável. Através do wub, Philip K. Dick se dedica a perturbar a nossa fé nas racionalizações humanas e o nosso intelectualismo, da mesma forma que, em "A Formiga Elétrica", busca perturbar a própria noção de realidade a que nos submetemos.

Até mesmo o bem menos radical "Estranhas Memórias da Morte" - que não é FC, mas mainstream - tem esse fator bem estampado. O protagonista-narrador preocupa-se com o destino de uma vizinha idosa que, ele imagina, será despejada. Ela é meio estranha, e a maior parte do conto é a elucubração dele em torno de teorias psicanalíticas que apontam para o suicídio social e existencial da mulher -- mas ocorre que ela tem outros planos, bem mais prosaicos, para o seu destino.

"O Olho da Sibila", por fim, parece ter um caráter autobiográfico -- ou o que seria a visão autobiográfica que Dick se daria, sem deixar de lado todas as tendências e recorrências que os outros contos da coletânea atestam.

"O Vingador do Futuro" é um bom apanhado da ficção curta de Dick, e que dá a entender que ele também cultivava o hábito de escrever histórias interligadas por um ou outro elemento ou contexto, muito comum na ficção científica. O livro tem problemas de tradução, que truncam um pouco a fluência costumeira do autor. Também a opção da editora em colocar os diálogos de um modo muito mais próximo ao que fazem os americanos do que o de praxe em língua portuguesa emperra um pouco o fluxo.

Talvez seja por isso que um outro resenhador condenou o livro como tendo um mau estilo, embora Dick seja considerado um dos bons estilistas da FC. Mas pode haver uma outra explicação para a "acidez" das colocações dessa outra resenha.

Uma das boas coisas do remanejamento que a Paulicéia fez no livro foi a inclusão de um posfácio pelo autor, extraído de "The Best of Philip K. Dick", onde há uma interessante e polêmica declaração :

"A vantagem do conto sobre o romance é que no conto você capta o protagonista no clímax de sua vida, mas no romance você precisa acompanhá-lo do dia em que nasceu até o dia em que morreu (ou quase isso). Abra a esmo qualquer romance e usualmente o que está acontecendo é, ou tedioso ou pouco importante. A única forma de redimir isso é através do estilo. Não importa o que aconteceu, mas como é contado. Quem escreve romances logo desenvolve a técnica de descrever tudo com estilo, e o conteúdo se desvanece. Em um conto, entretanto, você não pode se safar com esta. Algo de importante tem que acontecer. Acho que é por isso que escritores profissionais talentosos de ficção acabam escrevendo romances. Uma vez aperfeiçoado o estilo, estão feitos. Virginia Wolf, por exemplo, acabou escrevendo sobre nada."

Está claro que Dick apontou sua iconoclastia para essa corrente tão determinante da teoria literária, que preconiza uma preponderância da forma sobre o conteúdo.

A reação teria que ser cáustica, considerando o quanto essa corrente pesa nos meios de comunicação brasileiros.

Leia "O Vingador do Futuro" e depois responda :

- Quem tem medo de Philip K. Dick?

Philip K. Dick, O Vingador do Futuro - Histórias de Philip K. Dick / The Little Black Box: Volume 5 of the Collected Stories of Philip K. Dick, trad. de Ricardo Gouveia, Ed. Paulicéia, 1991, 175 páginas.

Fanzines - Parentes Pobres das Revistas ?
Joan Manel Ortiz

Há alguns dias, quando chegava à minha casa após breves férias nos Pirineus, encontrei uma carta (não direi de quem, pois afinal não tem demasiada importância) que me fez ficar de muito mau humor. O sujeito em questão me dizia, em um de seus antológicos parágrafos: "... e além disso temos agora esta súbita saturação de revistas ..., Starfiction, Blade Runner Magazine e não sei se outras mais, diante do que nenhum fanzine tem razões para continuar existindo, quer por seu conteúdo, quer pela época em que aparecem".

Quedei-me pasmo diante do conceito que o sujeito tinha acerca do papel dos fanzines no desenvolvimento do Fandom e da diferença que há entre estes e as revistas comerciais (note-se que digo comerciais e não profissionais: no meu entender, pode haver tanto profissionalismo em um fanzine como em uma revista; trata-se de um aspecto que se refere à qualidade do trabalho em si, e não a se se recebe ou não remuneração por ele) e, após um primeiro impulso assassino de me lançar sobre o tipo e escrever-lhe uma réplica furibunda, acalmei-me e me quedei a meditar um pouco sobre o tema. Cheguei à conclusão de que é muito fácil que, não apenas ele mas também muita gente, possa estar confuso sobre para que pode servir um fanzine e qual é sua utilidade face ao Fandom, e entendi ser conveniente tomar a liberdade de fazer algumas considerações -- naturalmente segundo meu ponto de vista, e discutíveis por quem desejar interagir comigo em uma polémica construtiva sobre o assunto -- sobre as diferenças que há entre fanzines e revistas comerciais e os possíveis motivos que poderão ter conduzido a esta confusão.

Antes de fazê-lo gostaria de esclarecer que, sob minha ótica, existem dois tipos de editores de fanzines (faneditores): os "honestos" e os "carreiristas". Explico: um fanzine é um produto feito com suor, dinheiro e trabalho de um ou vários fãs que buscam, com seu esforço, alavancar o Fandom e participar ativamente dele. Quer dizer, não se conformam em ser meros espectadores ou leitores de livros; querem intervir, polemizar, expressar o que pensam o mais publicamente possível (a tiragem dos fanzines, todo mundo sabe, é muito restrita), mas o fazem desinteressadamente. Não esperam compensação econômica alguma, mas apenas recuperar algum do seu investimento a fundo perdido.

E aqui retomo minha divisão de faneditores, os "honestos" e os "carreiristas". Os "honestos" se encaixam perfeitamente na descrição que fiz sobre os editores de fanzines. Não esperam chegar a Presidentes da Editorial Planeta nem transformar seus fanzines em revistas para encherem os bolsos. Os "carreiristas" sim. Para eles, editar um fanzine é um meio para conseguir um nome (mais ou menos "bom") que lhes permita "escalar" até à profissionalização e à comercialização, ou seja, vender-se. Têm ocorrido vários casos nos últimos anos e alguns faneditores de então são agora reputados (!?) dirigentes de coleção, planejam publicar revistas comerciais ou estão vivendo às custas de alguma editora.

Será algum mal alguém tentar melhorar de vida? Será que na verdade não tenho inveja por não ter conseguido fazê-lo? Sinto desiludir, mas sempre esteve claro para mim que editando fanzines não chegaria a qualquer paraíso fiscal para aplicar gordos rendimentos, e a idéia de vender meu trabalho e o pouco talento que possa ter à uma editora por um salário ... bem, por isto já estou bem trabalhando para outros, e não precisamente neste ramo (atenção, não quero agora vender a imagem de que sou puro e pió; nunca estive interessado na vertente comercial da FC, mas já colaborei, colaborei e certamente continuarei colaborando com alguma editora, mas mantendo sempre minha independência e integridade).

E que conste que não estou acusando, como alguém poderia pensar pelo que acabo de dizer, a qualquer fã que, havendo sido um faneditor, tenha

chegado com o tempo a trabalhar em uma editora, seja como assessor literário, seja como linotipista.

Estou falando de honestidade. Para mim, o fundamental para que um fanzine cumpra com sua função é a honestidade de seus faneditores. Fraco serviço pode prestar ao Fandom uma publicação feita por uma ou mais pessoas cujo único objetivo é promoverem-se a si mesmas e que, quanto estiverem "colocadas" nas alturas, lhe darão um pontapé. Estes são os que denomino "carreiristas", os "não-honestos". E temo que estes "carreiristas" (que são obviamente os que mais se destacam) tenham chegado a prostituir a idéia que se deveria ter de um fanzine em nosso país e, dado que, além disto, esses mesmos indivíduos renegam seu passado considerando-o "ultrapassado" e olham por cima do ombro para os que temos permanecido nele, creio que acabaram conseguindo que, na Espanha, se chegue a considerar os fanzines como os parentes pobres das revistas, uma espécie de antessala das mesmas. E, claro, os fanzines que não conseguem que seus editores cheguem a dirigir alguma coleção ou a escrever e editar profissionalmente em um futuro breve, são dados como fracassados.

Mas lamento contradizer novamente aos que pensam assim. Um fanzine é uma publicação de aficionados, feita com o coração e nunca planejada como um negócio, nem a curto nem a longo prazos. As carências técnicas e de recursos são supridas com coração e imaginação, e seu único objetivo é chegar ao fandom. É algo em estado puro porque feito com desinteresse.

Pode uma revista comercial, por exemplo Blade Runner Magazine, chegar a ser algo assim? A única resposta é não. Blade Runner Magazine (tomo-a como exemplo por ser a única existente quando escrevo estas linhas) se deve a seu editor, aos anunciantes que pagam para aparecer em suas páginas, às editorias, às vendas ... demasiadas fidelidades. Um fanzine só se deve a seus leitores e à consciência de seus editores. E o que se tenha de dizer será dito sem véus.

Uma revista pode viver apenas de sua venda -- diria inclusive que não importa quem a compre, mas um fanzine necessita que o fandom colabore com ele, que os aficionados escrevam, que alentem seus editores a continuar com sua tarefa. As revistas são coisas muito bonitas (também agradam a mim), mas são muito diferentes dos fanzines. Uma revista, se dispuser de recursos, pode adquirir direitos de obras, ter uma ampla tiragem, um preço reduzido, contar com distribuição ... já um fanzine? nem sonhar! Com seus 300 exemplares, onde poderá chegar? já é muito quando consegue aparecer de vez em quando. Mas estes são perfeitos complementos daquelas, já que permitem aos aficionados ter acesso mais direto a um veículo que lhes permita publicar seus trabalhos. A maior utilidade dos fanzines é, precisamente, servir como campo de provas para novos escritores, tanto de ficção como de não-ficção, isto sem contar com o grande volume de informações sobre o fandom local que pode chegar a oferecer e que as revistas comerciais, devido ao seu maior tamanho e complexidade, não conseguem.

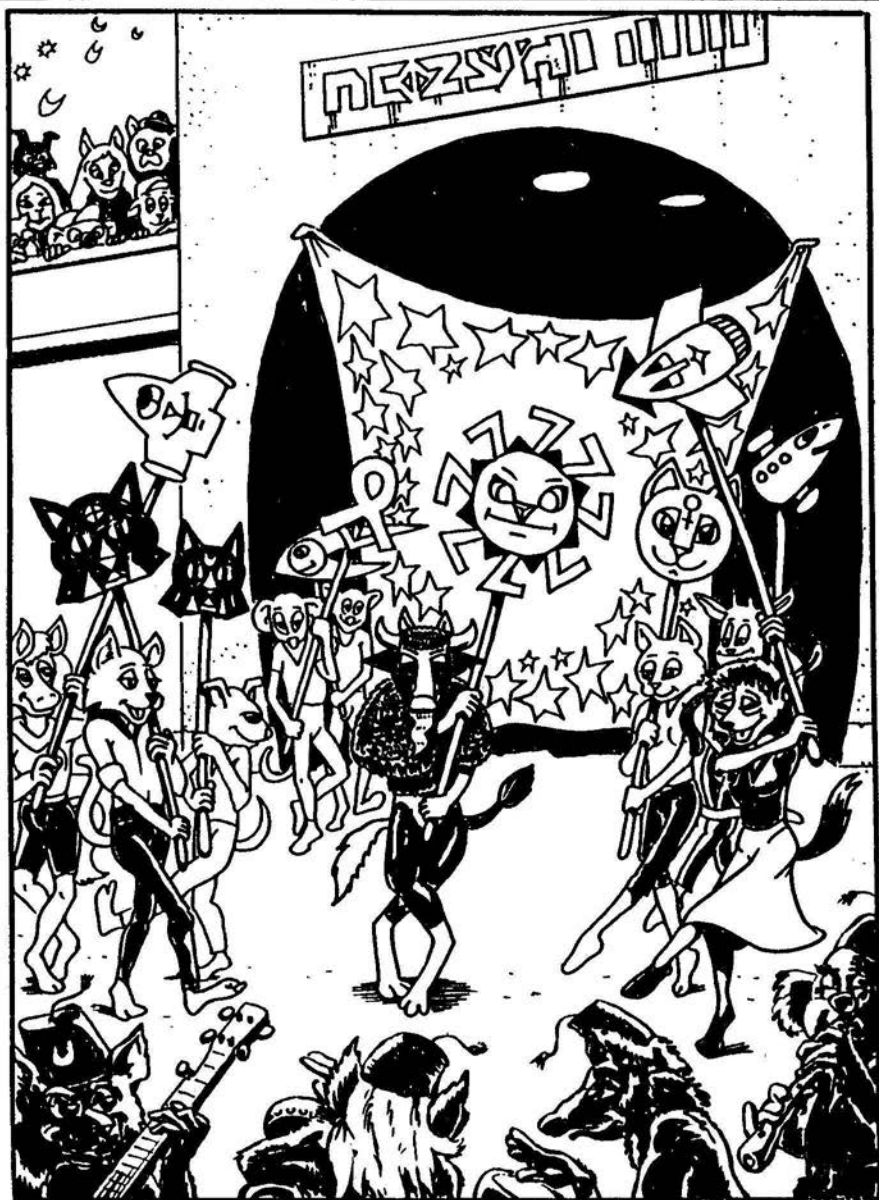
Os fanzines são, em definitivo, a alma do fandom.

E aqui repudio o comentário estúpido que por vezes tenho ouvido por aí de que os fanzines se editam para publicar os trabalhos de seus editores. Se estes são honestos (insisto nisto, pois acredito que é muito importante), sempre buscarão conseguir qualidade nas páginas de seu fanzine, mais do que fazer com que seu nome apareça por todo lado (algo parecido disse o próprio Miguel Barceló na entrevista que deu a não me recordo que número do Blade Runner Magazine).

Precisamente por isso sempre desconfiei dos fanzines que deram o passo da comercialização, porque me soaram falsos, pouco honestos, como se o que pretendessem desde o começo fosse precisamente isto, ganharem a vida com eles (e repito que um fanzine nunca pode ser um negócio). Já houve casos (estou pensando no Zikkurath e em seu grupo fantasmagórico) e, suponho, haverão outros. Mas, pessoalmente, seguirei trabalhando e publicando fan-

zines, que considero algo verdadeiro e, contraditoriamente, imperecível, porque enquanto houver aficionados haverá fanzines. A história me dará razão.

Artigo originalmente publicado no número 12 de BEM - Noticias Mensuales de Fantasía y Ciencia Ficción, editado pelo Grupo Interface, Principado de Andorra. Tradução de R. C. Nascimento.



Dirt Furmen Dances #10:
"Merry Solstice and a Happy New Year"

©1991 Ken Fletcher

ISAAC ASIMOV (1920-1992)

Isaak Iudich Azimov nasceu em Petrovich, uma cidade russa às margens do rio Dnieper, na então União Soviética, aos 2 de janeiro de 1920, filho de Judah Azimov e Anna Rachel Berman. Tendo emigrado com a família para os Estados Unidos em 1923, Asimov era, para todos os efeitos, norte-americano -- cidadania que lhe foi concedida já em 1928 com a naturalização de seu pai.

Criado no Brooklyn (NYC), onde seu pai montou uma loja de doces em 1926, Asimov teve pouca instrução religiosa, ainda que tivesse nascido numa família judaica tradicional; tendo se tornado ateu muito cedo, nunca alardeou nem escondeu esta sua postura, e nem a inculcou em seus trabalhos.

Asimov foi submetido ainda muito garoto a um ritmo apertado de vida, levantando-se às 06:00 horas para entregar jornais e correndo em seguida para a escola, de onde voltaria direto para casa para trabalhar na loja de doces até tarde à noite. Sempre que se atrasava na volta da escola, ou quando se deixava levar em longas leituras, seu pai o acusava de ser preguiçoso. Esta pressão deixava-o ressentido, mas também acabou levando-o a ficar marcado por uma verdadeira compulsão pelo trabalho. Num trecho de sua auto-biografia, diz: "Eu ainda trabalho sete dias por semana, dez horas por dia, quando consigo, como se eu ainda estivesse na loja de doces. Quando as circunstâncias me forçam a uma interrupção, sinto-me desconfortável como se uma voz interior me dissesse: -- quem está tomando conta da loja?".

Enquanto a maioria de seus colegas ia brincar depois das aulas, estabelecendo relações e consolidando amizades, Asimov não podia acompanhá-los; como resultado, acabou se tornando um tanto desajeitado socialmente, particularmente com garotas, o que só conseguiu superar em parte após muitos anos; tornou-se muito afetuoso com os amigos que fez e raramente deixava de flertar com as mulheres que mais tarde encontraria nas convenções -- embora apenas por brincadeira, não levando nem sendo levado a sério nestas ocasiões.

Asimov aprendeu a ler sozinho, antes de completar cinco anos, e aos sete já possuía um cartão de biblioteca. Leitor ávido, era um estudante brilhante e terminou seu curso secundário antes dos dezesseis anos, graças à sua extraordinária memória e inegável precocidade intelectual.

A partir de 1938, Asimov iniciou um diário onde registrava meticulosamente seu dia-a-dia, o que incluía, entre outros, os resultados dos jogos de baseball -- que apreciava muito, sendo inclusive um torcedor dos Giants. Manteve este diário por praticamente toda vida, o que lhe foi particularmente útil ao escrever as introduções de seus livros e compilar sua auto-biografia.

Terminado o segundo grau, Asimov requereu matrícula na Columbia College, faculdade de elite da Columbia University, mas foi reprovado na entrevista de admissão. Em sua auto-biografia, registra que se mostrou ansioso, falador em demasia e muito nervoso, o que causou má impressão -- reação aliás que achava continuar provocando quando encontrava as pessoas pela primeira vez. Aceito na Seth Low Junior College, no Brooklyn, uma faculdade de menor prestígio, mas também parte do campus da Columbia University e com um corpo discente predominantemente judaico e italiano, Asimov sempre assumiu que havia sido aliado para lá porque a Columbia College tinha "quotas raciais" que devia obedecer; Asimov nunca mais se esqueceria deste incidente.

Após um ano, a Seth Low fechou as portas e Asimov foi transferido para a Columbia onde se graduou em 1939 como Bacharêu em Ciências Exatas -- o que ele considerava de segunda classe, porque os formandos oriundos da Columbia College receberam o grau de Bacharêu em Ciências Humanas, o que, na sua opinião, alunos "sub-graduados", como ele próprio, tendo vindo da Seth Low, não eram qualificados a receber. Este desgosto se acentuaria ainda mais quando somente foi admitido no curso de pós-graduação após ter insistido várias vezes em seu pedido de inscrição e, mesmo assim, sendo colocado num período probatório antes de receber a matrícula definitiva.

Terminando seu mestrado em 1941, Asimov decidiu fazer seu doutorado; mas logo os EUA estavam engajados na 2ª Grande Guerra, o que retardaria seus estudos por algum tempo. Isto aconteceu porque, durante um jantar na casa de John W. Campbell Jr. (1910/1971), Asimov foi apresentado a Robert A. Heinlein (1907/1988), que então trabalhava na "U. S. Naval Air Experimental Station", na Philadelphia, e que praticamente o recrutou.

Este jantar foi arranjado por Campbell, amigo íntimo de Heinlein que, por solicitação do Lt. Cdr. A. B. Soles, seu antigo colega de classe na Academia Naval de Anápolis, estava interessado em trazer para sua equipe no Materials Laboratory da Naval Aircraft Factory alguns escritores de FC que tivessem formação técnica, pois achava que sua criatividade e conhecimentos específicos em suas áreas de formação poderiam ser úteis. Como o salário oferecido era bastante tentador, Asimov aceitou o emprego.

Os anos de guerra em que trabalhou para a marinha, e durante os quais conviveu com Heinlein e L. Sprague de Camp (1907-), não evitaram sua convocação e Asimov foi alistado em novembro de 1945, alguns meses após o término da guerra; servindo em funções administrativas, integrou a operação "Crossroad", que promoveu testes atômicos no Pacífico, tendo voado de volta aos EUA antes que aqueles tivessem sido realizados -- esta foi a última vez que Asimov viajou de avião, pois tinha um pavor patológico de alturas.

Dando baixa em julho de 1946, Asimov retorna à Columbia University para concluir seu doutorado em química. Entre suas obrigações, devia fazer palestras sobre suas pesquisas. No decorrer de seu primeiro seminário, um dos alunos olhava desamparado as equações que Asimov havia escrito na lousa e lhe disse que jamais as conseguiria compreender; "bobagem", respondeu Asimov, "basta prestar atenção à minha preleção e tudo ficará claro para você". Esta foi uma clara indicação dos rumores que sua carreira haveria de tomar.

Uma de suas primeiras incursões como escritor de não-ficção foi um artigo publicado no número de março de 1948 de "Astounding Science Fiction", intitulado "The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline", uma sátira às dissertações acadêmicas. Campbell deveria publicar o trabalho sob um pseudônimo, mas esqueceu disto; Asimov ficou apavorado, pois iria defender sua tese poucos meses depois e temia que seus professores tomassem o trabalho como um insulto. Para aumentar ainda mais sua aflição, o artigo acabou se tornando muito popular e logo estava circulando entre os químicos de todo país, sendo pois seu primeiro trabalho a atrair a atenção fora do campo da FC. Ao término da sustentação oral de sua tese, um dos membros da banca lhe perguntou: "O que o senhor nos pode dizer, Sr. Asimov, sobre as propriedades termodinâmicas de um composto conhecido como Thiotimolina?". Asimov teve um tal acesso de riso nervoso que teve de ser retirado da sala. Alguns minutos depois, era o Dr. Asimov; tinha então 28 anos.

Em 1949 foi contratado pela Boston University School of Medicine como instrutor de bioquímica, apesar de não ter cursado a matéria formalmente, fato este desconhecido pela universidade. Continuando sua produção literária em paralelo com suas atividades acadêmicas, já por volta de 1956 recebia muito mais como escritor do que como professor. Em 1958, após uma séria discussão com seu diretor de departamento, Asimov acabou liberado de suas atividades acadêmicas; mas Asimov pressionou a universidade e acabou mantendo seu título, essencialmente pelo prestígio que conferia. Nos anos que se seguiram, Asimov ainda dava conferências ocasionalmente, sendo um dos mais populares conferencistas do campus, tendo sido várias vezes ovacionado de pé pela audiência.

Ao deixar a Boston University, Asimov disse ao seu antigo chefe de departamento que não precisava edules, que era um dos melhores escritores científicos do mundo e que era sua intenção se tornar o melhor de todos -- o que logo tornou realidade.

Nos anos seguintes Asimov se tornou o mais proeminente escritor científico do mundo, e um dos grandes autores mundiais de FC; bem recebido no fechado círculo de conferencistas, procurado avidamente por editores de livros e magazines, presença habitual nas convenções de FC da costa oeste

dos EUA, era um fenômeno literário e uma personalidade mundial. Genial, com uma enorme presença de espírito, interessado numa variedade de assuntos e um entusiasta em relação a todos eles, assumia que seus leitores eram tão interessados quanto ele mesmo em todos os temas que abordava, o que de fato ocorria frequentemente.

Seu estilo era leve, fluía naturalmente, tinha a habilidade de ajudar as pessoas a entender temas científicos de uma forma simples; mais, traduzia sua própria maneira de ver o mundo. Todo o país já tinha então tomado consciência da sua existência, e seu nome num livro era garantia de boas vendas. Alguns editores chegaram a argumentar que Asimov concorria consigo mesmo face à enorme variedade de títulos publicados, mas o fato é que cada livro com seu nome na capa ajudava a vender o seguinte, por conta de uma audiência cativa cada vez maior e mais interessada.

Mas se era bem sucedido como escritor, não o era em sua vida particular. Seu casamento em 26 de julho de 1942 com Gertrude Blugerman, com quem teve dois filhos, David (nascido em 1951) e Robyn Joan (nascida em 1955), vinha num processo de deterioração já por muitos anos; separados em 1970, divorciaram-se em 16 de novembro de 1973. Foi um processo litigioso e desgastante que, segundo o próprio Asimov, teria lhe custado cerca de US\$ 50 mil em custas legais. Asimov foi bastante honesto admitindo que, com suas deficiências pessoais e egoisticamente centrado em seus escritos, era tudo menos um bom marido. Casou-se pela segunda vez, em 30 de novembro de 1973, com Janet Opal Jeppson, uma psiquiatra que acabou se tornando escritora e que ele havia conhecido na "New York Science Fiction Convention" em 1956.

Em 18 de maio de 1977, Asimov sofreu seu primeiro ataque coronariano; mesmo hospitalizado, continuou trabalhando no primeiro volume de sua autobiografia. Após ter alta, perdeu peso e se recuperou satisfatoriamente deste primeiro incidente, e em pouco tempo retomou seu ritmo normal de trabalho.

Tendo já publicado centenas de livros, Asimov chegou ao ponto de receber milhões de dólares em adiantamento por seus livros, mas jamais deixou que isto alterasse substancialmente seus hábitos. Uma das principais razões que o haviam levado a trocar a ficção pela não-ficção nos anos 60 foi de ordem financeira: a FC pagava-lhe, comparativamente, uma insignificância; agora, a FC era um sucesso estrondoso e ele podia ganhar mais com uma única novela de FC do que com algumas dúzias de livros de não ficção.

Ainda que Heinlein fosse mais popular no campo da FC, liderando todas as pesquisas e trazendo Asimov em segundo e Arthur C. Clarke (1917-) em terceiro, Asimov era melhor conhecido por conta de sua maior audiência. Desta corrida resultaria o "Tratado Asimov-Clarke", fechado certa vez num taxi em New York, segundo o qual Clarke sempre insistiria que Asimov era o melhor autor de FC, sendo ele o segundo, enquanto Asimov afirmaria sempre o contrário.

O nome e o rosto de Asimov passaram a ser reconhecidos em todo mundo, o que o levou à franquia do nome para que outros escritores publicassem trabalhos ambientados nos universos criados por ele, como é o caso da série "Isaac Asimov's Robot City" e outras. Asimov não precisava da fama ou do dinheiro que daí adinham, bastando-lhe a satisfação de oferecer idéias para uso de outros, como Campbell havia feito com ele mesmo no início de sua carreira; com este esquema, Asimov achava que poderia ajudar jovens escritores a vender seus trabalhos e, ao mesmo tempo, exercitar seu talento.

Em 1983 Asimov sofre uma cirurgia para implantação de triplíce ponte safena, e em 1989 caiu vítima de novas enfermidades cardíacas; tendo ficado vários meses internado, jamais chegaria a se recuperar completamente. Perguntado numa entrevista o que faria se tivesse apenas seis meses de vida, disse: "datilografaria mais depressa"; como escreveu em um de seus últimos editoriais no IASFM, tinha esperança de morrer sobre sua máquina de escrever. Lamentavelmente isto não iria ocorrer; as drogas que o mantinham vivo também acabaram por impedi-lo de continuar trabalhando, até que chegou finalmente o dia em que se afastou pela última vez de sua máquina de escrever, esvaído afinal do entusiasmo que tinha pela única coisa que

jamais desejou fazer na vida. Asimov nasceu para escrever, viveu para escrever e, quando por fim perdeu a habilidade de fazê-lo, morreu.

Isaac Asimov faleceu de problemas cardíacos e complicações renais, no dia 6 de abril de 1992, no New York University Hospital; atendendo seu desejo, o corpo foi cremado e nenhum funeral foi realizado.

ASIMOV E FICÇÃO CIENTÍFICA

Os primeiros contatos de Asimov com a Ficção Científica se deram através dos magazines vendidos na loja de seu pai, com a chegada de "Amazing Stories", cujas capas o fascinavam, mas que ele era proibido de ler pois seu pai os considerava publicações sem valor. A partir do momento em que também surgiu "Science Wonder Stories", em 1929, Asimov aproveitou para argumentar com o pai que um magazine que tinha "ciência" no título haveria de ter algum valor, convencendo-o então a deixá-lo ler.

Campbell havia substituído Frederick Orlin Tremaine (1899/1956) como editor de "Astounding" no início de 1938, e o magazine logo se tornou o favorito de Asimov, levando-o a escrever regularmente para a coluna de cartas dos leitores. Certa semana, preocupado porque o magazine não havia chegado à loja, Asimov deu-se ao trabalho de ir até os escritórios da revista, em Manhattan, para saber o que havia acontecido; na verdade, uma simples alteração no cronograma de entrega havia ocasionado o atraso, mas esta visita estabeleceu um importante precedente.

Quando Asimov terminou sua primeira história de FC, intitulada "Cosmic Corkscrew", foi entregá-la pessoalmente nos escritórios dos editores de "Astounding". Ainda que Campbell tenha rejeitado o trabalho, concedeu uma hora de seu tempo a um fascinado Asimov; aos 28 anos, Campbell tornou-se o ídolo do jovem Asimov então com 18 anos.

Campbell também rejeitou sua história seguinte, sem contudo deixar de encorajá-lo a continuar escrevendo. Anos mais tarde, quando Asimov tentou expressar sua gratidão por toda ajuda recebida, Campbell deu de ombros dizendo: "eu ajudei centenas de escritores, da mesma forma que ajudei você; por que todos eles não são Isaac Asimov?".

Após Campbell haver recusado sua terceira história, intitulada "Marooned Off Vesta", Asimov resolveu enviá-la para "Amazing Stories"; o magazine comprou-a e pagou por ela US\$ 64, publicando-a no número de março de 1939. Foi a primeira história de Asimov a ser publicada, e isto aconteceu apenas quatro meses após seu encontro com Campbell; mas ainda foram precisas mais seis tentativas até que Campbell aceitasse "Trends", publicada no número de julho de 1939, abrindo um espaço que Asimov usaria quase com exclusividade nos dez anos seguintes.

Asimov descobriu o fandom por intermédio da coluna de cartas dos leitores de "Astounding", tendo comparecido à primeira reunião dos "Futurians", em 1938, do qual faziam parte, entre outros, Don Wolheim (1914/....), Fred Pohl (1919-), Cyril Kornbluth (1923/1958), Bob Lawdes e James Blish (1921/1975), e por mais de um ano compareceu regularmente às reuniões do grupo. Em 1939 Samuel Moskowitz (1920-) organizou a primeira "World Science Fiction Convention" em NYC e, preocupado com a possibilidade dos "Futurians", muito ativos politicamente, causarem algum tumulto, excluiu-os da convenção. Asimov não pertencia ao círculo mais íntimo dos "Futurians", e já havia então sido publicado numa revista profissional; assim, desejando desesperadamente participar do encontro, tenta entrar e o faz sem ser incomodado, fato este que o fez mais tarde sentir-se culpado.

Começa então a se afastar dos "Futurians", especialmente porque os estudos, o trabalho na loja do pai e sua própria produção literária não ofereciam muito tempo livre para contatos sociais. Mas deixou muitas amizades, como Frederik Pohl que atuou como seu agente para vários mercados exceto "Astounding"; após se terem separado, Asimov trabalhou o resto da vida sem qualquer agente, secretária, datilógrafa ou pesquisadores contratados, fazendo ele mesmo todo o trabalho, respondendo sua própria correspondência e atendendo ele mesmo o telefone.

Campbell era um conservador ferrenho, e acreditava que humanos seriam sempre superiores a alienígenas; assim, ao invés de discutir com ele ou correr o risco de ter algum trabalho rejeitado, como havia acontecido com "Half-breed", Asimov preferiu simplesmente alijar extraterrestres de suas histórias, o que muito provavelmente levou-o à criação do universo inteiramente humano de "Foundation". Outra consequência foi levar Asimov a desenvolver histórias com robôs, pois não tinha quaisquer escrúpulos em criar personagens humanos superiores aos artificiais.

A primeira história de sua célebre "Robot Series", intitulada "Strange Playfellow" -- que tem o título alternativo de "Robbie", foi rejeitada por Campbell que a achava parecida com "Helen O'Loy", de Lester Del Rey; Asimov submeteu-a então a "Amazing", que também a recusa por achá-la semelhante a "I, Robot", de Eando Binder. Foi então que Fred Pohl, na época editor de "Super-Science Stories", comprou-a para publicação.

A terceira história da série, intitulada "Liar!", publicada em 1941, introduziu suas definitivas "Três Leis da Robótica", cuja formulação Asimov credita a Campbell. Os cérebros positrônicos de seus robôs são há muito um "padrão" utilizado largamente -- o personagem "Data", de "Star Trek - The Next Generation", por exemplo, está equipado com um cérebro positrônico.

Asimov causa uma verdadeira revolução com seus robôs, banindo dos magazines da época os terríveis monstros metálicos que até então aborreciam -- mais do que atraíam, seus leitores. Tanto quanto Heinlein, Asimov trouxe inteligência e cultura para suas histórias, leves, ágeis e instigantes.

Nove histórias sobre seus robôs, publicadas entre 1940 e 1950, com algum material adicional desenvolvido para dar consistência ao conjunto, foram colecionadas em 1950 sob o título de "I, Robot" -- até hoje um dos mais divulgados livros de Asimov; outras oito histórias, a maioria delas escritas nos anos 50, foram reunidas e publicadas em 1962 em outra coletânea intitulada "The Rest of the Robots". Suas histórias com robôs voltam a aparecer em 1983 em "The Robots of Down", retomando personagens surgidas em "The Caves of Steel" (1954) e "The Naked Sun" (1957), e novamente em 1985 em "Robots and Empire".

O ano de 1941 vê surgir sua mais famosa história, "Nightfall", publicada no número de setembro de "Astounding", que liderou todas as pesquisas até hoje realizadas para se determinar qual seria a melhor história de Ficção Científica de todos os tempos.

Logo depois, em 1942, Asimov começa a publicar um conjunto de contos e noveletas em "Astounding Science Fiction", o que se prolongará até 1950, que mais tarde comporiam sua "Foundation Trilogy". A idéia da série surgiu a partir da leitura de "Decline and Fall of the Roman Empire", de Edward Gibbon, e embora a primeira história da série, intitulada "Foundation", não tivesse causado grande impacto entre os leitores, que a colocaram em quarto lugar numa das habituais votações realizadas pelo magazine, a segunda delas, "Bridle and Saddle", foi votada em primeiro lugar; a partir daí, com raríssimas exceções, todas as demais histórias da série foram votadas em primeiro ou segundo lugares. Três histórias da série, "The Big and the Little", "Dead Hand" e "The Mule" foram escritas durante os anos de guerra, enquanto estava na Philadelphia.

Aos 22 anos, Asimov consolidava então sua reputação como escritor de Ficção Científica.

Os trabalhos publicados de 1942 a 1944 foram editados em 1951 com o título de "Foundation"; os publicados em 1945, editados em 1952 como "Foundation and Empire"; e os publicados entre 1948 e 1950, editados em 1953 como "Second Foundation".

Com o conjunto de trabalhos de "Foundation" e sua psico-história, Asimov obtém um inusitado sucesso e fez desta série o maior fenômeno do gênero originado nos magazines de FC, tendo ganho em 1966 o "Hugo" de melhor série de todos os tempos -- esta categoria (série) teve apenas esta edição, tornando-a no mais importante trabalho de sua carreira, com milhares de exemplares vendidos em incontáveis edições por todo o mundo.

Três novos títulos foram acrescentados à série, com variada acolhida de crítica e leitores : "Foundation's Edge" em 1982, "Foundation and Earth" em 1986 e "Prelude to Foundation" em 1988.

A primeira novela de Asimov, "Pebble in the Sky", foi publicada em 1950; como as duas novelas subsequentes, "The Stars Like Dust" (1951) e "The Currents of Space" (1952), está ambientada no mesmo contexto do "Império Galáctico" criado em "Foundation", mas antecedendo-a na cronologia interna da "história do futuro" de Asimov. Esta cronologia, estruturada pelo próprio Asimov, pode ser encontrada numa nota do autor em "Prelude to Foundation".

A década de 50 foi um marco na carreira de Asimov. Mesmo mantendo sua amizade com Campbell, começa a se afastar dele; quando Campbell publicou o livro "Dianetics", de L. Ron Hubbard, Asimov sentiu que se quebrava definitivamente a idolatria que até então mantinha pelo editor. Com o surgimento de dois novos magazines, "The Magazine of Fantasy and Science Fiction" em 1949, e "Galaxy" em 1950, Asimov sentiu-se mais livre e seguro, pois já não era um autor exclusivo para Campbell, dispondo agora de um mercado mais amplo.

No período de 1950 a 1958, Asimov produziu a maioria de suas novelas, dentre as quais "The End of Eternity" (1955) -- que muitos, e Asimov mesmo, consideram como seu melhor trabalho de FC. Deste mesmo período datam muitas de suas melhores histórias, como "C-Chute" (1951, condenando a Guerra da Coreia), "The Martian Way" (1952, um libelo contra o Macartismo), "Dreaming is a Private Thing" (1955), "The Dead Past" (1956), "Silly Asses" (1957, um protesto contra a construção da bomba de hidrogênio) e "The Ugly Little Boy" (1958).

Ainda nesta fase é que surge, escrita sob o pseudônimo de Paul French, a série "Lucky Starr" composta por seis trabalhos voltados ao público infanto-juvenil : "David Starr, Space Ranger" (1952), "Lucky Starr and the Pirates of the Asteroids" (1953), "Lucky Starr and the Oceans of Venus" (1954), "Lucky Starr and the Big Sun of Mercury" (1956), "Lucky Starr and the Moons of Jupiter" (1957) e "Lucky Starr and the Rings of Saturn" (1958).

Asimov jamais voltaria a usar um pseudônimo, e quando a série foi reeditada a partir de 1973 pela New English Library (London), desta vez o foi sob o nome verdadeiro do autor e sem a expressão "Lucky Starr and the" nos títulos.

Nos anos 60 e seguintes aparecem "Fantastic Voyage" (1966); "The Gods Themselves" (1972) -- ganhadora dos prêmios "Hugo" e "Nebula", e uma série de coletâneas importantes principalmente pelo material biográfico que contém.

Outro conjunto de trabalhos que ilustram a criatividade e versatilidade de Asimov é a série de histórias dos "Black Widowers". Os contos dos "Viúvos Negros", quase todos publicados no "Ellery Queen's Mystery Magazine" a partir de 1972, já deram origem a várias coletâneas muito bem aceitas pelo público.

Em 1977, mesmo ano em que sofre seu primeiro ataque cardíaco, surge o "Isaac Asimov Science Fiction Magazine", ainda hoje sendo editado com muito sucesso. A idéia deste magazine veio dos mesmos editores dos "Ellery Queen's Mystery Magazine" e "Alfred Hitchcock's Mystery Magazine", que levaram quase um ano para convencer Asimov a ceder seu nome para a nova publicação. Mas, pelo acordo firmado, Asimov continuaria com sua coluna em F&SF e, no novo magazine, faria apenas os editoriais e responderia às cartas dos leitores; atuaria como consultor para o editor, e qualquer trabalho que escrevesse para publicação em magazine deveria antes ser submetido àquele.

Na década de 80 Asimov continuou com seu ritmo normal de trabalho, produzindo as já referidas "Foundation's Edge" (1982), "Robots of Dawn" (1983), "Robots and Empire" (1985), "Foundation and Earth" (1986) e "Prelude to Foundation" (1988).

Em 1980 aparece ainda um personagem diferente, "Azazel", inicialmente um pequenino diabo posteriormente transformado num extraterrestre, e que estrela uma série de contos publicados no "Magazine of Fantasy and Science

Fiction" e no "Isaac Asimov Science Fiction Magazine", dando uma boa amostra do humor de Asimov.

Ainda nos anos 80, Asimov tem publicadas "Fantastic Voyage II : Destination Brain" (1987); "Norby Finds a Villain" e "Norby : Robot for Hire", em parceria com Janet Asimov -- série que mais tarde terá continuidade sob a pena desta; "Nemesis" (1989), e "Nightfall" (1990), em parceria com Robert Silverberg (1935-), baseada no conto homônimo publicado nos anos 40. Também em colaboração com Silverberg, transformou em novelas mais dois de seus contos : "The Ugly Little Boy", publicado até agora somente na Inglaterra com o título de "Child of Time", e "The Bicentennial Man", ainda inédito e que tem o título provisório de "The Positronic Man".

Ainda inéditos, da mesma forma, mais um título da série "Foundation" : "Forward to Foundation", que na cronologia interna da série se situa entre "Prelude to Foundation" e "Foundation", e que reúne quatro ou cinco histórias.

Mas Asimov acrescentaria ainda outra faceta à sua longa série de sucessos no âmbito da FC, desta vez como antologista. A partir de 1962 passa a editar as antologias "The Hugo Winners" e, a partir de 1979, edita inúmeras antologias em parceria com nomes como Martin N. Greenberg, Charles G. Waugh, Jeffrey S. Hudson e Janet Asimov.

São parte desta safra de antologias as "Great Science Fiction Stories" (21 volumes), "Isaac Asimov Magical Worlds of Fantasy" (11 volumes), "Isaac Asimov Magical Worlds of Science Fiction" (9 volumes) e "Isaac Asimov Wonderful Worlds of Science Fiction" (10 volumes).

Seu bom humor e personalidade marcante tornaram-no um antologista bastante popular, e os textos que desenvolvia para apresentar cada volume eram tão esperados e apreciados quanto os de ficção que se lhes seguiam.

Asimov foi muitas vezes acusado de usar personagens estereotipados em suas histórias -- e por vezes o fez realmente, mas também gerou personalidades fascinantes como "The Mule", Elijah Baley, R. Daneel Olivaw e Susan Calvin; não se notabilizou pelo lirismo em suas histórias, mas escreveu trabalhos sensíveis como "The Ugly Little Boy" e "The Bicentennial Man".

O segredo de seu sucesso como autor de FC reside não apenas no enorme alcance das tramas que teceu com sua pena mas, especialmente, na interação de suas idéias e filosofia de vida, o que por si só foi de significativo valor para o gênero no qual se notabilizou como poucos.

Autor premiado em 1987 pela SFWA com o título de "Grand Master", Asimov é considerado um dos três grandes mestres da FC, ao lado de Heinlein e Clarke.

ASIMOV E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Como já anotado com referência à publicação de "The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline", em 1948, Asimov expandiria sua produção literária muito além da ficção, tendo escrito com sucesso sobre temas os mais variados, da Bíblia a Shakespeare, de anatomia a zoologia; basta lembrar que na verdade sua FC representa, de fato, uma parcela relativamente pequena de toda sua produção.

Logo depois de chegar à Boston University, Asimov escreveu um livro-texto sobre bioquímica, intitulado "Biochemistry and Human Metabolism" (1952), em parceria com dois outros professores da mesma universidade; contudo, sempre considerou o livro um fracasso, talvez por não ter sido um trabalho solo no qual pudesse tratar o tema livremente, sem a interferência de terceiros. Mas foi com "The Chemicals of Life", um livro de ciências para adolescentes, que Asimov descobre ser mais fácil escrever sobre ciências do que gerar ficção.

E foi considerando o potencial de mercado para este tipo de trabalho que Asimov preparou um artigo voltado especificamente para publicação nos magazines de FC da época, intitulado "Hemoglobin and the Universe", que submeteu a Campbell e foi publicado em "Astounding", abrindo-lhe a possibilidade de escrever sobre ciências de uma forma mais simples, compreensível, personalizada, liberta do jugo do estilo hermético das publicações científicas profissionais.

Uma das razões que tornariam Asimov ainda mais prolífico como autor de não-ficção reside num simples fato, como ele próprio comenta: "em ficção, cada história tem que ser única, diferente; já um artigo escrito para o Journal of Chemical Education pode ser expandido e passado para uma linguagem popular para ser publicado no Analog e, em seguida, resumido e simplificado para publicação no Science World".

A partir de 1958, Asimov decidiu se dedicar à popularização da ciência; como resultado, surge sua coluna no "Magazine of Fantasy and Science Fiction", que foi publicada ininterruptamente desde novembro de 1958, e que garantiu a Asimov um "Hugo" especial em 1963 por "trazer ciência à ficção científica". Lamentavelmente o estado de saúde de Asimov não permitiu que pudesse escrever o 400º artigo para o magazine, que teria uma edição especial para comemorar o feito notável. Foi o editor do F&SF Robert Mills, quem moldou para Asimov a alcunha de "O Bom Doutor".

Asimov então passa a escrever indistintamente para a Doubleday, Houghton Mifflin, Abelard-Shuman, Basic Books, Walker, Random House, Simon and Schuster e muitos outros editores. Inicialmente, seus livros eram voltados somente às ciências (astronomia, química, física, biologia, matemática, etc) e na maioria objetivando um público interessado em ciências em geral.

São desta safra, por exemplo, "The Measure of the Universe", "Counting the Eons", "Extraterrestrial Civilizations", "Exploring", e outros.

Mas Asimov também produziu outros trabalhos importantes, como "The Intelligent Man's Guide to Science" (1960), revisado e reeditado em 1972 com o título de "Asimov's Guide to Science", e a "Asimov's Biographical Encyclopedia of Science and Technology" (1964).

Fascinado por História, escreveu uma série voltada à história antiga, com títulos como "The Greeks" (1966), "The Roman Republic" (1967), "The Egyptians" (1967), "The Dark Ages" (1968) e outros. Em 1968 publica o "Asimov's Guide to the Bible", em dois volumes, seguido logo depois por mais dois volumes dedicados à vida e obra de Shakespeare.

Deve-se acrescentar à sua produção de não-ficção os dois volumes de sua auto-biografia, "In Memory Yet Green" e "I, Asimov", este último ainda inédito.

---ooo000ooo---

Asimov não foi o escritor mais prolífico que já surgiu, pois outros já excederam sua não menos fantástica marca de cerca de 500 títulos, mas escreveu sobre uma enorme variedade de assuntos e alcançou impressionante popularidade e audiência, maior do que a de qualquer outro até hoje. Durante sua vida trouxe entretenimento a milhões de pessoas mas, ainda mais importante, também lhes trouxe informação e cultura, tornando-as mais conscientes sobre o mundo e o universo que as cercam. É duvidoso que qualquer outro escritor seja mais bem conhecido e, sem dúvida, nenhum outro terá influenciado a vida de tanta gente como ele o fez.

Agitado, tímido, gentil, sensível, inteligente e também muito desastrado com as pessoas, assim era Asimov. Preferia trabalhar num quarto sem janelas, levantando-se cedo pela manhã e se pondo a trabalhar em jornadas de 10 a 12 horas; tendo conquistado fama e dinheiro, não havia qualquer razão para fazê-lo mas continuava escrevendo compulsivamente. "Ainda estou mostrando a meu pai que não sou indolente", costumava lembrar.

Podia ser arrogante em relação ao seu trabalho e habilidades naturais, e nunca escondeu o fato de que se considerava um prodígio; mas também era sensível com os problemas alheios e demonstrava grande consideração pelas pessoas, tendo em mais de uma oportunidade ajudado outros escritores em suas pesquisas.

Tendo deixado a Boston University convencido de que desejava escrever, mais do que ensinar numa sala de aulas cheia de estudantes, acabou transformando o mundo num grande anfiteatro cheio de alunos e admiradores.

Reconheciam-no brilhante, mas também o acusavam de ser arrogante e cheio de si, o que para alguns nada mais era do que uma forma de esconder

suas próprias inseguranças; mas, se assim era, ele teria repetido o que sua mãe costumava dizer quando confrontada : "então, me processe ...".

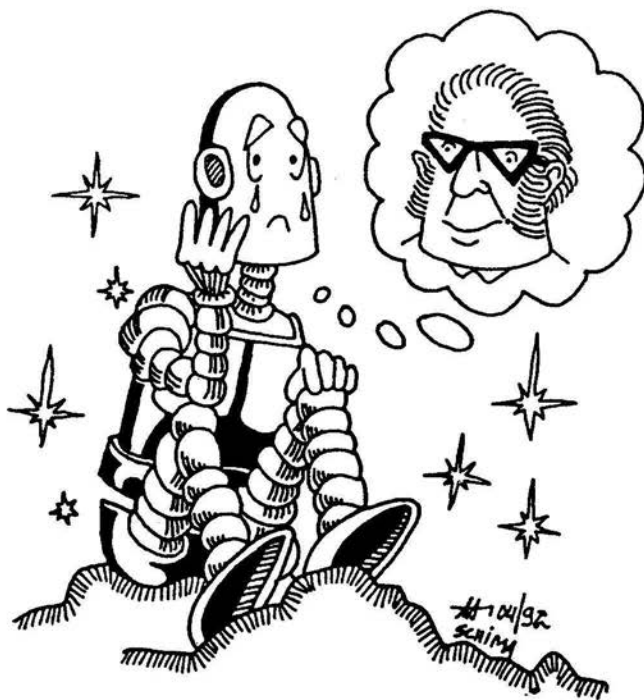
Milionário, considerava o dinheiro como uma forma de aplauso por seu trabalho e não via grande uso para ele; não vivia numa mansão, não tinha iates (avião, então, nem pensar !) e, quando perguntado a respeito, dizia que não podia pensar em qualquer coisa de que pudesse precisar, porque já possuía tudo que desejava : uma máquina de escrever e um quarto sossegado onde pudesse trabalhar.

Joseph F. Patrouch Jr., em "The Science Fiction of Isaac Asimov" (Garden City : Doubleday, 1974. 234 pág.) diz textualmente : "Para muita gente, o nome de Isaac Asimov é Ficção Científica"; mas, o que ainda mais importante se pode dizer dele, é que não apenas o mundo da FC irá lamentar sua morte, mas todo Mundo o fará.

Falar de Asimov é falar de um amigo de muitos anos, do companheiro de momentos inesquecíveis que nos levou pelas mãos para partilhar de aventuras e descobertas, que nos estimulou a reflexões, que nos mostrou que pode(rá) haver muito mais, além do (nosso) céu e Terra, do que pode sonhar nossa vã filosofia.

Vai nos fazer muita falta.

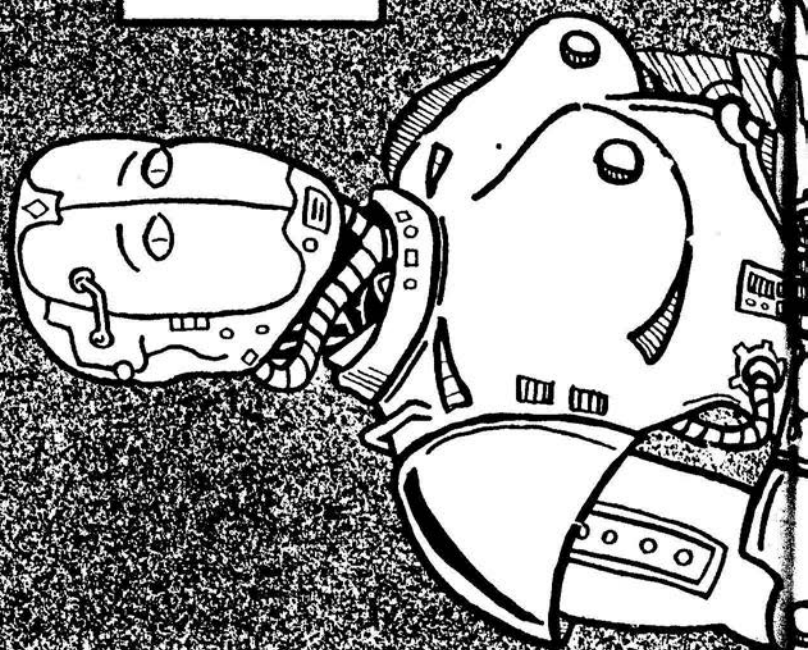
R. C. Nascimento.

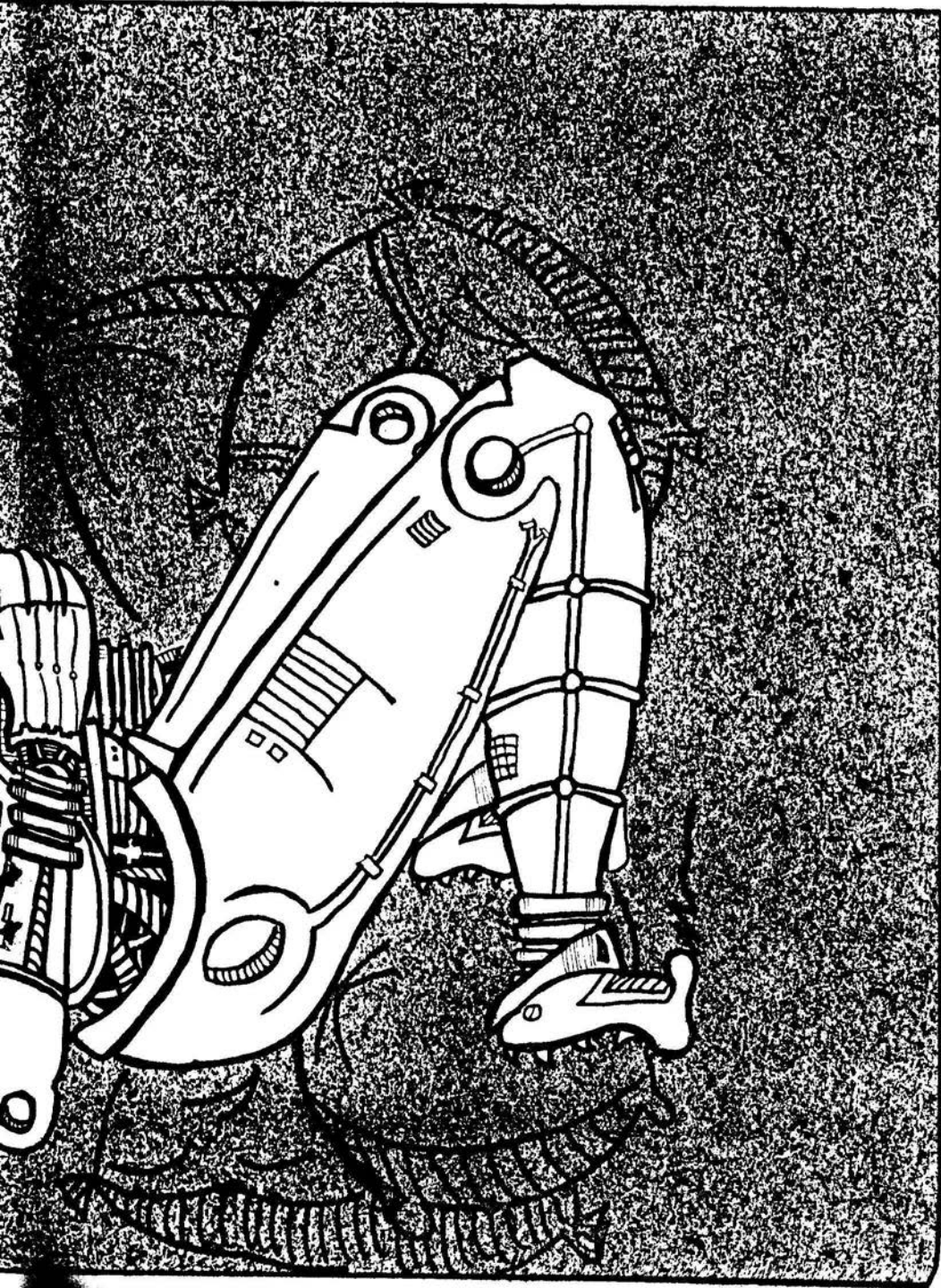




A SOMNIUMATE DO MÊS

Mod. ZV - 1305





criação: ZEO

SOMNIUM



Tributo A Um Mito
Clara Adelaide de Araújo Giron

Onde está você Asimov ?

Suas criações choram por ti ! Seu planeta perfeito está desamparado agora.

Seus robôs estão em busca do Mestre. Choram lágrimas pastosas de óleos queimados num coração quase humano.

Seu paraíso agora é outro. Suas visões, seus sonhos, todos se foram na sua partida.

O que será de nós agora ?

Suas obras o procurarão por toda a eternidade.
Sua falta está sendo sentida em todo o mundo.

Porquê teve de ir agora, Asimov ?

Deixou tanta coisa por fazer, tanta obra que não haverá fim, tanto choro oculto nas páginas de seus livros.

Onde estava Azazel neste momento que não pode te ajudar, que não pode intervir na sua partida.

O que será da ficção científica agora que você se foi. Sabemos que existem outros, mas não iguais a você.

Você que fez sonhos se transformarem em realidade, que nos indicou o caminho, bastava seguir suas letras, e agora que sonhos teremos ?

Em todo o mundo seus robôs pararam de funcionar, em todo o mundo você deixou de existir.

Você se foi, a Fundação se foi, os robôs se foram, Azazel se foi, o que nos restará ?

Você deu-nos a Utopia e agora arrancou-a de nós.

Quando a notícia chegou, senti meu corpo congelar, meu coração paralisar e um gosto de óleo e dor subir até meus olhos e escorrer em meu rosto.

O Criador se foi.

Desistiu deste mundo, deixou para trás aqueles que lhe deram tanta dedicação.

O Criador se foi.

E a Criação desamparada vagueia desnordeada por entre estranhos. Sem ter com quem chorar, com quem se apoiar e amparar. Frágil, indefesa.

Ele se foi, e nos basta agora redobrar a vigilância, reconquistar a alegria perdida neste momento. E não deixar que se apague de nossas memórias sua lembrança.

Basta-nos agora procurar seus filhos, escritos com amor e dedicação, percorrer suas páginas, abraçar seu mundo e não deixá-lo ruir.

Onde você estiver Asimov, não se preocupe muito conosco, conseguiremos nos erguer, cuidaremos de seus robôs, procuraremos Azazel e levaremos suas mensagens, levantaremos sua bandeira, mesmo com os olhos nublados de lágrimas diremos : Asimov você foi, é, e sempre será nosso Mestre.

Descanse em paz Asimov, construir um mundo novo te deu muito trabalho e agora é a tua vez de descansar.

"Fitou intrigado a superfície límpida da poça d'água onde ele e os companheiros bebiam. O reflexo de um animal de focinho achatado e dentes pontiagudos retribuiu ao seu olhar. Um animal bípede, pouco menor que um avestruz, porém mais robusto, com patas musculosas terminadas em três grandes dedos dianteiros e um dedo pequeno no lugar onde um ser humano teria o calcanhar. Do dedo grande mais interno irrompia verticalmente, curvando-se para a frente, uma garra do tamanho de uma adaga, e com o formato de uma foice.

Ele levantou a cabeça e piscou uma ou duas vezes. Seu papo se encheu um pouco quando emitiu um ronco grave quase inaudível para a sua matilha. Avançar !

Da pequena elevação, agachada por entre o capim alto, a matilha vislumbrou pela primeira vez a manada de tenontossauros, embora o vento já lhe trouxesse há algum tempo o aroma delicioso dos herbívoros. As presas eram quadrúpedes malhados, do tamanho aproximado de um cavalo, com longas caudas e crânios pequenos no topo de pescoços compridos.

Suas mandíbulas estalararam. Numa espécie de acordo tácito, a matilha se dividiu, formando um círculo largo, rodeando pouco a pouco a manada. Avançando sorrateiros por entre o capim, eram quase invisíveis. Da outra extremidade da pradaria onde pastavam os tenontossauros, um dos machos da manada quinchou o alerta. A matilha havia sido descoberta.

Os dinossauros herbívoros assumiram uma formação defensiva grosseiramente circular, com os machos adultos na periferia e as fêmeas e crias no centro. Mas houve retardatários. Dois ou três machos idosos não foram ágeis o bastante para formar fileiras com os mais jovens, ficando à margem do círculo. A matilha centrou sua atenção num desses machos, esquecendo as outras presas em potencial.

Foi o primeiro a saltar. Após uma breve corrida, tomou impulso e deu o bote. Aterrissou com as patas nas costas do tenontossauro, cravando suas garras-foice próximo ao pescoço da vítima. Dois companheiros o seguiram. Um deles também espetou suas garras no lombo da presa, que começou a guinchar em desespero. O outro cerrou os dentes na base da cauda da vítima. Os quatro predadores restantes acossaram o círculo defensivo, impedindo-o de prestar socorro à presa escolhida.

Num último esforço, o herbívoro girou a cauda longa e musculosa como se fosse um chicote. Foi tão rápido que ele não viu o que o atingiu, quando deu por si, estava caído de lado sobre o capim da pradaria. Uma das garras-foice estava torcida de modo grotesco e lhe doía incrivelmente. Mas cheio de adrenalina como estava, encontrou forças para se reerguer e abocanhar uma das coxas da presa, que então, já com várias feridas profundas, sangrava abundantemente e começava a dar sinais de exaustão.

Menos de um minuto depois, liderava a descarnagem do tenontossauro. A manada se afastara para uma distância respeitável e a matilha atuava des preocupadamente, observada de longe por alguns carnívoros de pequeno porte, ávidos por avançarem para as futuras sobras do festim.

Mas aquela foi a última caçada que liderara. A ferida na pata inflamara e a garra-foice acabara caindo. Deixara de sentir tanta dor, mas com os tendões de uma das patas rompido, não conseguia manter um bom equilíbrio. E, com apenas uma das garras, não era páreo para os outros machos adultos da matilha. Agora, contentava-se com o que podia capturar sozinho. Pequenos mamíferos roedores num dia, talvez alguns ovos de tricerátopos no seguinte, mas na maioria das noites dormia mal, com o estômago roncando o tempo todo."

---ooo00ooo---

Os dinossauros foram o grupo de vertebrados terrestres mais bem sucedido da história do planeta. Durante os 140 milhões de anos em que viveram, ocuparam quase a totalidade dos nichos ecológicos disponíveis para

animais terrestres de médio e grande porte e produziram uma enorme variedade de formas, sendo que alguns de seus descendentes sobreviveram até hoje como aves.

Os dinossauros pertencem ao grupo dos arcossauros. Também pertencem a esse grupo, dentre outros, os crocodilos e os pterossauros. Geralmente, estes últimos, assim como diversos outros grupos de répteis aquáticos fósseis, como os plesiosauros e ictiosauros são confundidos pelos leigos com os dinossauros, embora possuam uma história evolutiva diversa, sendo colocados em grupos a parte.

Os dinossauros propriamente ditos existiram em duas linhagens principais: os ornitíqueos (um grupo de herbívoros bastante numeroso e diversificado) e os sauropodomorfos. Estes últimos se dividem em saurópodos (herbívoros) e terópodos (carnívoros).

A imagem dos dinossauros é geralmente associada a dos répteis de hoje, animais ectotérmicos e de baixos índices de atividade metabólica. Tal imagem se formou no início deste século, quando os dinossauros foram pouco estudados. Os primeiros estudiosos do século XIX tinham uma visão bem diferente. Eles consideravam os dinossauros como animais de grande vigor físico, de forma alguma apresentando os padrões de atividade dos répteis atuais. De qualquer forma, a concepção científica vigente até meados da década de 1960 era que os dinossauros seriam animais grandes e ineficientes, que se arrastavam com lentidão pelos pântanos e charcos da Era Mesozóica.

NOVAS CONCEPÇÕES

Durante a década de 1960, um paleontólogo chamado Robert Bakker começou a por em cheque a concepção clássica dos dinossauros. Inicialmente, Bakker estudou a anatomia do tricerátopo, um ornitíqueo quadrúpede com a cabeça protegida por uma placa com três chifres, e chegou a conclusão que, assim como os rinocerontes, esses animais eram capazes de cavalgar, mantendo, em alguns momentos, as quatro patas sem contato com o solo. Esta proposição simples criou surpreendentemente uma grande controvérsia. Alguns paleontólogos chegaram a afirmar que as conclusões de Bakker eram absurdas, porque o rinoceronte, o maior mamífero cavalgador, pesa apenas três toneladas, contra as cinco toneladas de um tricerátopo, e não faria sentido, pelo menos para aqueles paleontólogos, que um animal atual fosse menos eficiente que um outro extinto... Esse tipo de discussão serve para demonstrar que, apesar da imagem que o grande público possui da Ciência e dos cientistas, alguns destes costumam defender suas teses com grande emotividade, muitas vezes apelando mesmo para argumentos completamente irracionais.

Posteriormente, estudos anatômicos mostraram que o apatossauro (mais conhecido pela alcunha de "brontossauro") e outros saurópodos semelhantes, eram capazes não só de sustentar o seu peso fora d'água, mas também se erguerem sobre as patas traseiras. A idéia vigente na época era a que essas criaturas viveriam a maior parte de suas vidas semi-submersos nos pântanos, sendo que algumas espécies manteriam apenas o topo da cabeça emerso (evidentemente, um animal daquele porte com a cabeça fora d'água e os pulmões submersos a seis metros de profundidade, não seria capaz de respirar devido ao diferencial de pressão). Curiosamente, Bakker descobriu mais tarde que não havia sido encontrado um fóssil sequer nas regiões que na época eram pântanos ou lagos. Alguns eram provenientes de rios, mas estes poderiam ter sido mortos em enchentes. A concepção popular do brontossauro escapando dos predadores ao mergulhar na água não resistiu a uma análise mais cuidadosa; especialmente, porque os dinossauros predadores possuíam formas estruturalmente mais adequadas à natação.

Ao final da década de 1960, outro pesquisador, John Ostrom, começou a estudar um gênero de terópodo conhecido como Velociraptor. Estes animais possuíam um corpo esguio, postura bípede e pernas fortes e compridas, o que leva a crer que tenha sido um corredor. O Velociraptor foi, provavelmente um dos predadores mais eficientes da época para o seu tamanho. Possuía garras afiadas nas patas anteriores e uma mandíbula forte, equipada

com dentes cortantes. Mas sua principal arma ofensiva era uma grande garra em forma de foice em cada uma das patas posteriores. Isso indica que o mecanismo de ataque do Velociraptor consistia num salto, no qual levantava uma ou ambas as patas traseiras, de forma que suas garras pudessem rasgar, de cima para baixo, o corpo de sua vítima. Esta conformação anatômica implica em que o animal fosse capaz de uma caçada sofisticada envolvendo grandes custos metabólicos, ao contrário do que a paleontologia ortodoxa esperaria para os dinossauros.

Outros pesquisadores começaram a realizar trabalhos de avaliação das comunidades de dinossauros. A existência de sítios paleontológicos com pegadas deixadas por dinossauros é bem conhecida; mesmo no Brasil há alguns, sendo especialmente famoso o da Bacia do Rio do Peixe, na Paraíba. O estudo desses rastros indicam que muitos desses animais viviam em manadas, e há indícios de que protegiam os filhotes.

Outro paleontólogo norte-americano, J.R. Horner, estudou os registros fósseis de algumas espécies de hadrossauros (ordem de dinossauros herbívoros do período Cretáceo, com formas bípedes e quadrúpedes, popularmente designados como "bicos-de-pato"), descobrindo que eles construíam ninhos e chocavam seus ovos em sistemas de colônias semelhantes aos de algumas famílias de pássaros marinhos atuais. Além disso, a presença de fósseis juvenis em meio a fósseis de espécimes adultos sugeriu que o mecanismo de proteção materna não se limitaria à fase correspondente aos poucos meses que se seguiriam à eclosão dos ovos. O porte de alguns fósseis de indivíduos jovens leva a crer que devam pertencer a ninhadas anteriores de uma mesma hadrossauro fêmea.

A partir desses fatos, Bakker começou a desenvolver a teoria que os dinossauros, ao contrário dos répteis de hoje, eram animais endotérmicos, metabolicamente mais próximos aos mamíferos e aves atuais. Os argumentos de Bakker eram bastante simples.

ENDOTERMIA ?

Os dinossauros possuíam membros com postura ereta, não se arrastando pelo solo como a maioria dos répteis. Muitos dinossauros tinham mesmo o corpo totalmente ereto, permitindo o bipedalismo (como muitos mamíferos e todas as aves). Tal postura leva a um posicionamento elevado da cabeça em relação ao coração; implicando na necessidade de uma pressão sanguínea muito alta para bombear o sangue até o cérebro. Essa pressão destruiria os delicados capilares dos pulmões, caso a circulação fosse aberta, como a de grande parte dos répteis, i.e., sem a separação dentro do coração entre os sangues venoso e arterial. Logo, os dinossauros deveriam possuir um coração inteiramente dividido em quatro câmaras, para poder manter um sistema de circulação fechada. Este é o tipo de coração existente nas aves e mamíferos atuais. Se os dinossauros também possuíam um órgão deste tipo, também deveriam ser endotérmicos. Este tipo de argumento, embora aparentemente positivo para a endotermia dos dinossauros, não é em absoluto conclusivo. Nada impede que seres ectotérmicos possuam o coração completamente dividido; na realidade, os crocodilos, um grupo relativamente próximo dos dinossauros, possuem um coração assim. Além disso, vários lagartos atuais podem manter bipedalia, ainda que por períodos limitados.

Outro argumento seria a distribuição geográfica dos dinossauros, que habitariam até mesmo as regiões polares de sua época. Animais ectotérmicos não são capazes de viver normalmente em áreas mais frias devido à ausência de radiação solar em quantidade suficiente para manter sua temperatura corporal. Este argumento foi contestado com a observação de que o clima era muito mais ameno no Mesozóico do que hoje em dia e estas regiões polares possuíam vegetação tipicamente subtropical.

Outra evidência seria a grande semelhança estrutural dos tecidos ósseos dos dinossauros com os dos mamíferos. Nesses, os tecidos se apresentam altamente vascularizados, em contraste, por exemplo, com os tecidos ósseos de um lagarto. Esta similaridade estaria associada aos altos índices de atividades dos mamíferos e, por conseguinte, dos dinossauros. Entretanto, alguns zoólogos começaram a encontrar casos de tecidos ósseos

pouco vascularizados em algumas aves e mamíferos, e alguns répteis com tecidos altamente vascularizados. Aparentemente, a alta vascularização está associada ao crescimento rápido do animal ou à necessidade de suportar cargas pesadas. Ambas as características estão comumente associadas à maioria dos dinossauros.

O tamanho do cérebro foi outro dos argumentos levantados por Bakker. Aves e mamíferos possuem cérebros relativamente grandes e exibem uma atividade considerada inteligente. Répteis ectotérmicos, por seu lado, possuem cérebros bem menores em relação ao seu tamanho, e um comportamento mais estereotipado. Cérebros grandes e complexos necessitam de maior infra-estrutura, como um suprimento adequado de nutrientes e oxigênio e temperatura constantes para funcionar corretamente. Em princípio, isto contrariaria a teoria da endotermia, uma vez que os dinossauros são famosos pela falta de capacidade cerebral. Porém estudos recentes mostram que o tamanho do cérebro dos dinossauros eram comparáveis, pelo menos, ao dos répteis. Nos terópodos e ornitídeos, dinossauros bípedes carnívoros e herbívoros respectivamente, as massas cerebrais eram muito superiores às dos répteis, e um terópodo do Cretáceo, o *Stenonicossauro*, tinha um cérebro de tamanho equivalente ao de mamíferos e aves atuais de mesmo porte. Outro fator relacionado seria, como visto, o comportamento avançado dos dinossauros, incluindo o cuidado com a prole e a vida em manadas. Entretanto, esse argumento se torna nebuloso quando se lembra que os crocodilos também são capazes de comportamentos extremamente complexos.

Bakker também argumentou quanto ao aparente nível de atividade de alguns dinossauros, especialmente os predadores de pequeno e médio porte. Muitos terópodos, como o *Velociraptor* (protagonista da introdução), podiam atingir velocidades elevadas. Esse animal parecia pular sobre suas vítimas para atacá-las com as garras das patas traseiras. Este argumento depende da presunção de que apenas animais endotérmicos possam manter um nível de atividade tão alto. Entretanto, os répteis atuais podem executar atividades bastante estenuosas, desde que por curto intervalo de tempo.

Outra evidência viria da competição entre os primeiros mamíferos e os dinossauros e seus antepassados diretos. No início do Triássico, os terapsídeos (antepassados dos mamíferos) foram extintos em decorrência de um processo de competição pelos mesmos nichos ecológicos com os tecodontes, ancestrais dos dinossauros. Bakker considera impossível que a linhagem dos mamíferos tivesse sido sobrepujada pelos arcossauros, a não ser que estes também fossem endotérmicos. Neste ponto, os argumentos de Bakker se tornam confusos. A competição envolveu primariamente terapsídeos e tecodontes; se estes últimos tivessem desenvolvido endotermia, porque esta característica não estaria presente nos crocodilos, que também descendem deles? Além disso, a postura ereta dos membros pode ter sido, per si, um fator decisivo na competição.

A idéia mais elegante de Bakker foi, sem dúvida alguma, a comparação das taxas predador/presa em animais endotérmicos e ectotérmicos.

Para manterem sua temperatura corporal constante, os animais endotérmicos necessitam gastar uma quantidade relativamente grande de energia. Por isso, o consumo energético de um animal endotérmico é consideravelmente maior do que o de um ectotérmico de mesmo porte para manterem sua maquinaria metabólica sofisticada em pleno funcionamento, as criaturas endotérmicas precisam de muito mais alimento.

Em comunidades cujo topo da cadeia alimentar fosse ocupado por predadores ectotérmicos deveria existir um número muito menor de presas para cada predador do que em uma outra comunidade, com predadores endotérmicos. Bakker estudou diversas comunidades, fósseis e atuais, avaliando a taxa predador/presa de cada uma delas. Como resultado, concluiu que os dinossauros estavam muito mais próximos dos mamíferos recentes e fósseis do que dos predadores ectotérmicos. Esta proximidade foi contestada por alguns pesquisadores, que demonstraram que estes números também são aplicáveis para os Dragões de Komodo, lagartos com cerca de 3 metros que habitam uma ilha do Arquipélago Indonésio e argumentaram que os cálculos para comunidades fósseis são por demais imprecisos para serem levados a sério. Recentemente, mostrou-se que o cálculo efetuado pelos contestadores da teo-

ria da endotermia para os Dragões de Komodo está incorreto, e que es répteis se comportam como predadores ectotérmicos normais.

Por último, Bakker sugeriu que, se as aves realmente evoluíram do terior de uma linhagem de dinossauros (conforme se verá a seguir), é razoável se supor que os dinossauros, ou pelo menos aqueles próximos aos ancestrais das aves (terópodos) poderiam ser endotérmicos também.

Os pontos de vista de Bakker são seguidos por uma minoria de indivíduos da comunidade de paleontologia. Suas hipóteses parecem mais prováveis quando limitadas apenas aos terópodos. Alguns especialistas consideram que a homeotermia (temperatura corporal constante) poderia ser obtida através da manutenção de um corpo de grandes dimensões; afinal, quanto maior o volume, proporcionalmente menor será a superfície do corpo e, conseqüentemente, a perda de calor. Já os répteis atuais, embora não gerem seu próprio calor, são capazes de manter a temperatura estável através de uma série de artifícios comportamentais (regulando a exposição ao sol; a distância a manter do solo; etc.). As especulações de Bakker são de grande importância para a paleontologia de vertebrados, porque, mesmo que se revelem no futuro incorretas, revolucionaram o estudo dos dinossauros, a ponto de alguns autores considerarem a fase atual como uma espécie de Renascença dos Dinossauros.

DINOSSAUROS E AVES

A questão de as aves e os répteis serem intimamente relacionados é indiscutível. Há corroboração razoável no fato de ambos possuírem escamas e colocarem ovos semelhantes. Além disso, desde o século passado, sabe-se que as aves também se originaram dos arcosauros graças a diversas novidades evolutivas compartilhadas por ambos e ao fóssil de uma criatura, o *Archaeopteryx*, tida como a ave mais primitiva conhecida, possuir garras e dentes.

O primeiro grande trabalho revisionista para o assunto foi publicado em 1926 por Gerhard Heilmann. Utilizando praticamente todo o conhecimento na época aplicável, Heilmann chegou à conclusão de que os coleossauros, um grupo de terópodos, eram os melhores candidatos a ancestrais das aves. Infelizmente, acreditava-se então que os dinossauros não possuíam clavículas, ossos que nas aves são fundidos no "osso-da-sorte". Dessa forma, Heilmann preferiu supor que as aves teriam sua origem num grupo primitivo de arcosauros tecodontes.

Só na década de 1970 ressurgiram hipóteses ligando a origem das aves aos dinossauros. Sobrepondo-se a algumas teorias contemporâneas, Ostrom reviveu a hipótese dos coleossauros como ancestrais das aves. Ostrom foi capaz de encontrar mais de 20 características compartilhadas entre os dois grupos e comprovou a existência de clavículas em alguns terópodos (adicionalmente, alguns embriologistas modernos afirmam que o "osso-da-sorte" não é equivalente às clavículas).

Alguns opositores, em especial alguns embriologistas, acreditam ter encontrado uma falha na hipótese de Ostrom. Os dedos das aves são correspondentes aos 2º, 3º e 4º dedos, enquanto que os dedos dos terópodos parece possuir os dedos 1, 2 e 3, o que pode significar que essa forma fóssil não possui relacionamento estreito com as aves. Esta posição é partilhada por Gregory Paul, que considera o *Archaeopteryx* como um terópodo comum. Paul julga que as aves teriam um parentesco mais próximo com o grupo dos Velociraptor. As penas seriam, segundo Paul, uma característica adquirida pelos primeiros terópodos com a função de órgãos reguladores de temperatura.

EXTINÇÃO

As populações de dinossauros mantiveram-se estáveis, com grande variedade, ao longo de 140 milhões de anos, até o fim do período Cretáceo, quando repentinamente se extinguíram. Esse processo de extinção em massa

não atingiu apenas os dinossauros. Houve o desaparecimento completo dos répteis alados e aquáticos (à exceção das tartarugas), das aves primitivas e a extinção de grande parte das formas vegetais.

Devido à amplitude e velocidade do evento, uma teoria para a extinção em massa no fim do Cretáceo não se pode limitar aos desaparecimento dos dinossauros. O mistério desse desaparecimento súbito (geologicamente falando), contudo, sempre teve um apelo muito grande frente ao público, o que de certo modo justifica a proliferação de teorias explicativas, algumas elaboradas por não-especialistas; por vezes inteiramente sem nexos. A teoria popular dos pequenos mamíferos ovívoros, por exemplo, que advoga a repentina predileção alimentar de algumas espécies de mamíferos pelos ovos dos dinossauros, é totalmente implausível. Não só deixa de explicar a extinção de outras formas, como também contraria o bom senso. Pensar que umas poucas espécies pudessem comer todos os ovos de dinossauros é no mínimo ridículo, afinal nem se sabe se todos os dinossauros eram ovíparos. Além disso, se esses mamíferos agissem dessa maneira, teriam decretado sua própria extinção, morrendo de fome poucos dias depois de comerem o último ovo.

Uma explicação bastante conhecida é a da explosão de uma estrela próxima sob a forma de supernova. Uma explosão desse tipo iria banhar a Terra com quantidades de radiação ionizante e de raios cósmicos tais que poderiam acarretar num mecanismo de extinção em massa. Existem, contudo, dois problemas. Primeiro, a radiação não é seletiva, ou seja, não é capaz de afetar somente alguns tipos de animais, deixando outros incólumes. Segundo e mais importante, não há na vizinhança do Sistema Solar evidência astronômica de remanescentes de uma supernova com idade idêntica à da extinção em massa do final do Cretáceo.

Outra teoria advoga uma alteração climática abrupta como agente desencadeador do processo de extinção em massa. Estudos paleoclimáticos mostram que o clima norte-americano mudou consideravelmente nos últimos 5 a 10 milhões de anos do Cretáceo, tendo a temperatura baixado. Acompanhando esse fenômeno, houve uma mudança na vegetação, de tropical e subtropical para temperada. Tal mudança provocou uma diminuição da diversidade animal. Observa-se que a variedade entre os dinossauros baixou de modo considerável ao longo dos últimos milhões de anos desse período geológico. No oeste da América do Norte, a diversidade entre os animais de grande porte se reduziu entre os herbívoros a apenas uma ou duas espécies de tricératopo, e uma de tiranossauro entre os carnívoros.

Uma hipótese de grande aceitação no momento é a de um impacto de um grande meteorito contra a Terra. Observando as camadas geológicas do final do Cretáceo na Itália, uma equipe liderada por Luiz Alvarez encontrou uma concentração muito elevada de irídio, ósmio e outros metais pesados. Apesar de extremamente raro na crosta terrestre, o irídio é relativamente mais abundante em meteoritos de níquel-ferro. Prospecções em outras regiões mostraram que essa concentração anômala é um fenômeno de escala planetária. A anomalia foi explicada por Alvarez como uma evidência do impacto de um objeto massivo contra a Terra.

O impacto de um meteorito de 10 a 15 Km de diâmetro produziria um efeito de inverno nuclear semelhante ao proporcionado por uma conflito termonuclear total. Uma nuvem de pó e vapor cobriria toda a superfície do planeta por vários meses, bloqueando a luz solar necessária às plantas. Estas são a base das cadeias alimentares das quais depende a quase totalidade da vida animal. A maioria das formas animais próximas ao topo da pirâmide seriam extintos. Haveria maiores possibilidades de sobrevivência para animais menos especializados e exigentes.

Um obstáculo a esta teoria é que este não foi o único impacto sofrido durante o Mesozóico. Outros cinco impactos, por vezes acompanhados de extinções em massa, já haviam ocorrido nessa era geológica. Em pelo menos dois deles, muitas linhagens de dinossauros se extinguíram abruptamente, mas as famílias remanescentes evoluíram e se diferenciaram, tornando a ocupar os nichos ecológicos deixados vagos pelo processo de extinção em massa anterior.

Em que teria o impacto do final do Cretáceo se distinguido das catástrofes que lhe antecederam? O meteorito teria sido maior, ou caíra numa região mais crítica? Nada indica que tenha sido esse o caso. Talvez uma conjunção de fatores adversos se tenha reunido em prol da extinção dos dinossauros. Se as alterações climáticas foram de fato capazes de reduzir drasticamente a diversidade entre os dinossauros, deixando apenas umas poucas formas mais especializadas -- isto é, aquelas que conseguiram evoluir, de forma a desenvolverem adaptações bem sucedidas ao novo padrão climático -- então estas poderiam ter sido facilmente extintas nos meses que se sucederam ao impacto. Se o nível de diversidade tivesse sido similar aos existentes no início dos processos de extinção em massa anteriores, os dinossauros teriam sido provavelmente capazes de resistir.

Paralelamente ao trabalho da equipe de Alvarez, dois paleontólogos da Universidade de Chicago, D. Raup e J. Sepkoski, após compilarem os registros geológicos das extinções em massa em ambientes marinhos, concluíram que esses processos são fenômenos cíclicos com uma periodicidade constante de cerca de 26 milhões de anos. O modelo teórico que melhor explicaria essas extinções periódicas consiste na existência de uma estrela companheira: o Sol não seria uma estrela singular, mas o primário de um sistema duplo muito excêntrico.

O fato da outra estrela do sistema -- sugestivamente batizada como *Nêmesis* -- não ter sido até o momento descoberta se prenderia ao fato de ela ser uma anã vermelha (o tipo de estrela normal menos brilhante que se conhece) com órbita muito excêntrica, que se manteria bastante afastada do Sol durante a maior parte de seu período de 26 milhões de anos. Somente durante cerca de 500 mil anos, ela se aproximaria do primário a ponto de perturbar a nuvem cometária que existe em torno deste. Nessas ocasiões, verdadeiras chuvas de cometas, asteróides e meteoritos *despenhariam* literalmente sobre os planetas orbitantes em torno do Sol. O vigor desta formulação reside no fato dela explicar não apenas a extinção dos dinossauros, como ainda a periodicidade dos processos de extinção em massa; a existência de gigantescas crateras de impacto na face oculta da Lua, em Marte e nos satélites dos gigantes gasosos.

Existindo ou não uma *Nêmesis* e um ou mais meteoritos dinossauricidas, é interessante especular sobre como seria a Terra atual, caso os dinossauros não se houvessem extinguido. Teriam atingido a racionalidade? E, em caso afirmativo, teriam desenvolvido uma civilização tecnológica? Se o tivessem feito, talvez tivessem conquistado a Lua e colonizado o Sistema Solar há milhões de anos. E, admitindo que tivessem superado os males que hoje afligem a civilização humana, talvez estivessem atualmente disseminados por vastas extensões da periferia da Via Láctea.

LEITURA RECOMENDADA

+ Alvarez, L.W., W. Alvarez, F. Asaro & H. Michel (1980): Extraterrestrial Cause for the Cretaceous-Tertiary Extinction. *Science* 208, 1095-1108.

+ Bakker, Robert T. (1976): Dinosaur Renaissance. *Scientific American*, 232.

+ Bakker, Robert T. (1986): *Dinosaurs Heresies: New Theories Unlocking the Mystery of the Dinosaurs and Their Extinctions*. Longman Scientific & Technical, Essex, Inglaterra, 481pp. Um excelente livro introdutório, ilustrado pelo próprio autor.

+ Bonaparte, José F. (1978): *El Mesozoico de America del Sur y sus Tetrapodos*. Fundacion Miguel Lillo, Tucuman, Argentina, 596pp. Uma das poucas obras a cobrir dinossauros sul-americanos.

+ Czerkas, S. & D. Glut (editores) (1982): *Dinosaurs Past and Present*. 2 vol. Natural History Museum of Los Angeles County, Los Angeles. Possuem dezenas de gravuras lindíssimas que, por si só valem à

pena. O texto é mais profundo que o da maioria das demais outras obras citadas.

+ Horner, J.R. (1984): The Nesting Behavior of Dinosaurs. *Scientific American*, 250.

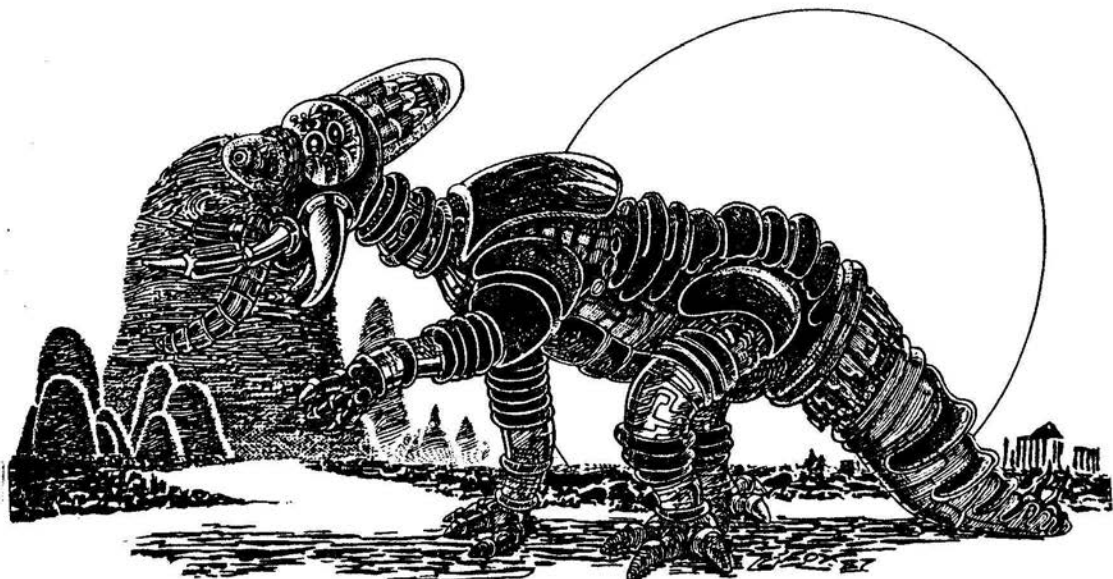
+ Müller, R.A. (1985): Evidence for a Solar Companion; In *The Search for Extraterrestrial Life, Recent Developments*. Editor: Michael Papagiannis, IAU, Dordrecht.

+ Norman, David (1985): *The Illustrated Encyclopedia of Dinosaurs*. Crescent Books, New York. Outro bom livro introdutório, com a vantagem de ser menos parcial do que os de Bakker e Paul, embora as gravuras, ainda que coloridas, sejam inferiores.

+ Paul, Gregory S. (1988): *Predatory Dinosaurs of the World: a Complete Illustrated Guide*. Simon and Schuster, New York. Escrito e ilustrado por Paul, seguidor de Bakker, o livro é bastante recomendado para aquele que procura se aprofundar sem chegar a consultar textos técnicos. A classificação do catálogo é, no entanto, demasiadamente pouco ortodoxa.

+ Russel, Dale (1971): Supernovae and the Extinction of the Dinosaurs. *Nature* vol. 229, fevereiro.

+ Sepkoski, J.J. (1985): Some Implications of Mass Extinction for the Evolution of Complex Life; in *Search for Extraterrestrial Life, Recent Developments*. Editor: Michael Papagiannis, IAU, Dordrecht.



Durante muitas décadas o enigma das Extinções em Massa -- fenômenos que assolaram periodicamente o passado geológico terrestre, ceifando, num intervalo de tempo relativamente curto, a maior parte da fauna e da flora então existentes -- intrigou várias gerações de cientistas e leigos. Há poucos anos, paleontólogos e geólogos sentiram-se forçados a recorrer a uma hipótese de caráter astrofísico para tentar desvendar o mistério: o Modelo da Estrela Companheira. Esta estrela foi prontamente batizada de Nêmesis, a Estrela da Morte.

O primeiro indício da existência de uma relação entre o mecanismo das extinções em massa e a astrofísica se deu com a descoberta de que um meteorito gigante ou cometa, com vários quilômetros de diâmetro, atingiu a Terra há 65.000.000 de anos, justamente na época em que os dinossauros se extinguíram.

O impacto de um astro dessas dimensões com o nosso mundo seria capaz de arremessar uma vasta quantidade de poeira até as camadas mais altas da atmosfera. O material permaneceria flutuando nessa região por vários meses, impedindo que os raios solares atingissem a superfície, e produzindo assim uma noite planetária de quase um ano de duração. Devido à ausência de luz solar e à queda brusca da temperatura abaixo do ponto de congelamento da água, as plantas clorofiladas morreriam. Sem os vegetais, pereceriam primeiro os animais herbívoros, e depois os carnívoros que desses se nutriam.

Uma catástrofe desta ordem de magnitude parece tema de domínio exclusivo da FC, mas a colisão devastadora foi realmente constatado através da descoberta, em vários pontos do planeta, de material de origem extraterrestre, caracterizado principalmente por uma superabundância em irídio e outros elementos pesados. Esse material extraterrestre foi submetido a uma onda de choque -- somente explicável admitindo-se a ocorrência de um impacto violentíssimo -- exatamente na camada geológica que define a fronteira entre o Cretáceo (último período da Era Mesozóica, na qual os dinossauros eram as formas terrestres dominantes) e a Era Cenozóica (onde os mamíferos se disseminaram).

Compilando os registros geológicos das extinções em ambientes marinhos, dois paleontologistas da Universidade de Chicago, D. Raup e J. Sepkoski, confirmaram a hipótese de que as extinções em massa não eram fenômenos isolados, mas eventos periódicos que atuariam sobre a vida terrestre a cada 26.000.000 de anos. O último período de extinção em massa teria ocorrido há 13.000.000 de anos. Uma análise matemática criteriosa indica que a probabilidade da existência dessa concordância sem um efeito real que a motivasse é da ordem de um milésimo.

Descobriu-se mais tarde que pelo menos dois outros processos de extinção em massa vinculam-se a camadas geológicas ricas em irídio. Essa descoberta corroborou os cálculos e as conclusões de Raup e Sepkoski.

O Modelo da Estrela Companheira

O Modelo da Estrela Companheira foi elaborado como uma hipótese plausível, capaz de explicar a periodicidade dos processos de extinção em massa presentes nos registros geológicos.

Tal modelo postula que o Sol teria uma companheira, que orbitaria o centro de massa do sistema com um período de 26.000.000 de anos. No afélio (ponto mais distante de sua órbita), esse astro estaria a cerca de 2,8 anos-luz dos Sol. Possuindo uma órbita bastante excêntrica -- excêntridade entre 0,6 e 0,9 -- ela estaria consideravelmente mais próxima no periélio (ponto de maior proximidade). Nessas ocasiões, a estrela companheira perturbaria as áreas mais densas da nuvem cometária que envolve o nosso sistema, enviando uma chuva de bilhões de cometas em direção ao sis-

tema solar interior, região geralmente mantida a salvo desses corpos graças à influência gravitacional benigna de Júpiter e Saturno.

Durante essa chuva cometária, calcula-se que cerca de doze cometas atingiriam a Terra. Os dinossauros devem ter sofrido perdas terríveis com vários desses impactos, até serem fulminados por um de grandes proporções ao final do Cretáceo.

O fato de estar tão próxima e ainda não ter sido detectada indica que a estrela companheira hipotética teria uma luminosidade inferior à 7ª magnitude e menos de 0,3 Massas Solares (M_{\odot}). Para produzir as perturbações gravitacionais responsáveis pela chuva cometária, a companheira deveria ter uma massa mínima de 0,05 M_{\odot} . Se possuir massa entre 0,1 e 0,3 M_{\odot} será uma estrela da Sequência Principal (fase de equilíbrio, na qual as estrelas normais passam a maior parte de suas vidas) : uma anã vermelha, o tipo de estrela mais comum da Via Láctea.

O cognome de Nêmesis, atribuído a um astro responsável por chuvas cometárias que explicariam o mecanismo das extinções em massa do passado, é sugestivo e pertinente. Na mitologia grega, Nêmesis era a filha de Zeus, que personificava a justiça, premiando ou castigando os humanos pelas ações que praticavam; sob os romanos, tornou-se uma divindade importante, punidora dos culpados e deusa da vingança.

Nêmesis também é o título de um romance de FC do Isaac Asimov. Bem afinado com as teorias astrofísicas recentes, o Bom Doutor aproveitou a oportunidade e saiu do marasmo de suas séries habituais e intermináveis e escreveu uma obra independente de seus trabalhos anteriores. A Nêmesis do autor não é de fato companheira do Sol. Trata-se de uma anã vermelha que está de passagem pela vizinhança solar e se encontra presentemente a dois anos-luz do nosso sistema. Uma das colônias humanas do nosso sistema decide migrar para essa estrela, a fim de lá construir uma nova sociedade.

Em termos científicos, o maior furo da história é a existência de um planeta habitável em torno da anã vermelha. A justificativa fornecida no editorial "Idéias" (IAM nº 14) não é convincente, uma vez que a ecosfera (região em torno de uma estrela onde podem existir planetas habitáveis) de uma anã vermelha é demasiadamente limitada e localizada tão próximo à atmosfera estelar que sujeitaria as formas biológicas de um mundo orbitante hipotético a explosões frequentes da fotosfera da estrela-mãe.

Como a órbita de uma provável companheira só seria estável durante cerca de 1.000.000.000 de anos, a hipótese de captura gravitacional da anã vermelha pelo Sol parece bastante implausível. O modelo mais aceito é o que propõe que Nêmesis estivesse muito mais próxima no passado remoto, tendo se afastado gradativamente com o decorrer das eras.

No futuro, será possível testar o modelo acima pelo estudo dos registros das crateras de impacto nos planetas e satélites do Sistema Solar. Esses registros trarão informações quanto à intensidade e periodicidade das chuvas cometárias passadas.

Bem próximo a nós, a Lua foi submetida no passado a um bombardeio cósmico de proporções gigantescas. Testemunho atual do fenômeno são as numerosas crateras de impacto no lado oculto do satélite, produzidas pela colisão de objetos de grandes dimensões com a superfície lunar. O final da Era do Grande Bombardeio Lunar, há cerca de 3.900.000.000 de anos, talvez tenha sido um efeito secundário do afastamento da companheira, de uma órbita circular próxima para uma outra, muito mais excêntrica. Também é interessante notar que a primeira evidência de vida terrestre provém de um período geológico imediatamente posterior ao final desse bombardeio.

Uma hipótese rival ao modelo da estrela companheira, que advoga que o mecanismo das extinções em massa seria disparado pela passagem do Sistema Solar através do plano galáctico, foi descartada quando se constatou a não coincidência entre essas passagens e os processos de extinção. Atualmente o Sol está atravessando o plano galáctico, apesar de estarmos justamente entre dois períodos de extinção em massa.

Periodicidade e Extinção ao Longo de uma Chuva Cometária

O modelo das chuvas cometárias implica em impactos múltiplos. Um estudo das idades das crateras na superfície emersa da Terra indica que existe uma distribuição de impactos ao longo das eras geológicas com uma periodicidade de 28.000.000 de anos, concordando, dentro da margem de erro, com a frequência e a fase dos períodos de extinção em massa.

Outras previsões associadas a esse modelo seriam :

- 1) Todos os processos de extinção em massa estariam relacionados a chuvas cometárias;
- 2) deve haver deposição de irídio nas camadas geológicas respectivas (o irídio e outros elementos pesados seriam alguns dos constituintes do núcleo rochoso de um cometa. Na Terra, esses elementos se encontram em geral imersos no núcleo de níquel-ferro do planeta; distantes, portanto, da superfície); e
- 3) tais processos seriam desencadeados não por um impacto simples, mas por colisões múltiplas.

Uma consequência importante do modelo das chuvas cometárias é que não se espera que a maioria das espécies pereça simultaneamente, durante uma chuva. Algumas seriam destruídas por um primeiro impacto; outras seriam poupadas, apenas para serem aniquiladas pelo impacto seguinte. A insistência dos paleontologistas em afirmar que as extinções não teriam sido tão abruptas assim, mas se teriam distribuído no decorrer de centenas de milhares de anos, não está mais em desacordo com o modelo de extinção devida a impactos com corpos extraterrestres de grandes dimensões. Afinal, uma chuva típica duraria cerca de 1.000.000 de anos. Nessa fase haveria aproximadamente dez impactos de grandes proporções, com um intervalo médio entre eles superior a 50.000 anos.

O astrofísico e autor de FC David Brin, em seu conto "The Crystal Spheres" (1984), submete a humanidade a uma autêntica guerra de dois séculos de duração contra uma chuva cometária de extrema intensidade, embora não provocada por perturbações devidas a uma estrela companheira. A história foi publicada na *Analog* e conquistou o Prêmio Hugo 1985. Vamos torcer para que a IAM nos brinde logo com ela.

A principal implicação biológica do modelo das chuvas cometárias seria que os processos evolutivos baseados na competição entre espécies somente teriam lugar nos períodos de relativa calma, situados entre duas chuvas sucessivas. A cada 26.000.000 de anos, o mecanismo de chuvas cometárias provocaria desastres de proporções planetárias ao longo de centenas de milhares de anos. Ao final de um período, grande parte das espécies teriam sido extintas.

Um mecanismo deste tipo evitaria a estagnação do processo evolucionário, através da destruição periódica das espécies dominantes menos flexíveis e adaptáveis e da conseqüente abertura dos nichos ecológicos por elas ocupados. Sem catástrofes dessa natureza, os dinossauros provavelmente não teriam desaparecido, abrindo caminho para os mamíferos. Em última análise, a humanidade não existiria. Sob esse aspecto, talvez devêssemos batizar Nêmesis de A Estrela da Vida.

Implicações Astrofísicas

A existência desta companheira hipotética responderia algumas questões até hoje não explicadas. O Grande Bombardeio Lunar foi o resultado de uma chuva cometária constante, provocada por Nêmesis, então em órbita circular? Esse bombardeio evitou que a vida terrestre surgisse, ou apenas obliterou os registros geológicos, tornando impossível a descoberta de vestígios de formas de vida mais primitivas que as atualmente conhecidas pela ciência? As chuvas de cometas teriam um papel na geologia terrestre, desencadeando erupções vulcânicas e terremotos? Estas indagações deverão ser respondidas por estudos posteriores.

Contudo, já se conhece relativamente bem os parâmetros dessa companheira hipotética. Ela estaria hoje no afélio, a uma distância entre 2,5

e 2,8 anos-luz; sua massa é superior a $0,05 M_{\odot}$ e inferior a $0,3 M_{\odot}$, sendo muito provavelmente uma anã vermelha. Sua velocidade radial e movimento próprio são virtualmente nulos, uma vez que jamais foi anteriormente identificada em programas para detecção de estrelas próximas.

Infelizmente, os astrônomos não sabem em que direção apontar seus aparelhos. Atualmente, as perturbações gravitacionais oriundas dessa estrela devem ser menores que as produzidas por Alpha Centauri, o sistema estelar já identificado mais próximo do nosso. Existe um grupo de pesquisa na Universidade de Berkeley, liderado pelo astrofísico Richard A. Muller, desenvolvendo um trabalho para tentar detectar a companheira do Sol entre as anãs vermelhas da vizinhança solar.

Se a companheira não for encontrada entre as estrelas vermelhas, deveremos supor que se trata de uma anã marrom, uma estrela de brilho muito fraco e $0,07 M_{\odot}$, emitindo quase que exclusivamente em infravermelho. Os melhores candidatos seriam os objetos brilhantes do catálogo gerado pelo satélite IRAS (Infra-Red Astrophysical Survey). Os sistemas de detecção do IRAS não têm, entretanto, resolução angular suficiente para permitir o cálculo da distância exata da estrela companheira. Talvez, seja necessário realizar o trabalho a partir de observatórios terrestres, ou aguardar o ainda incerto reparo do telescópio espacial Hubble para solucionar o problema.

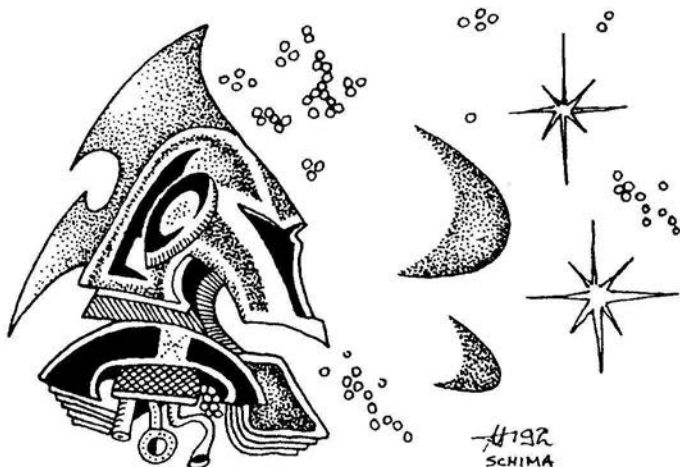
Bibliografia

+ Alvarez, L.W., W. Alvarez, F. Asaro, H. Michel (1980): Extraterrestrial Cause for the Cretaceous-Tertiary Extinction, *Science* 208, 1095-1108.

+ Brin, D. (1984): The Crystal Spheres, in *The River of Time*, Bantam Books, Londres (1987)

+ Muller, R.A. (1985): Evidence for a Solar Companion, in *The Search for Extraterrestrial Life, Recent Developments*, ed. Michael Papagiannis, IAU, Dordrecht.

+ Sepkoski, J.J.: Some Implications of Mass Extinction for the Evolution of Complex Life, in *ibidem*.



Instante De Ruptura
Daniel Hugo Bugallo

A situação era desesperada, deviam tomar uma decisão imediata, ou se arriscavam a ficar em órbita no meio do nada ou desciam no planeta que estava mais próximo. José Almiron, o capitão, optou pelo segundo.

- Vamos descer, gritou.

- Os motores estão falhando, disse o engenheiro de voo.

- Sei, mas é preferível descer no planeta do que ficar no espaço sem nenhuma possibilidade de conserto ...

Ninguém falou nada, o importante era salvar suas vidas e aquele planeta tinha oxigênio.

O capitão decidiu operar a nave manualmente, colocou-a na direção e fez um gesto religioso, que alguns imitaram. Os retrofoguetes funcionaram alguns minutos, não suficientes para uma descida perfeita. José fez funcionar os últimos recursos, sua família, amigos, sua casa surgiram como fotos em seus olhos e havia dez homens na tripulação.

O solo subia ao seu encontro, a morte o excitava, o visor o inundou com um clarão amarelo, a planície arenosa afundou em um sulco ziguezagueante, como uma serpente em pânico. Segundos depois, um grande silêncio.

Quando sua consciência voltou da escuridão, uma trágica realidade o rodeava. Dois companheiros estavam mortos, um ainda perdia sangue pela boca, o outro tinha os olhos abertos e o olhar congelado no infinito que já era o seu presente. Teve dificuldade em soltar-se do cinto de segurança, gemeu com dores, e foi com sacrifício que se colocou de pé. Percebeu que era dia, pelo visor que abriu com esforço. Aproximou-se de Roberto, colocou a mão em seu peito, consegui ajeitá-lo melhor, ele gemeu, estava vivo.

- Como você está ?

Os olhos piscaram rapidamente, e conseguiu responder.

- Acho que não tenho nada quebrado ...

Nesse momento entrou Pedro na cabine e parecia ter sofrido pouco com a aterrissagem forçada.

- E os outros, como estão ? perguntou o capitão José.

Pedro respondeu.

- Enrique e Ariel estão mortos, os outros não sei ainda.

Alguna coisa começou a se mover por trás de um monte de objetos e aparelhos destruídos. Era Carlos, semi inconsciente, que tentava desesperadamente soltar o cinto que o prendia. José e Pedro o ajudaram, mas ao tentar levantar-se deu um grito de dor. O examinaram e certamente teria algumas costelas quebradas. Sem que ele o ouvisse disse a Pedro que temia uma hemorragia interna.

- Vamos arranjar um colchonete e ataduras, disse José.

Depois que examinaram o que tinha restado da nave, a situação era triste. O capitão encontrou seis mortos e o ferido grave. Não era possível muitas reflexões no momento, mas ... e depois ? Agora tinha de providenciar o urgente. Depois de acomodar Carlos, saíram da estrutura para examinar a paisagem que os envolvia.

A vista era desoladora, um terreno morto se estendia a perder de vista, sem nenhum tipo de vida, somente arbustos estranhos ressecados pelo sol enorme. O terreno parecia erodido pelo vento constante, vários tons de vermelho escuro se estendiam por todo o horizonte sem nenhum verde. Nada indicava que lá pudesse ter existido vida.

- O que vamos fazer, perguntou Pedro.

- Temos que achar um refúgio melhor do que a nave, talvez uma caverna. Enterraremos os mortos e tentaremos tirar da nave o que possa ser útil.

Pedro foi quem achou o refúgio. Só então desinfetaram seus ferimentos e regressaram à nave, examinaram a estrutura toda partida em busca do que

precisariam para sobreviver. Pegaram uma caixa de medicamentos, cobertores e roupas. Eram poucas as rações que puderam salvar e José calculou que não durariam mais do que uma semana, mesmo economizando.

Era inevitável a terrível tarefa de tirar os corpos sem vida dos companheiros e enterrá-los. O capitão José tirou as identificações e guardou pequenos objetos pessoais. Não conseguiu encará-los, como se temesse algo. Foi um trabalho doloroso, não precisou olhar os outros para saber que todos choravam e ele sentia-se culpado não saberia explicar porque.

Entre a nave, os túmulos e a caverna, fizeram várias viagens e o cansaço e as feridas os deixaram exaustos. Pedro preparou uma pequena fogueira com restos da nave e os arbustos estranhos. O sol já desaparecia e uma escuridão pesada inundou rapidamente tudo. José começou a preparar e repartir a primeira refeição, que engoliram em silêncio e assim ficaram muito tempo, até que Roberto perguntou a todos.

- Quanto tempo vão durar estas rações ?

O capitão quase lhe perguntou por que tinha feito a pergunta, mas ele resolveu enfrentar o pior.

- Vou ser sincero, disse. Respirou fundo e acrescentou. - Não acredito que durem mais do que uma semana. Esperou uns segundos e acrescentou que era difícil calcular quando eles poderiam ser localizados. Olhou Pedro e perguntou :

- Quando mandamos a última mensagem ?

- Vinte minutos antes do desastre.

- A próxima mensagem seria daqui a umas vinte horas. Eles levarão dois dias para notar nosso desaparecimento ... por isso ... calculo que precisarão um mês para chegar até aqui, ... ou mais.

- Tanto tempo ! - Roberto quase gritou.

O capitão José ergueu a mão, como se pedisse calma.

- Não faça mais difícil a situação, Roberto. Na verdade todos nós sabemos quanto tempo será preciso para nos localizar, precisamos assumir a situação, com realidade e força.

José pôs a mão no ombro de Roberto, que concordou com a cabeça.

- Precisamos fazer alguma coisa e é só, foi o comentário de Carlos que teve de fazer um grande esforço para que sua voz fosse ouvida.

Pedro fez um esforço para sorrir e lhe disse para ficar calado e não fazer nenhum esforço.

Carlos concordou e ainda disse que nem rir conseguiria. Pedro estendeu a mão e o ajudou a comer a sua parte da ração.

Roberto sugeriu que teriam de pesquisar toda a região para ver se encontravam algo.

- Roberto e eu poderíamos fazer isso, disse Pedro, fisicamente estamos melhores.

José concordou que fossem os dois e acrescentou que ele, pela manhã, examinaria a nave para ver se encontraria peças que necessitava.

- O que você está pensando fazer ? quis saber Roberto.

- Uma baliza automática.

- Também me ocorreu um sistema para conseguir água, interrompeu Pedro. Calculo que temos somente uns dez litros de água. Acho que poderíamos conseguir mais. Sei que as antigas tribos que habitavam o deserto do Saara, conseguiam recolher água, aquecendo pedras e as deixando ao ar livre durante a noite. Descendo a temperatura o vapor da água se condensava sobre as pedras convertendo-se em água, que escorria em uma vasilha ou um plástico colocado em baixo.

- Boa lembrança, disse Carlos, temos que tentar tudo. E o seu rosto se contorceu de dor.

José fez um sinal de assentimento com a cabeça.

- Pelas dúvidas, temos que deixar alguém de guarda, ainda não sabemos com certeza se aqui existe alguma coisa viva, faremos turnos de duas horas, primeiro Pedro, depois Roberto e eu por último, assim vocês podem descansar um pouco.

O tempo passou lentamente até José ocupar o seu posto de guarda. Estava só, com a escuridão e as estrelas, bem estranhas e diversas daquelas que se habituara desde criança. Embora ainda disfarçasse para os outros,

sabia que a situação era desesperadora. Pouca água e comida e estavam muito longe das rotas normais do comércio.

Ele sabia que as grandes companhias não se preocupavam muito com as naves desaparecidas. Notificavam imediatamente a companhia seguradora, mas a busca da tripulação desaparecida não era fácil, principalmente porque eles eram um dos primeiros carqueiros a entrar no sistema de Rigel e transcorreria algum tempo antes que dessem o alarme. As distâncias eram imensas até à Terra, os técnicos fariam inúmeras conjecturas pelo atraso da viagem, antes que iniciassem o complicado trabalho de localizá-los.

José sabia que teria de manter seus companheiros ocupados. Quanto menos pensassem, melhor. Nas situações de extremo limite com a morte, tudo poderia acontecer. Não tardaria a aparecer discussões por pequenas coisas e poderiam se transformar em conflitos terríveis. Mesmo conhecendo seus comandados e amigos há muito tempo, temia aquela parte oculta, que as vezes não exitava em matar o próximo na ânsia de sobreviver. Levantou-se e colocou no fogo mais pedaços combustíveis tirados da nave, junto com os secos e estranhos arbustos pensosamente arrancados daquele deserto. Ainda sentia um sentimento de culpa que não sabia explicar. Parou na entrada da caverna e deixou que o frio noturno envolvesse seu corpo. Pensou em Deus, e pediu ajuda para si e para seus companheiros. Voltou ao lado do fogo. O tempo passava lentamente e um sono tranqüilizador o fez esquecer de tudo.

Pela manhã Pedro e Roberto estavam preparados para examinarem a zona o mais longe possível. Quando partiram José cuidou de Carlos da melhor maneira ao seu alcance e tomou o rumo da nave. O terreno era irregular, com muitas ondulações e o calor sufocante ressecava a pele. Ondas de calor o deixavam tonto, e foi com esforço que alcançou a nave. A poucos metros estavam os improvisados túmulos de seus companheiros. Desviou o olhar e se esforçou para não pensar no assunto. Dentro da nave destruída, só conseguiu arrancar dois assentos acolchoados para melhor acomodar Carlos. Pegou também uma barra de aço que serviria como alavanca ... ou arma. Voltou pensosamente para a caverna.

Mesmo ajudando Carlos e Roberto no dia seguinte, José chegou à conclusão que não havia sinais de vida até onde puderam chegar e isso certamente era um veneno para todos. Insensivelmente começaram a dar sinais de desespero e impaciência, discutiam por mínimos detalhes e uma sensação de derrota se instalava no precário refúgio da caverna. Desde o segundo dia José tinha conseguido por em funcionamento o seu transmissor, tarefa não muito difícil pois a nave trazia elementos suficientes para essa eventualidade, mas a transmissão automática indicando a localização da nave acidentada não consolava ninguém. Tinham decidido economizar ao máximo as poucas rações e até a água conseguida em gotas já não era suficiente para todos. Uma semana era certo que já tinha transcorrido, mas ninguém sabia exatamente quantos dias mais. Fracos e apáticos não sabiam o que fazer. Roberto, depois de uma discussão tinha deixado a caverna. Carlos, agonizante, já não falava nada nem comia.

Antes de partir José lembrava-se que Roberto chegara a empurrar Pedro, que caiu de lado e parecia nem ter mais forças para se levantar. E dissera gritando : Estamos morrendo e parecemos animais cansados, mortos quase de fome, vamos nos entregar sem reagir ?

Alguém soluçou, talvez Pedro porque Carlos já não falava ou estava morto, José nem quis verificar.

Estavam próximos do fim, pensou o capitão José. Sua posição, agora não tinha mais nenhuma importância, mas ele ainda sentia a responsabilidade do comando. Não podia ficar ali, à espera da morte. Levantou-se com dificuldade e começou a se dirigir para os restos da nave com pernas trêmulas.

Depois de uma penosa caminhada, percebeu Roberto fazendo algo sobre uma rocha. Notou admirado que ele fazia movimentos com força e agilidade. Arrastou-se lentamente procurando não ser visto, dando uma volta para ficar às costas de Roberto. Sentiu medo, porque Roberto estava afiando uma lâmina presa em um pedaço fino de madeira. Ao que parecia Roberto tinha amarrado a faca e assim conseguia uma espécie de lança. Mas, contra quem

ele preparava aquilo ? José não compreendia o que estava vendo e como Roberto de agitava com uma estranha energia. O capitão teve um pensamento, sim, ele encontrara algum animal, estava se alimentando e não dissera nada aos companheiros. Olhou ao redor e de repente a terrível verdade era outra. Os túmulos ficavam bem perto de Roberto. De onde estava, José viu um deles aberto e ao lado um corpo desmembrado. Roberto subitamente interrompeu sua tarefa de afiar a faca e dirigiu-se para o cadáver. Se olhasse na direção de José certamente o veria mas estava demasiadamente absorvido na sua tarefa. Segurando com as duas mãos o cabo de sua faca começava a tirar um naco de carne das coxas do morto. Ao mesmo tempo falava com ele em frases curtas, mas José não conseguia entender. Do pedaço grande, cuidadosamente, Roberto cortava fatias menores e punha na boca a mastigar com força. Com lágrimas correndo pelo rosto José afastou-se dali. Estaria Roberto completamente louco ? mesmo perto do cadáver mutilado José não sentia nenhum mau cheiro. Talvez o clima do deserto conservava os corpos ou ... ele nem conseguia pensar. Voltou até a caverna e viu que Carlos estava morto. Pedro ainda respirava, mas não respondeu nada quando ele contou o que vira. Abaixou-se, sacudiu-o um pouco e percebeu que Pedro também estava em estado grave. Tentou dar-lhe um pouco de água, que ele não conseguiu engolir. A presença dos companheiros, um deles morto, era angustiante para José. Mas não sabia o que fazer. Com medo do que Roberto poderia fazer, estendeu um cordão na entrada da caverna e amarrou a extremidade em algo que ao cair fizesse barulho. Já era noite, não conseguia mais saber como transcorriam as horas, deitou-se e dormiu ou talvez tenha desmaiado de fome, embora tivesse comido as últimas rações de Carlos e Pedro. Talvez sonhando, via-se com o corpo de Roberto, mastigando aquela carne cheia de sangue, e comia e comia obsessivamente sem parar. Acordou com a luz cegante do grande sol. Pegou logo sua barra de ferro e foi para uma pequena elevação. Ouvia gritos ininteligíveis e ao longe percebeu Roberto arrastando um corpo até a rocha onde os mutilava.

- Maldito filho da puta ! repetiu várias vezes, gritando com a voz rouca. Roberto ouviu, à distância, olhou em silêncio algum tempo, depois saiu em uma corrida na direção do capitão José, que entrou na caverna, o pedaço de ferro seguro com as duas mãos. Não sabia porque, mas tomou as últimas gotas de água que tinha, como se isso pudesse lhe dar alguma resistência a mais. Logo pode ouvir os passos de Roberto que se aproximavam.

Quando entrou, com sua faca amarrada no pedaço de pau, estava contra a luz, mas José podia ver o brilho dos seus olhos alucinados. Estava completamente louco. Ao ver José, trêmulo e fraco, gritou palavras sem nexo, mas, ao que parecia, ele o estava desafiando, "como se sente quem vai morrer ? vou matá-lo, vou sobreviver, graças aos mortos ainda estou vivo ... você disse que dentro de um mês seríamos salvos, pois eu vou viver até lá, vou viver, era a única saída, você entende ? você entende ?". Parou um instante, olhou ao redor, foi se afastando de costas, na porta da caverna ainda disse "não se preocupe, você ficará para mais tarde" e ria com boca aberta. José sentia que não tinha forças para enfrentá-lo mas disse "maldito, maldito, venha agora".

Roberto avançou com sua arma, mas José tinha uma barra de ferro erguida. Tudo foi muito rápido. A barra de ferro atingiu Roberto primeiro, que cambaleou. Logo José voltou a atingi-lo e Roberto caiu ensanguentado, morto. Os olhos arregalados, José contemplava o ex-amigo e comandado. Começou a chorar e seguindo um estranho impulso pegou a faca do morto e enterrou com força no corpo já sem vida. Puxou a faca cortando a carne e antes de levá-la à boca, pediu perdão.

Daniel Hugo Bugallo, escritor e editor, da nova ficção científica argentina, é autor deste conto especial para o *Somnium*, na tradução de André Carneiro.

ARREPENDIMENTO
Daniel Barbieri

A "União dos Jardineiros Galácticos" tinha uma estação espacial de forma circular e órbita instável, onde uma centena de jardineiros preservava a flora de vários mundos. Cada um cuidava de seu jardimzinho e colaborava para o bem comum.

Um antigo jardineiro, membro da "Confraria Naturista", era chamado, por seu aspecto, de "O Ogro". Era humanóide, muito zeloso de suas plantinhas, mas também admirava o sucesso de seus confrades e gostava de trocar gentilezas com eles. Só era um ogro completo quando se enfurecia, e enfurecia-se quando pisoteavam seu viveiro ou o satélite jardineiro se encontrava em perigo. Usualmente, permanecia pachorronto, cuidando de seus afazeres e confraternizando, entre rodadas de cerveja, com seus companheiros satelitais.

Num mau dia juntou-se à estação floricultora um outro humanóide, logo apelidado de "O Javali" por sua face porcina e seus hábitos desagradáveis; na verdade, tinha mais de rinoceronte que de javali, já que possuía pele encouraçada e andar digno de paquiderme. Mas o Javali também sabia ser amável, obsequioso e, por vezes, comportava-se como um bom companheiro e amigo.

O Ogro e o Javali se aliaram para o bem da Estação e para combater os (presumíveis) companheiros (presumivelmente) mal intencionados.

Apesar da coalizão, o Javali molestava o Ogro. Às vezes lhe pregava peças indignas para a honra de um ogro, outras deixava merda no viveiro ogril, faltava amiúde com a palavra empenhada e, freqüentemente - aparentemente distraído, arranhava o Ogro com javalinescas unhas e presas.

O Ogro o tolerava, atribuindo estes defeitos à sua iniludível natureza porcina e porque acreditava que, no fundo, o Javali era um bom amigo e companheiro.

A confusa relação durou anos, até que um dia o Javali defecou no quarto do Ogro; no outro dia, defecou na cozinha do Ogro e, no terceiro dia, cagou-lhe toda a casa e pisoteou-lhe todo jardim, fazendo perigar a estabilidade ecológica do satélite.

Impelido por sua natureza, o Ogro saiu de sua pachorra e se enfureceu como nunca antes se havia enfurecido; seus gritos e lamentos se ouviam até mesmo no vazio que rodeava a estação espacial. Mais, ainda vibram neste papel em que você está lendo.

Alucinado por um instinto primevo que logo sobrepujou sua inteligência ogressca, carneou o Javali, esquartejou-o, assou-o em fogo brando e comeu-o inteirinho.

Saciado até a letargia, dormiu uma longa sesta ogril. Quando despertou, bebeu uma infusão exótica que ele mesmo cultivava (mate) e somente então recobrou o entendimento.

Junto com a razão, sobreveio um ataque de culpa e arrependimento.

Lamentou amargamente haver sido, até esse cruel dia de fúria, um fanático vegetariano.

---ooo000ooo---

Moral estúpida e desnecessária : "Não se devem despertar instintos ogresscos".

Daniel Barbieri, há muitos anos militando na ficção científica argentina como escritor, crítico, editor e fã, enviou-nos este conto para publicação no *Somnium*, confiando sua tradução a R. C. Nascimento.

Que Tal Ferver Um Pouco De Água Para Fazer Um Chá Gelado ?
Álvaro A. L. Domingues

Colégio São Tomé, 05 de dezembro de 2050
João Carlos de Souza, Nº 21 - 7ª Série "C"

Ciências

Redação : A Volta da Viagem de Papai.

É mesmo uma chatice ter redação em todas as aulas ! Eu sei que todos estão empenhados em que realmente todos nós escrevamos corretamente, mas redação em ciências é o cúmulo !

Mas deixando este protesto de lado, que certamente vai redundar em desconto de pontos, vamos ao tema.

Papai é piloto de espaçonave. Ele fica sempre alguns meses, viajando por outros mundos. Eu sei que você, meu caro professor, vai me perguntar como é que ele se livra dos efeitos da teoria da relatividade, só para aproveitar e dar pela enésima vez aquela aula chata. Acho que todos nós já sabemos sobre o paradoxo dos gêmeos e coisa e tal e das viagens pelo hiperespaço, que o "driblam" (coloquei entre aspas porque você, excessivamente conservador, não gosta de gírias, mesmo ante-diluvianas, como esta). Se você leu até aqui talvez eu tire zero, mas a classe vai me agradecer.

Mas leia até o fim de qualquer jeito, pois vou te dar outro tema para "dar nó" (outra gíria ante-diluviana) na cabeça dos meus colegas. Deu na minha ! Como daquela vez dos seres daquele planeta que eram gasosos. Eu sei que meu pai exagera, para me impressionar, mas desta vez não ...

Como sempre, ele chegou pouco antes do jantar. Todos os pais fazem isso, acho, mas não de seis em seis meses. A mamãe faz um jantar caprichado, a gente come e fica batendo papo depois da janta e ele conta muitas histórias.

Depois a gente joga o velho Dungeons & Dragons. Usando o livrinho de papel e dados de plástico, que foram do vovô quando era criança. Papai não quer nem saber de jogos de realidade virtual, já que a parafernália eletrônica é igualzinha àquela que usa todos os dias para trabalhar.

Nós estávamos jogando e por pura sorte (eu juro !) consegui os pontos máximos dos dados seis vezes em seguida. Mau irmão gritou que eu roubei. A discussão ficou "roubou / não roubei" por cerca de cinco minutos. Papai perde a paciência, nos põs de castigo : pra cama !

Subimos batendo o pé, pisando duro. Eu sabia o que ia acontecer. Ele esperaria a gente dormir e depois iria "dormir" com a mamãe (está entre aspas, porque eles ficam acordados e não venha com essa de repressão sexual, que a gente não tem idade pra falar disso e outras babaquices ! Isso e a AIDS são coisas do SEU tempo !).

Não consegui dormir, mas esperei um tempo que julguei suficiente para não interromper nada de interessante e fui ao quarto. Eu achava que devia umas desculpas ... sei lá ... talvez eu tivesse roubado mesmo e estragara a diversão e a união da família que ele tanto preza ...

Minha mãe estava dormindo e só na cama. Teriam eles brigado também ? Desci. Lá estava papai, sentado no sofá, jogando dados na mesinha da sala e anotando o resultado num papel ...

Fui para perto dele. Ele percebeu minha presença, mas não falou nada. Jogou os dados mais algumas vezes e voltou-se para mim, mostrando-me o resultado :

- O que você acha disso ?
- Era uma série de uns dez valores iguais.
- Não sei ...
- Se isso ocorresse num jogo, o que você pensaria ?
- Que o dado está viciado ...
- Pois o dado não está e as jogadas são honestas ...
- Eu gostaria de falar sobre isso ... Eu roubei mesmo e ...

Ele me interrompeu :

- Escute. Eu não estou mais preocupado com isso ... Na realidade, você foi o bode expiatório de meus problemas ...

Olhando para o dado como se fosse um diamante raro, disse :

- Sabe, hoje eu sei que Deus joga dados com o Universo ...

Não entendi nada. Lembrei-me apenas de uma das aulas chatas que você dá sobre um tal de Einstein.

Meu pai continuou, mais falando para si mesmo que para mim :

- Imagine você se a água que você põe para fazer o café no fogo congelasse ?

- Papai, ninguém mais faz isso ! Todo mundo faz tudo no microondas ... e a água ferve ...

- Eu sei, meu filho ... você deve ter aprendido na escola algo sobre o movimento browniano ... eu aprendi isso no segundo grau. Nas escolas de hoje, devem estar ensinando isso nos primeiros anos do primeiro grau ...

- Sim ! Trata-se do movimento aleatório das moléculas de um corpo qualquer.

- Muito bem ! Imagine agora se o movimento browniano das moléculas de água fosse tal que transmitisse calor para o fogo ou para o forno de microondas ...

- Isso é impossível !

- Não, meu filho, só improvável ! Há uma possibilidade muitíssimo pequena disso acontecer, mas ela pode ocorrer, digamos, uma vez em um bilhão de anos ! Isso chama-se "Milagre de Jens" ! Por esse fenômeno pode ocorrer por esta porta e morreremos sufocados ...

Percebi que algo tinha ocorrido em suas viagens que o deixara perturbado e que ele vinha disfarçando desde que chegara em casa ... ele continuou falando :

- Imagine agora se esse fenômeno de ferver água para fazer gelo se repetisse muitas vezes seguidas. Se eu fosse por água pra esquentar, em qualquer meio quente e ele se congelasse, sempre ?

- Eu acharia que você tinha pirado ...

- Se você fizesse isso, eu tivesse feito isso, seu avô, sempre e sempre, ...

- Eu acharia isso natural !

- Pois é ... eu estive num planeta, que era igualzinho ao nosso em termos de condições físicas e ambientais, habitado por uma raça inteligente, mais ou menos no mesmo grau de inteligência que a nossa, só que com uma tecnologia semelhante à do século XIX. A única diferença é que a água congelava no fogo !

- Mas sempre ?

- Sempre ! Todas as vezes que fizemos a experiência ! Conseguimos nos comunicar com eles e eles disseram que sempre foi assim ! Mostraram seus livros de física, onde uma teoria termodinâmica complexa foi construída só para explicar o fenômeno ! E não acreditaram que a água fervia !

Meu pai parecia nervoso quando falava isso. E eu não estava entendendo nada ! Mas ele continuava falando :

- Meus colegas cientistas mediram tudo o que foi possível e não encontraram nada que pudesse justificar aquele estranho comportamento da água ... até que um de nós lembrou-se do movimento browniano ... mediram ... e era esta a explicação !

Ele ficou olhando para o dado ... e como se estivesse falando com ele, disse :

- Sabe o que me preocupa ? Nós criamos uma ciência baseada numa relação de causa e efeito. Eles, no seu planeta, também ! Mas na realidade, tanto lá como cá, as coisas podem estar simplesmente acontecendo ao acaso !

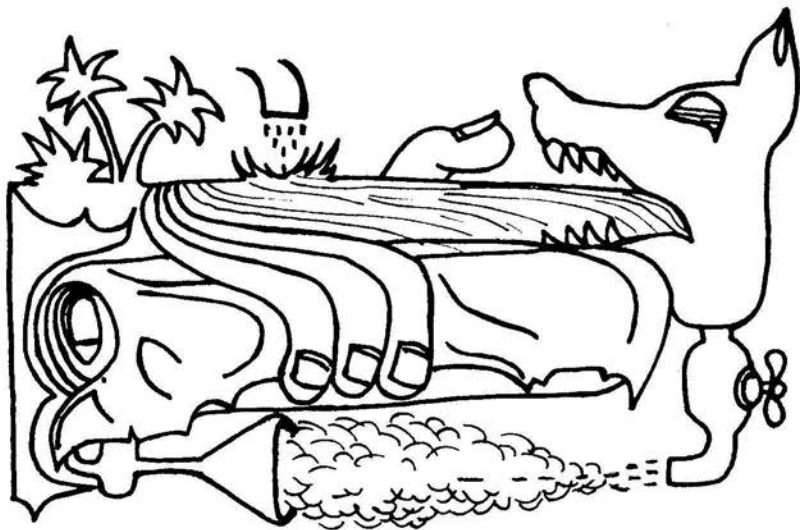
Lembrei-me então das suas horríveis aulas de ciências, quando você falou da tal estatística e sua aplicação na física e pensei com meus botões : "Cá está uma ótima oportunidade daquele chato aproveitar minha redação,

como acontece todo início de segundo semestre, e encontrar algum tema de aula aqui."

Comece, por exemplo, com esta pergunta : "Qual é a probabilidade de todos os átomos de gás saírem de repente da sala e seu professor morrer sufocado ?"

Espero, sinceramente, que seja bem grande !

Ah ! Antes que me esqueça : meu pai aceitou numa boa o caos do universo quando lhe mostrei os recortes de jornais sobre política e economia, do período em que ele esteve ausente !



Pequeno Novelo de Histórias
Carlos Orsi Martinho

DITADO DO REPRESENTANTE DA COMUNIDADE SOLAR ANTE O POVO DE AERIL AO SISTEMA DE ARMAZENAMENTO DE DADOS DE SUA EMBAIXADA :

- Que a defesa se pronuncie -- diz o primeiro magistrado.
- Confirmado -- diz o terceiro.

O meirinho se aproxima para retirar a mordaca da boca de Treyal, que, aos poucos, começa a tomar consciência da fragilidade de sua situação.

Dentro de seis mil anos, os historiadores de Aeril irão considerar a absolvição de Treyal uma prova inequívoca da pouca eficiência das Cortes de Contos da era pré-Ixeana; hoje, porém, parado em pé diante dos três magistrados e com a vida por um fio, não há como Treyal saber disso.

- Conte-nos seu conto, barqueiro Treyal -- ordena o primeiro magistrado -- e seja cuidadoso e verdadeiro, pois dele depende sua sobrevivência.

Treyal respirou fundo -- a Corte iria decidir com base na história que ele iria contar, e apenas nisso. Então, era bom que fosse uma boa história, e que o narrador desempenhasse nela um papel simpático... herói, tolo ou amante, talvez. Depois de muito refletir, Treyal decidiu contar a verdade. Foi com a voz calma que ele começou...

- Sou barqueiro, responsável pelo transporte entre a ilha Qehl e o continente. Como os senhores sabem, mês passado foi mês de Concílio ... quando os feiticeiros se reúnem em Qehl para sondar o Novelo de Histórias. Como os senhores também devem saber, durante todo mês de Concílio as duas luas se encontram juntas no céu, e o mar fica intransitável ... minha função era apenas levar os feiticeiros a Qehl uma semana antes do início do mês, deixá-los lá e retornar uma semana depois de um mês, para buscá-los. Este ano, porém, as chuvas mantiveram o oceano revoltado, mesmo após as luas desaparecerem... e só pude buscar os bruxos nove dias depois do fim do Concílio. Fiquei surpreso ao ver que apenas um feiticeiro me esperava, aquele chamado Olt. Perguntei-lhe sobre os outros. "Mortos!", ele gritou, fitando-me. Seus olhos estavam... -- aqui, Treyal fez uma pausa, cerrou as pálpebras, trêmulas, e depois de reabri-las continuou -- sinto, não posso descrevê-los. Seus cabelos estavam encharcados, escorridos, como se ele tivesse passado toda a tempestade a descoberto, havia sangue em seus pulsos e joelhos, e da boca de Olt, em meio a espuma e sangue, só saíam palavras desconexas, gritos surdos, fragmentos de preces e interrogações. O mais incisivo e aterrador eram as perguntas ... Levei-o, o mais gentilmente que pude, até a melhor cabine de meu barco, e deixei-o ali, a dormir. Investiguei toda a ilha de Qehl naqueles dias, o castelo, os gramados, o pântano, e juro, não pude encontrar um corpo sequer, vivo ou morto. Quanto a Olt, levava-lhe comida e água todos os dias, três vezes ao dia, e foi ao anoitecer do terceiro dia (depois de zarpamos) que ele me pediu que ficasse no aposento ... para ouvir sua história. E essas foram suas palavras...

" - Sabe como encontrei Vari ? Chovia muito, sabe, já tínhamos perdido Qiv ... Qiv foi o primeiro, Vari, a segunda. Chovia muito, e as luas, dava pra vê-las muito pouco, estavam vermelhas ... como sóis congelados, pontes eternos. Estava escuro, a chuva fazia uma ... uma névoa em volta da gente, o vento cortava os olhos. O encanto de fogo, que mantinha as tochas acesas ... na chuva ... esgotava, fazia a gente ... deixava enjoado. Tive de vomitar ... me afastei um pouco, acabei tropeçando em algo. Peludo, gordo e inchado, como um gato morto. Só que rolou quando chutei. Era a cabeça dela.

Chamei os outros, recolhi a cabeça e voltamos ao castelo. Não havia motivos pra continuar na busca. Ao longe, a fortaleza -- uma torre pontiaguda e semi-inclinada, bojuda no centro e a dois terços da altura, assustadoramente negra, coberta, recoberta e escorrida de cipós e trepadeiras -- parecia o dedo indicador de um gigante morto, enterrado, fenecido.

No castelo, acendemos a lareira e alguém serviu vinho. Mesmo ali dentro o cansaço, o frio e o medo faziam-nos tossir, bater os dentes, lacrimar. Eu esfregava as mãos desesperadamente, tentando gerar calor, sentindo meu próprio corpo, fazendo força pra me sentir vivo. As sete espadas ainda estavam na parede, limpas e afiadas. Klet -- amante de Vari -- e Yraz colocaram a cabeça sobre a mesa e começaram a analisá-la. Eu e Duir ficamos sentados, tremendo, diante do fogo. Senx logo se uniu a nós.

Não me lembro do que conversamos ... Alguma coisa sobre o Novelo de Histórias, creio. Sobre como ele era frágil, em seu intrincado emaranhado, e sobre como alguém poderia estar tentando ... Ainda me recordo do tom monótono da voz de Yraz quando ele veio nos avisar :

- Segue o padrão -- ele disse. -- A linha da decapitação é a segunda sílaba. Alguém está escrevendo um feitiço em nossos corpos.

- Não um feitiço qualquer, suponho -- disse Duir, tentando esconder com o braço o tremor que lhe percorreu os seios.

- Nenhum feitiço é feitiço qualquer -- emendou Yraz. -- Mas, você está certa; este é menos qualquer que os outros. Requer três sílabas e três sacrificios. Alguém aqui está tentando matar seis coelhos com ... três caçadas.

O único som semelhante ao riso que talvez devesse acompanhar aquele comentário foi o crepitar da lenha na lareira. A acusação de Yraz era uma impertinência. Em outras circunstâncias, tal frase seria mais do que suficiente para levar as sete (agora cinco) potências ali representadas a um estado de guerra total. Mas ele estava certo. Um de nós tentava o proibido, tentava desvendar o núcleo do Novelo de Histórias, e fazia isso se livrando da possível oposição.

- Seja quem for -- disse Klet, aproximando-se -- deve ser alguém que esteja a par do castigo. O Novelo pode se render a três assassinatos, mas nunca perdá-los.

- Alguém deve estar disposto a correr o risco -- disse Senx.

- Um de nós? -- perguntou Duir, retomando a insinuação de Yraz. -- Não é improvável? Todos conhecemos muito bem os riscos. Ninguém seria louco

...

Foi então minha vez de falar :

- Vamos agir com um pouco de método, sim? Onde estávamos (cada um de nós) quando Yraz deu pela falta de Qiv? E quando Yraz deu pela falta de Vari?

- Já fizemos essa brincadeira, Olt. Estávamos todos na sala de reuniões, alguém não chegava, Yraz saía para checar e ...

- E antes? antes de irmos à sala de reuniões. Klet, você é o que dorme mais perto da sala, mas é o último a chegar, sempre. E Vari era sua amante ...

- É porque durmo perto; sempre acho que posso me demorar um pouco mais e compensar isso no caminho ... Além do fato de Vari ter sido -- ele estava, pude perceber, se escondendo da dor -- uma amante muito exigente.

Insisti :

- Onde encontramos as ... cabeças? Elas estavam a que distância? Com que tipo de objeto foram cortadas?

Duir suspirou profundamente e disse :

- Chega, Olt. Isso não nos leva a nada. O castelo é enorme, qualquer um pode se mover pelos corredores sem ser notado, basta escolher os corredores certos. E as únicas armas são nossas espadas, que estão sempre limpas e desusadas. Proponho que nos mudemos para a sala de reunião. Assim, até o final do Concílio, estaremos sob constante ... vigilância. E proteção.

Concordamos todos. A chuva rugia lá fora, enquanto o reflexo vermelho das luas arroxava o céu negro. Lembro-me de pensar no núcleo do Novelo, e em que tipo de pessoa mataria para alcançá-lo. A lareira não era mais que brasas, e, cansados, caminhamos todos até a sala de reuniões, um aposento amplo e sem janelas, defendido por portas de ferro e chumbo. Como todo o castelo, construído há eras por aerilianos de um temperamento sombrio e marcial, já perdidos na história, nos princípios do Novelo. Um lugar de poder antigo e penetrante, um poder tão intenso que adensava o ar e

pesava sobre nossos ombros ... um lugar isolado do mundo pela chuva e pela maré. Um lugar onde, a cada ano, os sete maiores feiticeiros se reúnem para sondar os caminhos do Novelo, sem jamais mergulhar além do permitido -- ao menos, até este ano.

Na manhã seguinte despertamos junto com Aer, o primeiro e mais próximo sol. Senx e Klet foram cuidar da refeição, enquanto os três restantes ficamos deliberando sobre as atividades do dia. Decidimos desafiar as Histórias sobre futuras colheitas e movimentos celestes. Preparamos a invocação, e quando os outros dois chegaram com a comida (oferecida aos membros do Concílio com tributo pelos povos das sete potências) demos início à sondagem.

Encontramos fome a norte e nor-noroeste, bem como nas ilhas do oriente. Fartura nas terras do centro e ao sul. Frio e medo para o povo de atriys. Foi o que o Novelo nos revelou. Em Ehrim, um rapaz iria olhar por uma janela, chorar um pouco, rir um pouco e acolher a morte ... por motivos complexos e inexplicáveis. Em Rauiaz, uma criança será a causadora de grande pestilência.

Tais eram as Histórias do Novelo. Todas se repetindo, desde o início, sempre a mesma História, nunca os mesmos personagens.

Duir teve um princípio de hemorragia nasal, e eu mesmo já sentia o estômago oprimido, quase doendo. Nossas energias estavam sumindo, e, ao menos por enquanto, os trabalhos de sondagem teriam de ser suspensos. Paramos de interrogar o Novelo e ficamos sentados no chão, ainda segundo a configuração sagrada, olhando uns para os outros, às vezes para as portas. Todos queríamos sair, mas nenhum de nós faria isso.

De repente, Senx se levantou e começou a andar pela sala, apoiando-se às vezes nas paredes inclinadas, desenhando, com a unha, algo no limo negro que as recobria. Ele cerrou o punho e mordeu, ferozmente, os nós dos dedos. Então, sem o menor aviso, voltou-se para Klet, e ao voltar-se pronunciou antigas e perigosas palavras.

Nesse instante, todos nós sentimos uma dor aguda, um incômodo persistente que ia da base do crânio às têmporas. Esse desconforto era apenas uma sombra do castigo infligido a Klet, que ficou lívido, boquiaberto, consumido pelo encantamento que o pegara de surpresa.

No outro canto do aposento, Senx sustentava, com olhos furiosos, o olhar torturado de Klet.

- Confesse !!! -- Senx disse num sopetão, sem jamais parar de fitar sua vítima nos olhos -- Você os matou ...

Klet lutava contra o feitiço de dor, e mal tinha forças para responder :

- Lou ... louco ... -- ele falou -- Senx ... está ... louco !

De comum acordo, nós, os três feiticeiros até então neutros, decidimos entrar na disputa ao lado de Klet. O refluxo de energia arremessou Senx de encontro à parede, e quando fomos acudi-lo notamos sangue escorrendo de debaixo de suas unhas. O esforço havia sido demais.

- Por quê ?! -- Klet perguntava, possesso -- por que eu ? Que bobagem é essa ?

- Qiv ... e ... Vari ... ciúmes. Foi isso, não foi ? Você os matou ... é a única coisa que faz sentido.

Tivemos de segurar Klet, para manter Senx vivo. Não que houvesse algum tipo de ameaça mística no ar; apenas os punhos de Klet pareciam bastante ávidos por reparação. Já refeito, Senx terminou de expor sua teoria :

- Vocês não percebem ? Nenhum de nós ousaria ... seria doido o suficiente pra tentar alcançar o núcleo. Klet matou os dois por ciúme e ... as incisões foram pra despistar. Só para despistar ! Piedoso Mtal ... tão óbvio !

- Prove !!! -- Klet gritava, fora de si -- Prove !!!

Na hora da segunda refeição, Klet e Duir foram providenciar a comida. Senx estava sentado, desengonçado como um boneco de pano, no canto onde o chão da sala fazia ângulo oblíquo com duas paredes do castelo. Eu e Yraz conversávamos, aos sussurros. Meu companheiro parecia disposto a abrir mão se sua teoria inicial -- de que um de nós seria, necessariamente, o autor dos crimes.

- Você acha que Senx pode estar certo? -- perguntei.
- Difícil dizer ... não há provas, sequer, de que existisse algo entre Qiv e Vari ...

- Mas, se houvesse ...
- Refleti muito, e com Senx num ponto, apenas: nenhum de nós tentaria um feitiço proibido ... Fomos todos suficientemente orientados quanto a isso. Sabemos da penalidade. Aliás, pensando bem no assunto, só consigo imaginar um tipo de pessoa capaz de realizar a invocação dos três sacrifícios: **alguém que não acredite em magia**. E, portanto, não tema o castigo.

- Mas uma pessoa assim não teria motivos para buscar conhecer o núcleo; essa pessoa sequer aceitaria a existência do Novelo.

- Se for um feiticeiro, então Senx está, novamente, certo: é alguém que não quer, em absoluto, realizar a invocação completa ... Alguém que deseja apenas nos despistar.

- Um de nós ...

- Se for bruxo, um de nós. Seria impossível haver outra Figura de Poder nesta ilha sem que a sentíssemos.

- Ou um leigo descrente ou um feiticeiro enlouquecido, ou um amigo traiçoeiro ... Não são boas alternativas.

- São as únicas.

A comida chegou, e então abandonamos o assunto. Senx e Klet ainda não se falavam, mas já conseguiam trocar olhares quase amistosos. Uma estranha paz desceu sobre nós, e dormimos.

O sono foi agitado. Tive pesadelos incríveis, como névoas se movendo, transportando e manipulando energias fantásticas. Aos poucos, e num estado de crescente pânico, percebi que essa inverossímil movimentação de poder transcendia o mundo dos sonhos; meu olho da mente me fez saltar, desperto, assustado, alerta. Estiquei os braços e senti o cotovelo esquerdo chapinhando em um líquido espesso.

À minha esquerda Yraz jazia morto. Desmembrado e aberto do queixo à virilha, cada fibra de músculo do tronco rompida, agastada, esfarelada; costelas violentamente erguidas e entrelaçadas, uma mórbida paródia de mãos piedosas em gesto de oração. A terceira sílaba não estava ali, em lugar nenhum. Eu e os outros feiticeiros estávamos lavados em sangue.

Não podíamos atinar com o que havia acontecido. Olhamos uns para os outros, numa busca desesperada e silenciosa por culpa, explicação, outra morte, qualquer coisa. Mas nada aconteceu. Ao menos não antes de duas horas.

Pensando naquilo tudo -- em tudo que aconteceu, na forma como nos comportamos -- agora, fico estupefato ao perceber como fomos tolos ... o tempo todo buscando agentes para nossa desgraça, procurando culpados, alguém para ser punido, talvez. Feiticeiros, e ainda assim materialistas! Estávamos tão crenetes de que deveria haver uma explicação lógica, simples, humana, física para aquelas mortes que nos esquecemos do resto. De todo o vasto e indecifrável resto.

Disse que por duas horas nada havia acontecido ... Agora devo tentar transmitir o que se passou após aquelas horas.

Primeiro, foi uma vacilação, uma ruptura súbita na atmosfera ... Um gesto tão brusco que fez Duir chorar baixinho, lacrimejando muito entre suspiros breves e surdos. Então alguma coisa fez o peito de Klet explodir, e a língua de Senx inchar até sufocá-lo.

Tudo muito rápido.

Ficamos Duir e eu, sós, entre os corpos de nossos amigos e o limo negro que lhes bebia o sangue. Duir parara de chorar; poucas lágrimas ainda escorriam de seus olhos muito amarelos e inchados. Ouvíamos a chuva lá fora, a água caindo de uma calha em algum lugar, o vento zunindo num tom agudo demais. Ouvíamos todos os sons que fazem o silêncio de uma noite de tempestade, e aguardávamos. Eu olhava fixamente para o rosto de Duir; tive um impulso louco de beijá-la, de possuí-la ali -- me contive. Eu precisava olhar para ela, mas apenas olhar. Entende? Olhar com atenção ...".

Treyal limpou a garganta, tirou uma lágrima do olho esquerdo e continuou a história:

- Nesse momento, o feiticeiro foi acometido por tremedeiras ... como se tivesse uma febre muito violenta. Testei sua temperatura, porém, e ela me pareceu normal. Assim, sem saber o que fazer, deixei o prato ao lado da cama e me retirei.

Olt manteve silêncio até a sétima noite de nossa viagem. Lembro-me bem dessa noite porque ... bom, ela me pareceu mais silenciosa que as outras ... E notei uma estranha estrela brilhando a oriente, quase uma terceira lua. A luz durou poucos instantes. Na manhã do oitavo dia ... encontrei Olt morto, decapitado ... A linha que separava o pescoço do tronco era estranhamente ondulada.

Esta, senhores, é minha história, meu trecho do grande Novelo, meu conto.

Hoje, o bom e pacífico povo do planeta Aeril ri do Novelo de Histórias, e o Concílio dos Sete não passa de um conto para assustar crianças.

Historiadores do Direito e juristas consideram a absolvição do barqueiro uma prova cabal de como a superstição pode embaraçar a Justiça. É óbvio, eles dizem, que Treyal matou Olt, e talvez tenha até matado todos os sete.

Peço inclusão desta pequena aventura em nosso malote de intercâmbio cultural.



[outubro-92]

Dear friends, prezados amigos.

Meu português é suficiente para me virar num restaurante, mas não posso dizer as palavras que vos mostrem tudo o que eu sinto para vossa comunidade literária, intelectual, e, se eu o possa dizer, espiritual. Então vou escrever em inglês, com toda confiança que muitos intérpretes entre vós poderão traduzir meus sentimentos até serem entendidos por meio de sua bela língua.

Ainda trago na minha memória, como algo precioso, a gentileza que vocês demonstraram para comigo e minha mulher Kristine, quando nos convidaram a tomar parte na histórica primeira convenção nacional de escritores e fans brasileiros de FC. Fizemos muitos amigos, e passamos a admirar não somente o talento e o espírito, mas também a dedicação e o fervor daqueles que decidiram criar no Brasil um público receptivo ao poder transformador que existe apenas na literatura especulativa -- bem como criar uma literatura especificamente brasileira para satisfazer esse público.

O Brasil ainda é uma nação em processo de auto-descoberta. Descendentes de muitas raças e de todos os continentes, vocês ainda estão descobrindo sua identidade nacional, aquela que irá conduzi-los a dias de grandeza, a maior parte dos quais ainda estão no futuro. As pessoas que, às centenas de milhares, foram para as ruas vestindo preto quando um presidente lhes pediu para vestir verde e amarelo, são pessoas que estão determinadas a tomar seu destino em suas próprias mãos; todos aqueles que gritaram palavras de ordem pelas ruas e foram para as escolas vestidas de preto irão lembrar que não são ricos nem pobres, nem europeus, asiáticos; africanos ou índios; são brasileiros.

Mas quem é que sabe hoje, quem pode adivinhar, o que a palavra "brasileiro" significará um dia na história do mundo? As histórias que irão definir a identidade dos brasileiros ainda não foram escritas. Quando o forem, elas ajudarão a criar um país e a mudar o mundo. E já que a grandeza do Brasil está no futuro, essas histórias podem, e até devem, ser ambientadas naqueles inúmeros futuros possíveis que o povo brasileiro pode criar para si. Vocês podem mostrar a esse povo futuros magníficos onde o Brasil realiza seus sonhos de grandeza, ou futuros sombrios que devem ser evitados; em todos eles, podem mostrar o que o homem brasileiro e a mulher brasileira podem ser, o que deveriam ser.

Não estou pedindo a vocês para ler ou escrever propaganda -- não acho que devam ser submissos a partidos ou a movimentos políticos. O que peço é que os escritores que há entre vocês escrevam baseados no conhecimento e no amor que têm pela alma brasileira, e no modo como são capazes de imaginar tudo que está ao alcance do povo do Brasil. Peço a vocês que olhem para além da pobreza e enxerguem a coragem e a solidariedade; que olhem além da corrupção, e vejam a integridade e a sabedoria que inúmeros brasileiros já demonstraram -- tanto para vocês próprios quanto para mim. Quantas pessoas irão ler essas histórias? Poucas, a princípio, mas não pensem que por causa disto vocês não terão nenhuma influência. Os que vão ler e prestar atenção nessas histórias serão justamente os melhores e os mais brilhantes; eles agirão um dia baseados nas visões de vocês, e ao criarem uma nova nação eles darão à palavra "brasileiro" um sentido que foi descoberto inicialmente por vocês.

Eu tenho as minhas esperanças sobre o sentido que essa palavra terá no futuro; penso que quando o Brasil passar a desempenhar um dos papéis principais no teatro internacional, ele terá alcançado essa posição pelo exemplo, não pela conquista. Porque eu acredito que o Brasil irá romper esse seu ciclo de pobreza e corrupção, não pela mão de ferro de algum governo, mas pelo espírito bom do seu povo. Quando um alto funcionário brasileiro se envergonhar de ficar rico às custas do dinheiro público; quando um em-

presário brasileiro deixar voluntariamente seu dinheiro no Brasil, mesmo arriscando-se a algum prejuízo, em vez de entesourá-lo num país remoto; quando um trabalhador brasileiro avaliar o valor do seu trabalho pelo que ele produziu ao final de um dia, e não pelo que ele ganha; quando nenhum brasileiro puder dormir em paz enquanto cada brasileiro não esteja a salvo da fome -- nesse dia a nação brasileira irá liderar as Américas e o mundo, não pela força, mas pela nobreza de seu exemplo e pela grandeza de suas realizações em todos os campos da atividade humana.

E quanto àqueles que não escrevem, mas que lêem com paixão as narrativas de FC e fantasia? Só peço uma coisa: que leiam com sabedoria e esperança. É fundamental que vocês desenvolvam uma convivência crítica dentro da comunidade de FC, porque é somente através de seus comentários que os escritores aprenderão a contar melhor suas histórias, e a contar histórias melhores. E ao mesmo tempo vocês não devem deixar suas críticas a essas histórias brasileiras largarem o bisturi do cirurgião e empunharem o facão do açougueiro. Afinal de contas, vocês não de querem que o paciente sobreviva à operação! Nenhum escritor é inimigo de vocês (mesmo se vocês discordarem de suas idéias ou de suas técnicas) -- pelo simples fato de que é um escritor brasileiro. Existem muitas maneiras de escrever bem, e vocês não devem negar a nenhum autor o direito de ter sua audiência; não devem tentar destruí-los, mas encorajar até mesmo aqueles de cujas obras vocês não gostam, porque os leitores que eles atraírem para a comunidade de FC podem acabar lendo as histórias que vocês acham realmente importantes. Critiquem e incentivem esses escritores, assim como os escritores em geral criticam e incentivam seu próprio país.

E quanto a mim? Que papel posso desempenhar nessa imensa tarefa que vocês têm pela frente? Sou o cidadão de uma nação decadente e enfraquecida, uma nação que em sua busca egoísta do poder e da riqueza não consegue enxergar que seus dias de grandeza e glória já pertencem ao passado. Mas ainda assim eu amo o meu país, e minha obrigação é ajudar meu povo a redescobrir aquela centelha de coragem e sabedoria e bondade que nos tornaram, durante um breve intervalo, os mestres e os libertadores do mundo. Embora eu ame o povo brasileiro e o veja com grandes esperanças, eu não posso contribuir com a FC brasileira, porque a FC brasileira terá que ser criada de dentro para fora, e no Brasil eu serei sempre um estrangeiro e um visitante, não importa o quanto vocês me tratem com afeto e com carinho. Assim, eu olho com gratidão e orgulho os quatro Prêmios Nova que agora estão, eles próprios, orgulhosamente postados numa prateleira na minha biblioteca pessoal; mas eu sei que os prêmios mais importantes são aqueles que vocês concedem aos próprios brasileiros, e os que irão conceder no futuro.

Não obstante sou um cidadão da FC, que não tem fronteiras, e talvez eu possa dar alguma pequena ajuda para fazer com que o resto do mundo conheça as obras de vocês, e para trazer vocês próprios, mesmo que seja de um em um, para fazer parte da comunidade internacional da ficção especulativa. Embora problemas familiares me tivessem impedido de estar presente à World SF Convention, fiquei agradecido pelo fato de Roberto de Souza Causo ter aceitado vir à convenção como meu convidado, e também feliz de ver que Henrique Flory também conseguiu estar presente à WorldCon. Que eles sejam os primeiros a vir às WorldsCons, onde quer que elas se realizem! E para ajudar aqueles que não podem fazer por conta própria uma viagem tão longa, eu assumo o seguinte compromisso. Se vocês criarem um "South American Fan Fund", para reunir fundos e mandar todos os anos um fan para a WorldCon, eu me comprometo a igualar todas as contribuições arrecadadas por vocês, dólar por dólar, até que eu tenha contribuído com a metade dos custos da passagem aérea, hospedagem, refeições e transporte para o fan que vocês escolherem como representante. Designem uma comissão de pessoas de confiança para administrar o fundo e coordenar o processo de escolha; estudem alguma maneira de depositar esse dinheiro de modo a deixá-lo a salvo da voracidade da inflação -- para que ela não leve embora o dinheiro antes que vocês consigam usá-lo. Eu os ajudarei nisso, da maneira que vocês acharem mais apropriada.

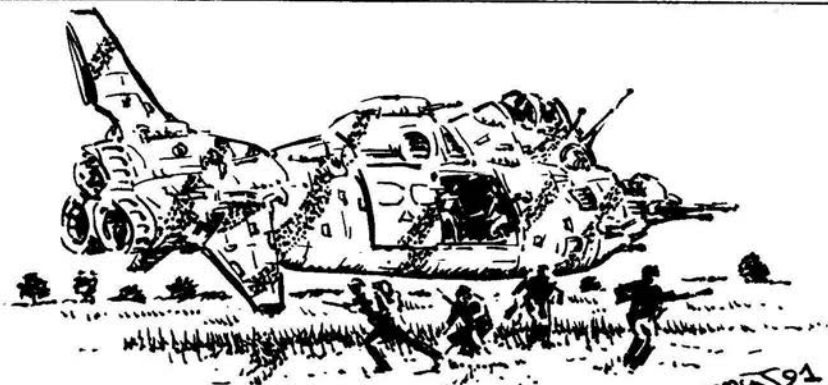
Como a literatura é sempre um empreendimento de risco, pode muito bem acontecer que em dois anos, ou em dez, as vendas dos meus livros comecem a cair, e eu não possa continuar fazendo essa contribuição. Se isso acontecer, espero que me perdoem; mas eu mantereis esse compromisso enquanto me for possível, ou até que o fandom brasileiro -- ou sul-americano ! -- seja grande e próspero a ponto de tornar minha contribuição desnecessária. Em troca disso, os fans e escritores que forem escolhidos para ir à WorldCon devem ter em mente que são os representantes de uma nação e de um continente. Na WorldCon eles irão falar e ouvir em nome de todos vocês, e deverão retornar ao Brasil dispostos a escrever e falar sobre tudo aquilo que eles tiveram a oportunidade de ver, ouvir, dizer, fazer, pensar e sentir.

E uma outra idéia me ocorre : quantos anos se passarão até que a grande WorldCon anual seja realizada no Rio de Janeiro ou São Paulo ou Salvador ou Brasília ? Não tantos quanto alguns de vocês estão pensando ! E quando esse dia chegar, e quando todas aquelas pessoas com roupas esquisitas e imaginações prodigiosas estiverem caminhando pelas calçadas de alguma grande cidade brasileira, haverá seis, ou dez, ou vinte escritores brasileiros de ficção especulativa cujos nomes já serão conhecidos e respeitadas por todos aqueles fans estrangeiros, assim como serão respeitados em seu próprio país, pela grandeza de sua visão e pela beleza de suas palavras. Espero estar entre aqueles que irão a essa WorldCon; e tenho a certeza de que irei encher o saco de muita gente, dizendo-lhes o tempo inteiro que estive presente à primeira InteriorCon, e já naquela época eu sabia que vocês, a comunidade brasileira de FC, dariam um dia uma grande contribuição ao Brasil e àquela literatura que todos nós compartilhamos.

Acabei fazendo o que sempre faço -- falando demais, e talvez apaixonadamente demais. Mas eu já vivi entre vocês, e embora eu saiba que ainda sou um estrangeiro, eu me sinto também como um vizinho, e sei que vocês são meus amigos. Vocês foram carinhosos e generosos comigo, e é difícil para mim falar pouco quando meu coração está tão cheio de coisas para dizer. Portanto, desculpem o tempo enorme que levei para lhes dar esta mensagem, e aceitem meu agradecimento mais sincero pela bondade e generosidade que vocês me deram, e pela sua boa-vontade em passar um breve tempo nos mundos criados nas minhas histórias; eu espero um dia poder passar algum tempo nos mundos criados por vocês.

Sinceramente,
Orson Scott Card.

O original desta mensagem foi trazido por Roberto de Souza Causo e Henrique V. Flory quando de seu retorno da 50ª WorldCon (MagiCon, Orlando CA, 1992), para ser divulgada a todo Fandom brasileiro por intermédio de suas diversas publicações. O primeiro parágrafo foi escrito em português pelo próprio autor e o restante do texto teve tradução de Bráulio Tavares.



FC, Literatura De Entretenimento ?
André Carneiro

Muitas vezes o artista esquece. Um texto pode se limitar e enfraquecer, quando se determina encaixá-lo em uma escola, tendência ou corrente da moda. O escritor não pode olvidar que as classificações são (ou melhor, devem ser) posteriores, relativas e meramente didáticas.

O chamado Concretismo, que passou muito rapidamente em algumas artes, é fruto do progresso tecnológico, a linguagem rápida (e superficial) da televisão. O movimento apelidado de Cyber Punk, que muitos já consideraram acabado, tem as mesmas raízes. Aproximá-lo do "clip" torna-se inevitável. Ambos nasceram do Surrealismo, o "non-sense", a lógica inconsciente da teoria dos sonhos de Freud. A rapidez fica por conta dos meios de comunicação modernos, a mesma voz cálida dos locutores sentados em suas poltronas, olhando vagamente para o "tele-prompter", anunciando com charme os milhões de dólares gastos pela Rosane e sem pausas descrever a morte de centenas de pessoas em um desabamento.

Nenhuma novidade em escolas literárias na literatura é inútil ou dispensável. Sempre provoca reações, estímulos ou rejeições, sempre fica alguma coisa interessante para uso das gerações seguintes.

Dentro desse fenômeno do fanzine, da associação em clubes etc. dos leitores da impropriamente chamada ficção científica, há muitos elementos positivos e alguns que não o são.

Há algumas décadas atrás, em um Congresso de Escritores, em São Paulo, apresentei uma tese que causou muita admiração. Era sobre a importância crescente das Histórias em Quadrinhos, seu valor estético, sua rápida transformação em arte autônoma. Os escritores presentes (com duas exceções, ainda me lembro), encararam aquilo como brincadeira, HQ era coisa de crianças, ninguém de bom senso daria importância para aquelas bobagens. Minha tese passou em branca nuvem. Anos depois, Umberto Eco escreveu seu célebre ensaio sobre o assunto, descobriram que os desenhos de Tarzan eram tão bons quanto os de Leonardo Da Vinci etc. É claro, mesmo que fosse eu quem tivesse escrito o ensaio do Umberto Eco e ele a minha tese, sempre seria ele o citado como o pioneiro na "descoberta" da importância da HQ. Aprendi jovem que o inventor da máquina de escrever foi um padre brasileiro, e seus planos roubados por um "Remington" da vida. Embora Santos Dumont tenha voado pela primeira vez em Paris, saudado e fotografado pela imprensa, os irmãos Wright constam em todas as enciclopédias internacionais como os inventores do "aeroplano" e seu primeiro vôo foi feito com poucas testemunhas e provas. Ser do terceiro mundo (ou quarto, se o Collor não sai) exige uma grande experiência e uma visão abrangente das conjunturas mundiais.

Voltando à FC, sua comunidade de admiradores constitui um caso raro (principalmente nos países analfabetos, como o Brasil), porque cultuam e se reúnem em torno de livros e de uma corrente literária. Não temos notícia que no Brasil exista uma comunidade de "fans" do "Ciclo da Cana de Açúcar" a fazer palestras sobre José Lins do Rego. Será que os jovens sabem quem foi o Zé Lins? O perigo da paixão pela ficção científica está na exclusividade. Naquela minha tese sobre HQ eu terminava dizendo que era necessário que os intelectuais lessem HQ, o perigo só existia para quem lesse "só" histórias em quadrinhos.

Quando Thomas Dish esteve em São Paulo, alguns resolveram diminuí-lo ou criticá-lo pela sua condição de homossexual. Isso simplesmente revela machismo e falta de maturidade. Nenhum intelectual equilibrado vai diminuir Oscar Wilde, André Gide ou Mário de Andrade por esse motivo. Dish é respeitado nos Estados Unidos pela sua obra e, principalmente, pela sua visão crítica. Muitos exagerados "fans" se irritam quando ele critica exatamente o "fanatismo" dos jovens que só lêem FC. A crítica literária nasceu fora e muito antes da FC. Não existe uma crítica para a FC dife-

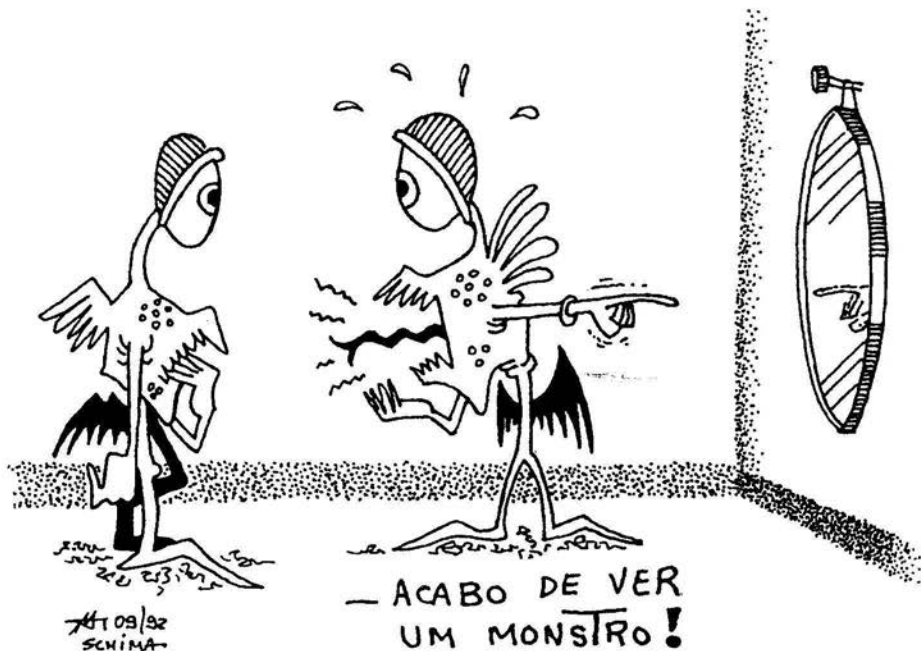
rente daquela que vem sendo feita na literatura de todos os tempos. Evidentemente, um verdadeiro e competente crítico não analisa um romance psicológico sem conhecer Freud, Lacan etc. e nem vai criticar um romance histórico sem conhecer história.

Caímos aqui no velho problema. A FC é somente "literatura de entretenimento"? Uma grande quantidade de críticos acha que sim. Eu acho que não. E, quando cito a qualidade de alta literatura de um Aldous Huxley, Orwell, ou um autor pouco citado, como Daniel Drode, os críticos alegam que esses não podem ser classificados como "escritores de ficção científica", porque fazem trabalhos profundos e de valor literário, não entretenimento. Ultimamente, venho juntando fatos que me levam a pensar que a dinâmica coletividade reunida em torno dos fanzines ou de publicações especializadas da ficção científica assumem e defendem a tese de que a literatura de ficção científica é realmente entretenimento, diversão superficial. Eu fico apenas decepcionado, todos têm o direito de achar "chato" um James Joyce, um Dostoiévski dos "Possessos". Mas, esse leitor não teria coragem de "criticá-los" em um fanzine. O que se tem de elogiar sem restrições na comunidade dos fanzines etc. é a criação literária.

O fanzine é um veículo extraordinário para o início da carreira de um escritor. Entretanto, aquele clima de companheirismo (elogiável), leva à ilusão de que um promissor contista possa também penetrar na criação alheia e classificá-la, diminuí-la, sem possuir os instrumentos de cultura, ética e competência para fazer isso.

Sou obrigado a admitir que, se esses "críticos" acham que a literatura de ficção científica é simplesmente entretenimento, diversão superficial, sem nenhuma ambição de ficar na história literária de um país, então eles estão justificados. Se eles não se divertem com um romance de FC, o romance não presta e eles proclamam isso sem a menor timidez. "Não me diverti, não gostei, então não presta". E escrevem um artigo.

Se eu estiver enganado, ficarei muito feliz de não ter razão. Mas, começo a temer que os maiores responsáveis pela ficção científica ser considerada menor e sem importância sejam, exatamente, fruto dessa desinformação cultural.



STARDATE : O Calendário de Star Trek
R. C. Nascimento

Tem sido frequente observar que um significativo número de trekkers fica intrigado com o calendário utilizado nas séries e filmes de Star Trek. E isto é um fenômeno mundial, pois mesmo nos EUA é surpreendente o número de fãs que desconhece como funciona o esquema de datação referenciado com a famosa frase "Diário de Bordo, Data Estelar ..."

Afinal, o que representa uma Stardate ? será pura ficção, como os próprios filmes aos quais está tão intimamente ligada ?

Na verdade, não. A chamada "Data Estelar" é um sistema de contagem de tempo usado por astrônomos de todo mundo, conhecido como "Dia Juliano", e que recebeu aquela denominação ficcional apenas para se enquadrar no espírito de Star Trek. Este sistema de contagem de tempo foi estabelecido por Joseph Justus Scaliger (1540/1609), um estudioso francês considerado o fundador dos estudos cronológicos modernos

Scaliger, dono de uma sólida formação erudita, estava particularmente interessado em cronologia. Considerou, em seus trabalhos, as histórias grega, romana, egípcia, assíria, caldeia, persa e judaica, além de estudar minuciosamente cada fragmento que pode achar de registros de várias nações bárbaras.

Sua idéia era tentar encontrar uma forma de registrar os acontecimentos históricos independentemente das muitas maneiras utilizadas pelo homem, até então, para marcar a passagem do tempo; ou seja, independentemente dos diversos sistemas de calendário que se haviam criado.

Isto porque, em todos os sistemas estudados por Scaliger, o único elemento comum era o dia. Seria inimaginável que pudesse haver uma cultura, em algum lugar, que não considerasse o dia como unidade natural de tempo; afinal, o nascer e o pôr do sol não poderiam ser ignorados de modo algum - exceto nas regiões polares, claro, mas não consta que qualquer sistema esquimó de calendário tenha chegado ao conhecimento de Scaliger.

Assim, bastaria determinar o dia "1" e, a partir daí, contar os dias ininterruptamente para se ter um sistema de contagem de tempo independente de região, cultura e religião.

Mas, qual seria o dia "1" ? Naturalmente, o ideal seria que o dia "1" fosse, também, o primeiro dia do ano, para que tivesse sentido como calendário. Mas, de qual ano ? Na época de Scaliger, consideravam-se dois "tipos" de ano.

O "ano solar", baseado no movimento do Sol no céu, foi estabelecido pelos egípcios e uma versão ligeiramente modificada foi introduzida em Roma por Julio Cesar, em 45 A.C., recebendo a denominação de "Ano Juliano" em sua homenagem. O ano Juliano tem 365.25 dias, ou seja, 1461 dias em quatro anos. Para se evitarem as frações, organiza-se o calendário com 3 anos de 365 dias e 1 ano de 366 dias -- o chamado "ano bissexto". A vantagem do ano solar é a de manter, juntos, o tempo e as estações climáticas.

O "ano lunar", baseado nas fases da Lua, foi estabelecido pelos sumérios e herdado pelos babilônios, sendo posteriormente adotado por judeus e gregos; ainda hoje é a base para o calendário religioso judaico, sendo também utilizado pelos cristãos para calcular o dia da Páscoa. Neste calendário existem 12 meses lunares, ou seja, o intervalo entre duas luas novas, e cada mês lunar tem aproximadamente 29.5 dias; assim, os meses lunares podem ser alternados em meses de 29 e 30 dias.

Já em 500 A.C. os astrônomos babilônios haviam determinado que, à cada 19 anos solares, correspondiam 235 meses lunares. Assim, num ciclo de 19 anos solares poderiam ter 12 anos lunares de 12 meses cada, e mais 7 anos lunares de 13 meses cada. Ao término do ciclo, o calendário lunar estaria igualado ao calendário solar.

Ora, se o dia "1" fosse 1^a de janeiro e dia de lua nova, então seria o primeiro dia de um ano calendário, de um ano solar e de um ano lunar, simultaneamente, repetindo-se em ciclos de 19 anos. Problema resolvido ? Ainda não, pois persistia uma questão : escolher qual ano, em que 1^a de janeiro fosse dia de lua nova, anterior a todo e qualquer fato histórico conhecido ?

Nos dias de Scaliger, as "eras mundanas" em uso, pelas quais os anos eram contados desde a época da criação bíblica do mundo, colocavam esta criação por volta de 3500 A.C.. Isto significava que qualquer registro histórico seria necessariamente posterior, bastando portanto recuar até por volta daquele ano. Fácil ? Nem tanto.

Scaliger ainda não estava satisfeito, e resolveu considerar também o "ciclo solar". Este nada tem a ver com o Sol enquanto corpo astronômico, mas sim com o dia da semana no qual cai o 1^a de janeiro. Se for um domingo, então inicia-se o ano calendário e a semana. Considerando-se o ano solar já mencionado, um dia 1^a de janeiro que caia num domingo somente se repete em ciclos de 28 anos.

Existiriam anos em que o ciclo solar e o ciclo lunar coincidissem, onde 1^a de janeiro de um ano bissexto caísse num domingo, dia de lua nova, iniciando desta forma a semana e os anos calendário, solar e lunar ?

Sim. Como o ciclo solar é de 28 anos e o ciclo lunar é de 19 anos, e 28 e 19 são números primos, o ciclo combinado é de 532 anos (28 X 19). Ou seja, se 1^a de janeiro de um dado ano bissexto cair num domingo, com lua nova, então o ciclo se repete a cada 532 anos.

O ano de 1140 satisfazia estas condições, e bastaria a Scaliger recuar a partir daí em saltos de 532 anos para chegar até o "ano-base" que procurava. Certo ? Errado : ainda que tivesse desenvolvido até então um sistema bastante sofisticado, Scaliger decidiu introduzir mais um elemento que desse significado adicional ao processo; para isso, optou por considerar a "Indição".

A indição era o ano no qual, pela lei Romana, se fazia o censo das propriedades e dos indivíduos, de modo a assegurar a eficácia do sistema de taxaço. O Imperador Dioclesiano, por volta de 300 A.C., decretou que a indição deveria ocorrer a cada 15 anos; o costume sobreviveu à queda do Império Romano e à época de Scaliger.

Supõe-se que Scaliger considerou a indição por introduzir um número mutuamente primo com os 532 anos do ciclo solar e lunar combinados. Isso significa que o ciclo solar-lunar-indição, combinados, geram o "ciclo Juliano" de 7980 anos (28 X 19 X 15).

Scaliger recuou no tempo até encontrar um ano bissexto que também era um ano de indição, e no qual o dia 1^a de janeiro caía num domingo com uma lua nova. E este ano acabou sendo o ano de 4713 A.C..

A partir daí, basta contar os dias seguidamente para se ter um registro cronológico totalmente independente. Por exemplo, se o cometa Halley alcançou seu periélio num certo "dia juliano" em 1835, e em outro em 1910, basta subtrair um do outro para se estabelecer que o período do cometa foi de 27.183 dias.

É neste sistema que se apóia a "Data Estelar", ou seja, no "Dia Juliano".

Como não seria prático registrar numerais muito grandes, adotou-se o critério de mencionar apenas os quatro últimos dígitos significativos.

Mas, e o dígito após o ponto ? Os astrônomos iniciam o dia juliano ao meio-dia, para deixar as noites, quando as observações são feitas, intocadas pela mudança de dia. Assim, dividindo-se as 24 horas do dia em 10 frações de 144 minutos cada, numerando-as de zero a nove e acrescentando-se o numeral correspondente após a data, pode-se determinar o dia juliano e a hora, ou melhor, a faixa de tempo em que determinado fato ocorreu.

Veja a tabela abaixo :

Numeral	Faixa Horária
0	00:00 - 02:23
1	02:24 - 04:47
2	04:48 - 07:11
3	07:12 - 09:35
4	09:36 - 11:59
5	12:00 - 14:23
6	14:24 - 16:47
7	16:48 - 19:11
8	19:12 - 21:35
9	21:36 - 23:59

Exemplo :

Dia 01/05/1985 - Hora : 16:45

Dia Juliano : 2.446.187

Stardate : 6187.6

"Data Estelar 6187 'ponto' 6".
Assim começaria o diário de bordo na data e faixa horária dadas no exemplo.

Pode-se usar o calendário de referência tradicional, ou "Earth Date" adotando-se, contudo, uma notação semelhante à da "Data Estelar", como forma de se manter o espírito de Star Trek. Para isto, basta adotar a seqüência AAMM.DD como segue :

01/05/1985 - 16:45 h = Stardate (SD) 6187.6 = Earth Date (ED) 8505.1

Os calendários em Stardate, anexos, são rigorosamente exatos e foram calculados com base no "Dia Juliano" real para as datas apontadas. Esperamos que sejam um brinde de interesse para todos os trekkers brasileiros. Recorte, monte, plastifique ... e divirta-se.

-----oooooooo000000oooooooo-----

Bibliografia

Asimov, Isaac - Contando as Eras, Livraria Francisco Alves Editora, São Paulo (SP), 1986

Starfleet Command - Articles of the Federation, Appendix D : Stardate Decimal Chart.

Este artigo foi publicado originalmente no *Trekker's Log*, clubzine do *Trekker's Club*, e está sendo reproduzido em substituição à coluna "Onde Nenhum Homem Jamais Esteve", assinada por Ivo Luiz Heinz, que esperamos esteja de volta no próximo número.

ILUSTRAÇÕES:

Capa: Roberto Schima

Roberto Schima: 22, 24, 38 (replay a pedido do Nascimento), 51, 64, 69 e 3ª capa

Steven Fox: 6 e 47

Ken Fletcher: 29

Kleber I. da Luz: 59

José Carlos Neves: 67

Páginas centrais: Zeo, Schima e Sergioval

**STARDATE - O Calendário de Star Trek
Anexos**

Faça uma cópia xérox de boa qualidade, plastifique e utilize os calendários abaixo como orientação para datar sua correspondência, trabalhos, etc. Caso deseje montar um calendário diário, basta tomar por base o primeiro dia de cada mês do ano desejado e, somando uma unidade, obter o segundo dia do mês e assim por diante.

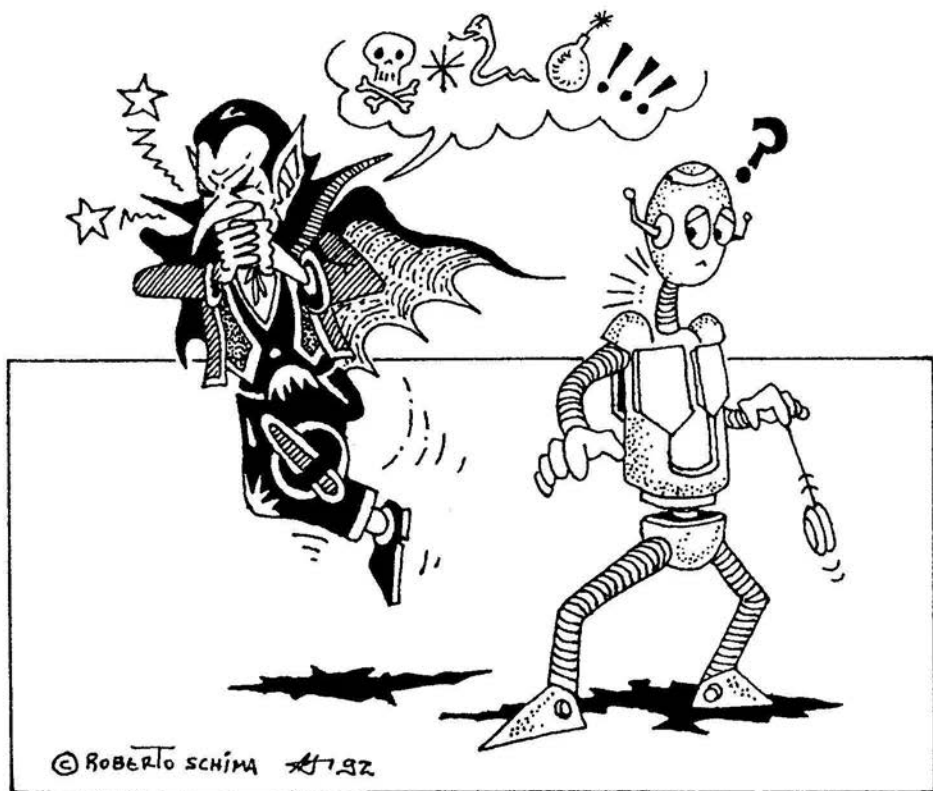
**STARDATE
Data Para o Primeiro Dia do Mês**

	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
JAN	8989	9354	9719	84	450	815	1180	1545
FEV	9020	9385	9750	115	481	846	1211	1576
MAR	9048	9413	9778	144	509	874	1239	1605
ABR	9079	9444	9809	175	540	905	1270	1636
MAI	9109	9474	9839	205	570	935	1300	1666
JUN	9140	9505	9870	236	601	966	1331	1697
JUL	9170	9535	9900	266	631	996	1361	1727
AGO	9201	9566	9931	297	662	1027	1392	1758
SET	9232	9597	9962	328	693	1058	1423	1789
OUT	9262	9627	9992	358	723	1088	1453	1819
NOV	9293	9658	23	389	754	1119	1484	1850
DEZ	9323	9688	53	419	784	1149	1514	1880

**STARDATE
Data Para o Primeiro Dia do Ano**

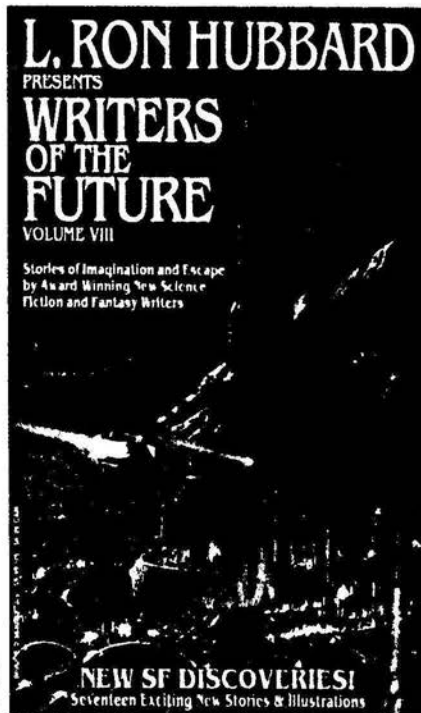
	199X	200X	201X	202X	203X	204X	205X	206X
0	7893	1545	5198	8850	2503	6155	9808	3460
1	8258	1911	5563	9216	2868	6521	173	3826
2	8623	2276	5928	9581	3233	6886	538	4191
3	8989	2641	6294	9946	3599	7251	904	4556
4	9354	3006	6659	311	3964	7616	1269	4921
5	9719	3372	7024	677	4329	7982	1634	5287
6	84	3737	7389	1042	4694	8347	1999	5652
7	450	4102	7755	1407	5060	8712	2365	6017
8	815	4467	8120	1772	5425	9077	2730	6382
9	1180	4833	8485	2138	5790	9443	3095	6748

DRACHULÉ em ATAQUE!!!





ESCAPE TO NEW WORLDS OF IMAGINATION



416 PAGES, \$5.99 BUY YOUR COPY TODAY!

1991/92 award-winning
writers and illustrators at
the National Archives in
Washington D.C.

For more information or to order
the book, please contact:
Bridge Publications
4751 Fountain Avenue
Los Angeles, CA 90029
1-800-722-1733
(1-800-843-7389 in CA)

© 1992 BPI. All rights reserved. Writers of
The Future and Illustrators of The Future
are trademarks owned by L. Ron
Hubbard Library and are used
with its permission.
0800923218

Let the best of the new generation in science fiction and fantasy take you to the edge of reality with seventeen breathtaking and unique new stories.

Travel to distant galaxies, explore new universes, and blaze the trails to worlds not yet known with the writers and illustrators selected by science fiction and fantasy masters for the prestigious Writers of The Future and Illustrators of The Future awards.

This volume also includes the complete entry rules for L. Ron Hubbard's Writers and Illustrators of The Future Contests. Over 150 entrants have won cash prizes and seen their work published since the Contest started. Don't pass up this exceptional opportunity - enter today!

Read the latest in the series that the world of SF has acclaimed for eight years:

"There's an explosion of talent in these pages." - ROCKY MOUNTAIN NEWS

"...packed with raw talent...a must buy ..."
- FANTASY REVIEW

"...the best-selling SF anthology series of all time."
- LOCUS MAGAZINE

